



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Território Cidade, Território Lugar

Edifícios Viola XXI: uma proposta de regeneração de um quarteirão nas
Caldas da Rainha

Ana Rita Cerdeira de Jesus

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Professor Doutor Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor Auxiliar ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Professor Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE,
Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Território Cidade, Território Lugar

Edifícios Viola XXI: uma proposta de regeneração de um quarteirão nas
Caldas da Rainha

Ana Rita Cerdeira de Jesus

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Professor Doutor Arquiteto Pedro Alexandre Aguiar Mendes,
Professor Auxiliar ISCTE, Instituto Universitário de Lisboa

Professor Pedro Viana Botelho, Professor Auxiliar Convidado, ISCTE,
Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Território Cidade, Território Lugar

Edifícios Viola XXI: uma proposta de regeneração de um quarteirão nas Caldas da Rainha

Ana Rita Cerdeira de Jesus
Projeto Final de Arquitetura

ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa
Outubro 2023

Resumo

Palavras-chave:

Vazio Urbano

Espaço Verde

Habitação

Espaço de trabalho coletivo

Este trabalho pretende promover uma leitura crítica sobre a cidade das Caldas da Rainha, em Portugal, e desenvolver propostas de regeneração do espaço através do trabalho de projeto de arquitetura. Na primeira parte, elaborada em turma, analisa-se a cidade nos seus aspetos históricos, culturais, sociais, a sua evolução demográfica e as questões de mobilidade. O objetivo é a identificação dos principais problemas urbanísticos da cidade. Na segunda parte, apresenta-se uma estratégia geral de turma e, onde se insere, em parceria com duas colegas, um percurso verde e pedonal, que pretende resolver alguns problemas e promover as potencialidades da cidade. Nesta estratégia insere-se, também, a proposta individual de regeneração de um quarteirão situado a nordeste – o dos “Prédios Viola” - uma área que materializa muitos dos problemas identificados. A partir do estudo do quarteirão, propõe-se dar resposta aos seus problemas, nomeadamente à circunstância degradada e abandonada da área, às lacunas na habitação, às empenas cegas e à inexistência de espaços verdes. O projeto pretende assim propor uma nova vida para o quarteirão, mantendo a coerência com o carácter histórico, industrial e artístico da cidade das Caldas da Rainha. O projeto devolve o espaço vazio à cidade através de um edificado de uso misto, com habitação e espaços de trabalho adaptados à realidade laboral do tempo presente, e de espaços verdes públicos de permanência.

Abstract

Keywords:

Urban Void

Green Space

Housing

Co-working Space

This study aims to promote a critical reading of the city of Caldas da Rainha, in Portugal, and develop proposals for regenerating the space through architectural design. In the first part, prepared in the classmates, the city is analyzed in its historical, cultural and social aspects, and its demographic evolution and mobility issues. The objective is to identify the city's main urban problems. In the second part, a general class strategy is presented and, in partnership with two colleagues, a green and pedestrian route is included, which aims to solve some problems and promote the city's potential. This strategy includes as well the individual proposal for the regeneration of a block located at the northeast – the “Viola Buildings” – an area which embodies many of the problems identified previously. After the study of the block, it is proposed to answer to its problems, mainly the degraded and abandoned condition of the area, the lacks in housing, the blind gables and the lack of green spaces. The project thus aims to propose a new life for the block, maintaining coherence with the historical, industrial and artistic character of the city of Caldas da Rainha. The project gives back this empty space to the city through a mixed-use building, with housing and work spaces adapted to the current working reality, and public green spaces for permanence.

Agradecimentos

Aos meus orientadores, Professor Pedro Mendes e Professor Pedro Botelho, por toda a sabedoria partilhada e toda a aprendizagem que levarei comigo pela vida fora.

À Câmara Municipal das Caldas Rainha e à Associação Destino Caldas, pela disponibilidade demonstrada e pelo apoio dado no desenvolvimento deste Projeto Final.

Ao meu João, por toda a ajuda na concretização deste trabalho e ao longo dos últimos 5 anos, e por ser a minha força para continuar.

À minha mãe, Amélia, por todo o apoio ao longo destes 5 anos e durante toda a minha vida.

Ao meu irmão, pelo seu enorme contributo na revisão deste trabalho e pelas palavras de incentivo e de apoio.

Aos meus amigos e colegas, pela amizade e companheirismo todos os dias e pelas palavras de apreço nesta etapa.

Índice

1 Introdução	19
1.1 Metodologia	22
2 Leitura Crítica do Território	25
2.1 Biofísica	26
2.1.1 Mapa de Enquadramento e Linhas de Água	26
2.1.2 Carta Geológica	28
2.2 Evolução Histórica	30
2.2.1 Origem das Caldas da Rainha	30
2.2.2 Crescimento da vila das Caldas	30
2.2.3 De vila a cidade: as Caldas da Rainha na época contemporânea	30
- Termalismo e expansão urbana	30
- A indústria cerâmica	32
2.3 Atualidade	36
2.3.1 Evolução Demográfica e Económica	38
2.3.2 Mapeamento de usos ao nível do piso térreo	40
2.3.3 Mobilidade	42
2.3.4 Análise SWOT	46
2.3.5 Edifícios Relevantes	52
- Antiga Fábrica Bordalo Pinheiro	54
- Antiga Fábrica SECLA	55
- Centro Cultural e de Congressos	56
- Museu José Malhoa	57
- Silos	58
- Escola Superior de Artes e Design	59
- Estação de Caminhos de Ferro	60
- Praça 25 de Abril	61
3 Projeto	63
3.1 Enquadramento das Caldas da Rainha no século XX	64
3.1.1 Local de intervenção	66
- O quarteirão	66
- Os “Prédios Viola”	68
3.2 Estratégia Geral	70
3.2.1 Vazios Urbanos e o Espaço Verde	72
3.2.2 Habitação	78
3.2.3 Espaço de Trabalho Coletivo/co-working	80
3.3 Proposta	82
4 Conclusão	103
5 Referências	107
6 Referências Bibliográficas	121
7 Anexos	131



Figura 1: Fotografia aérea da cidade das Caldas da Rainha.

Índice de Figuras

Figura 1: Fotografia aérea da cidade das Caldas da Rainha, s. d.. Externato Ramalho Ortigão. Disponível em WWW: <<http://externatoramalhoortigao.blogspot.com/2011/11/caldas-da-rainha-anos-20.html>>.

Figura 2: Estátua de Rafael Bordalo Pinheiro e Zé Povinho. (Sofia Ferrinho, 2022).

Figura 3: Praça da Fruta (Praça da República). (Joana Leite, 2022).

Figura 4: A linha ferroviária e os silos. (Sofia Ferrinho, 2022).

Figura 5: Mapa de Enquadramento: Portugal Continental. (Sofia Ferrinho).

Figura 6: Mapa de linhas de água desenvolvido a partir da aplicação QGIS e do Google Earth. (Sofia Ferrinho).

Figura 7: Mapa da composição de solos na área de estudo, adaptado de Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. (turma). Disponível em WWW: <<https://almamater.uc.pt/bibletras/item/44989>>.

Figura 8: Mapa de composição de solos na cidade das Caldas da Rainha, adaptado de Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Carta geológica - Portugal. Lisboa: [s. n.], 1952. (turma). Disponível em WWW: <<https://almamater.uc.pt/bibletras/item/44989>>.

Figura 9: Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511. Serra, João B. (2003). *21 anos, pela História, Caldas da Rainha*. s. l.: PH – Estudos e Documentos, p. 293.

Figura 10: Planta da Vila das Caldas de 1742, da autoria de João Pedro Ludovice. Serra, João B. (2003). *21 anos, pela História, Caldas da Rainha*. s. l.: PH – Estudos e Documentos, p. 54.

Figura 11: Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçado frente-poente. Serra, João B. (2003). *21 anos, pela História, Caldas da Rainha*. s. l.: PH – Estudos e Documentos, p. 390.

Figura 12: Hospital antes do 3º piso projetado por Rodrigo Berquó. Serra, João B. (2003). *21 anos, pela História, Caldas da Rainha*. s. l.: PH – Estudos

e Documentos, p. 309.

Figura 13: Caldas da Rainha 1925. Desenho de Fernando Correia (1893-1967). Tomaz, Matilde [et. al.] (2010). *O Museu José Malhoa, as Caldas e a República: Centenário da República, 1910-2010*. 1ª ed. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação - Museu José Malhoa.

Figura 14: Fábrica de Faiança das Caldas da Rainha. *21 anos, pela História, Caldas da Rainha*. s. l.: PH – Estudos e Documentos, p. 314.

Figura 15: Interior da loja do Pavilhão de vendas Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro. Serra, João B. [et. al.] (1998). *Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes*. s. l.: As-sírio & Alvim.

Figura 16: Chegada do Caminho de Ferro às Caldas pelo traço de Bordalo Pinheiro (Pontos nos ii, 30/06/1887 - Coleção J.B.S.). Rodrigues, Luís Nuno [et. al.] (1993). *Terras de Água – Caldas da Rainha, História e Cultura*. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. p. 301.

Figura 17: Ortofotomapa da cidade das Caldas da Rainha. Março de 2023. Google Earth.

Figura 18: População residente por grupo etário no município. Dados retirados de Censos 2021, 2011 e 2001. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. (turma).

Figura 19: «Edifícios por época de construção no município». Censos 2021, 2011 e 2001. (Lisboa: Instituto Nacional de Estatística).

Figura 20: Mapeamento de usos a nível do piso térreo, baseado no Google Earth. (turma).

Figura 21: Mapa de transportes públicos (ferroviário e rodoviário) para a cidade. (turma).

Figura 22: Mapa de ligações rodoviárias da cidade. (turma).

Figura 23: Autocarro da rede de transportes TOMA. (Sofia Ferrinho, 2022).

Figura 24: Mapa de percursos do transporte público da cidade, TOMA. (turma).

Figura 25: Tabela SWOT com base nas ideias de

turma. (Ana Rita Jesus).

Figura 26: Maqueta da cidade das Caldas da Rainha. (turma).

Figura 27: Mapeamento de espaços vazios e edifícios relevantes. Escala 1:5 000. (turma).

Figura 28: Planta de implantação das propostas de intervenção de turma. (turma).

Figura 29: Mapeamento de edifícios relevantes. Escala: 1:10 000. (David Serralheiro).

Figura 30: «Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha». (Miguel Chaby, s.d.). Arquivo digital: Caldas da Rainha em postais ilustrados. Disponível em WWW: <<http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais/CaldasRaiPost13.htm>>

Figura 31: Rã em cerâmica, artigo da loja da Fábrica. Go Caldas. s.d.. Fábrica Bordallo Pinheiro. 31 dez. 2014. [Consult. 03 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gocaldas.com/fabrica-bordallo-pinheiro/>>.

Figura 32: Exterior da Fábrica Bordallo Pinheiro, atualmente. Go Caldas. s.d.. Fábrica Bordallo Pinheiro. 31 dez. 2014. [Consult. 03 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gocaldas.com/fabrica-bordallo-pinheiro/>>.

Figura 33: «Secla anos 50». Gouveia, Liliana (2019). Biblioteca de um ceramista industrial (1880-1980), Exposições, Núcleo 3 - A Fábrica SECLA. *Instituto Politécnico de Leiria*. 12 mar. 2019. [Consult. 10 jan. 2023]. Disponível em WWW: <<https://sites.ipleiria.pt/projetocp2s/2019/03/12/nucleo-3-fabrica-secla/>>.

Figura 34: «Secla». Gouveia, Liliana (2019). Biblioteca de um ceramista industrial (1880-1980), Exposições, Núcleo 3 - A Fábrica SECLA. *Instituto Politécnico de Leiria*. 12 mar. 2019. [Consult. 10 jan. 2023]. Disponível em WWW: <<https://sites.ipleiria.pt/projetocp2s/2019/03/12/nucleo-3-fabrica-secla/>>.

Figura 35: Saída da Fábrica. Narciso, Natacha, JLAS (2018). Recordar a Secla que, se existisse, teria 70 anos. *Gazeta das Caldas*. 26 janeiro 2018. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <[https://gazeta.dascaldas.pt/sociedade/recordar-secla-existisse-](https://gazeta.dascaldas.pt/sociedade/recordar-secla-existisse-teria-70-anos/)

[teria-70-anos/](https://gazeta.dascaldas.pt/sociedade/recordar-secla-existisse-teria-70-anos/)>.

Figura 36: «Centro de Congressos e Cultura das Caldas da Rainha». ARIPA Arquitectos. (Ricardo Gonçalves, s. d.). [Consult. 08 jan. 2023]. Disponível em WWW: <http://www.aripa.pt/?id_page=7&action=projecto&id_categoria=1&id_projecto=3>.

Figura 37: Exterior do CCCR. (Joana Leite, 2022).

Figura 38: Auditório do CCCR. ARIPA Arquitectos. (Ricardo Gonçalves, s. d.). [Consult. 08 jan. 2023]. Disponível em WWW: <http://www.aripa.pt/?id_page=7&action=projecto&id_categoria=1&id_projecto=3>.

Figura 39: «Museu José Malhoa (no parque)». (Miguel Chaby, s.d.). Arquivo digital: Caldas da Rainha em postais ilustrados. Disponível em WWW: <<http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais/CaldasRaiPost14.htm>>

Figura 40: «Museu José Malhoa: edifício e jardim». Museu José Malhoa (2021). DGPC/DMCC. [Consult. 18 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-jose-malhoa/>>.

Figura 41: «Museu José Malhoa: exposição». Museu José Malhoa (2021). DGPC/DMCC. [Consult. 18 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-jose-malhoa/>>.

Figura 42: Logótipo Ceres. Oeste (2011, 29 abril). 100 anos da CERES: HUB Criativo e Empreendedor floresce em moagem centenária nas Caldas da Rainha, *Alvorada*. [Consult. 23 fev. 2023]. Disponível em WWW: <<https://opensourcelocationscouting.blogspot.com/2014/03/silos-contentor-criativo-caldas-da.html>>.

Figura 43: Fábrica de Moagem. Silos Contentor Criativo, Caldas da Rainha. *ESCS - Open Source Location Scouting*. [Consult. 23 fev. 2023]. Disponível em WWW: <<https://opensourcelocationscouting.blogspot.com/2014/03/silos-contentor-criativo-caldas-da.html>>.

Figura 44: Interior dos silos, atual espaço para ex-

Índice de Figuras

posições. (Sofia Ferrinho, 2023).

Figura 45: Exterior da ESAD. Artes Plásticas na ESAD.CR. [Consult. 03 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://licenciaturaapesadcr.wordpress.com/>>.

Figura 46: Exterior da ESAD. (Joana Leite, 2022).

Figura 47: «Vista Posterior» do Hospital de Santo Isidoro (atual biblioteca). Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Direção-Geral do Património Cultural. s. d.. [Consult. 03 set. 2023]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28094>.

Figura 48: «Estação de Caminhos de ferro». (Miguel Chaby, s.d.). Arquivo digital: Caldas da Rainha em postais ilustrados. Disponível em WWW: <<http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais/CaldasRai-Post12.htm>>.

Figura 49: Fachada principal da Estação de Caminhos de Ferro. (Sofia Ferrinho, 2022).

Figura 50: Plataformas da Estação de Caminhos de Ferro. (Sofia Ferrinho, 2022).

Figura 51: Praça 25 de Abril antes do parque de estacionamento subterrâneo. Redação (2010). Parque de estacionamento subterrâneo na Praça 25 de Abril. *Gazeta das Caldas*. 18 jun. 2010. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/sociedade/parque-de-estacionamento-subterraneo/>>.

Figura 52: «Praça 25 de Abril», atualmente. Castro, Pedro (2016, 1 dezembro). Praça 25 de Abril. *Visitar Portugal*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.visitarportugal.pt/leiria/caldas-rainha/caldas-rainha/praca-25-abril>>.

Figura 53: Igreja Nossa Senhora da Conceição. Luminária urbana FLEXIA nas Caldas da Rainha. *Schröder*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://pt.schreder.com/pt/projetos/luminaria-urbana-led-flexia-oferece-ambiente-urbano-confortavel>>.

Figura 54: Planta executada a partir de fotografias aéreas, 1957 e 1982. Câmara Municipal de Caldas

da Rainha. (Fotografias nos Anexos). (Ana Rita Jesus).

Figura 55: “Prédios Viola” na «década de 40, autor desconhecido Espólio PH». Redação (2013, 26 janeiro). ontem & hoje. *Gazeta das Caldas*. [Consult. 07 mar. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/sociedade/ontem-hoje-22/>>.

Figura 56: Excerto do Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha, de Paulino Montez, aprovado em 1953. DGOTDU. (Documento nos Anexos).

Figura 57: “Prédios Viola” e oficinas SEOL. Tibério, Rui (2003). “Prédio do Viola” recuperado e inserido em empreendimento de 92 apartamentos. *Gazeta das Caldas*. 11 abril 2003, p. 8. Arquivo Histórico da Biblioteca da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

Figura 58: Interior do quarteirão. (Júlio Ferreira, 2021). [Consult. 22 dez. 2022]. Facebook.

Figura 59: Fachada principal do “Prédio Viola” na Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva. (Ana Rita Jesus, 2022).

Figura 60: Planta do piso térreo dos “Prédios Viola” adaptada de «Levantamento topográfico, Planta de implantação». Processo n.º 01/1948/29. 26 jun. 2018. Divisão de Gestão Urbanística e Planeamento, Unidade de Gestão Urbanística. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. (Ana Rita Jesus).

Figura 61: Distribuição vertical do bloco A. (Joana Leite, 2022).

Figura 62: Interior do quarteirão vazio. (Ana Rita Jesus, 2022).

Figura 63: Separador central com estacionamento, na Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva. (Ana Rita Jesus, 2022).

Figura 64: Discrepância de alturas. (Joana Leite, 2022).

Figura 65: Esboço de proposta de distribuição e de atravessamento do quarteirão. (Ana Rita Jesus).

Figura 66: Mapeamento de espaços de trabalho. Escala: 1:5 000. (Ana Rita Jesus).

Figura 67: Vista do quarteirão do Jardim Fernando Pessa, em Lisboa. Google Earth Pro.

Figura 68: Axonometria de proposta do percurso verde, em parceria com colegas. Escala 1:1 000. (Ana Rita Jesus).

Figura 69: Planta de implantação da proposta de percurso verde, em parceria com as colegas. Escala 1:1 000. (Ana Rita Jesus).

Figura 70: FPM41. Redação (2018, 5 junho). Venda da torre de escritórios Fontes Pereira de Melo 41 pode chegar aos 120 milhões. *Idealista*. [Consult. 07 set. 2023]. Disponível em WWW: < <https://www.idealista.pt/news/imobiliario/escritorios/2018/06/04/36423-venda-da-torre-de-escritorios-fontes-pereira-de-melo-41-pode-chegar-aos-120-milhoes>>.

Figura 71: Colagem de um excerto do percurso verde proposto - Rua 31 de Janeiro. (Maria Inês Vieira).

Figura 72: Esboço de programas propostos: uso misto com habitação, zonas de trabalho e serviço. (Ana Rita Jesus).

Figura 73: «Bloco das Águas Livres, 1956, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Cabral.». Furtado Gonçalo, Paulo, Alexandra. *A Arquitetura Portuguesa: O trajeto do século XX e os desafios do século XXI*. *Artecapital*. s. d.. [Consult. 22 ago. 2022]. Disponível em WWW: < https://www.artecapital.net/arq_des-177-a-arquitetura-portuguesa-o-trajeto-do-seculo-xx-e-desafios-do-seculo-xxi>.

Figura 74: «Planta dos andares (4º ao 11º piso)». Bloco das Águas Livres. *RM Arquitectura*. [Consult. 22 ago. 2022] Disponível em WWW: <<https://www.rui-mendes.net/bloco-das-aguas-livres/>>.

Figura 75: «Interior Open Office Atrium with Skylights». Malloy, Jerry (2011). The Larkin Administration Building - A 'Wright' of Passage in Buffalo. *The Buffalo History Gazette*. 4 out. 2011. [Consult. 20 set. 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.buffalohistorygazette.net/2011/10/larkin-administration-building-of.html>>.

Figura 76: Interior do Office Pillar Grove. (Toshiyuki

Yano). «Bosque de pilares/Mamiya Shinichi Design Studio». *ArchDaily Brasil*. 12 jan 2016. [Consult. 20 mar. 2022]. Disponível em WWW: <https://www.archdaily.com.br/br/780181/bosque-de-pilares-mamiya-shinichi-design-studio?ad_medium=gallery>.

Figura 77: Planta de piso térreo do edificado. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 78: Plantas dos pisos de habitação e do bloco de trabalho maior. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 79: Esboço de estrutura e iluminação: consola de estrutura metálica e lajes de betão armado.

Figura 80: Esboço de perspetiva interior do bloco menor de trabalho com esquema de luz. (Ana Rita Jesus).

Figura 81: Plantas do bloco de trabalho mais pequeno. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 82: Corte transversal, pelo bloco de trabalho mais pequeno. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 83: Alçado sudeste. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 84: Corte longitudinal, pelo bloco de trabalho maior e pelo edifício de habitação. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 85: Colagem com materialidades do alçado sudeste e perspetiva do espaço verde. (Ana Rita Jesus).

Figura 86: Colagem com materialidades do alçado nordeste. (Ana Rita Jesus).

Figura 87: Corte transversal, pelo bloco de trabalho mais pequeno. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 88: Alçado nordeste. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 89: Corte longitudinal, pelo bloco de trabalho menor e corte transversal pelo maior. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 90: Axonometria isométrica do quarteirão com a proposta verde e construída. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

Figura 91: Perspetiva interior do espaço de trabalho maior com materialidades. Escala 1:50. (Ana Rita Jesus).

Índice de Figuras

Figura 92: Perspetiva da entrada pelo pórtico, para dentro do quarteirão. (Ana Rita Jesus).

Figura 93: Perspetiva do ambiente do espaço verde, dentro do quarteirão. (Ana Rita Jesus).

Figura 94: Praça do Museu da Cultura, Basileia, Suíça. Herzog & de Meuron, 2010. Imagem de Museum der Kulturen Basel. Minner, Kelly (2011). Update: Museum der Kulturen Basel/Herzog & de Meuron. *ArchDaily*. 07 out. 2011. [Consult. 02 dez. 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.archdaily.com/174782/update-museum-der-kulturen-basel-herzog-de-meuron>>.

Figura 95: «Escola Superior de Música do Instituto Politécnico de Lisboa», Portugal. Carrilho da Graça Arquitectos. 2008. (FG+SG fotografia de arquitectura, s. d.). [Consult. 02 dez. 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.carrilhodagraca.pt/esml>>.

Figura 96: UP Co-working Factory, Beijing, China. DL Atelier, 2014. Architizer. [Consult. 22 mar. 2022]. Disponível em WWW: <<https://architizer.com/idea/1963061/>>.

Figura 97: Unité d'Habitation, Le Corbusier, 1952. (Gili Merin, s. d.). Kroll, Andrew (2023). Architecture Classics: Unite d' Habitation/Le Corbusier. *ArchDaily*. 10 fev. 2023. [Consult. 10 set. 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.archdaily.com/85971/ad-classics-unite-d-habitation-le-corbusier>>.

Figura 98: Walden 7, Barcelona, Espanha. Ricardo Bofill, 1975. [Consult. 15 abr. 2022]. Disponível em WWW: <<https://ricardobofill.com/projects/walden7-2/>>.

Figura 98: «Entrance Lobby, looking outside at the alley of holly trees». Kimbell Art Museum, Texas, EUA. Louis Kahn, 1972. Lowe, Robert (2020). Architectural Review: Contemplating the Kimbell. *Appitecture*. 10 abr. 2020. [Consult. 10 maio 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.appitecture.net/place-and-perspectives/2020/14/4/contemplating-the-kimbell>>.

Figura 100: Troço do corredor verde. (Diogo Lopes, s. d.). Corredor Verde. *Trienal de Arquitectura de*

Lisboa. s. d. [Consult. 8 fev 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/corredor-verde/>>.

Figura 101: «Envolvente - Jardim Fernando Pessa». Fórum Lisboa - Casa da Cidadania. *Assembleia Municipal de Lisboa*. [Consult. 10 set. 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.am-lisboa.pt/203500/1/index.htm>>.

Figura 102: Vista geral do edifício e envolvente. FPM41 - Office Building. *Skinde*. s. d.. [Consult. 10 set. 2022]. Disponível em WWW: <<https://www.skinde.pt/en/team-experience/fpm41-office-building-lisbon>>.

Figura 103: Interior do edifício. Fotografia de Toshiyuki Yano. «Bosque de pilares/Mamiya Shinichi Design Studio». *ArchDaily Brasil*. 12 jan 2016. [Consult. 20 mar. 2022]. Disponível em WWW: <https://www.archdaily.com.br/br/780181/bosque-de-pilares-mamiya-shinichi-design-studio?ad_medium=gallery>.

Figura 104: Exterior do edifício. Bloque de Águas Livres. *Fundación Docomomo Ibérico*. s. d. [Consult. 20 ago. 2022]. Disponível em WWW: <<https://docomomoiberico.com/edificios/bloque-de-aguas-livres/>>.



Figura 2: Estátua de Rafael Bordalo Pinheiro e Zé Povinho.
(Sofia Ferrinho, 2022).

1

Introdução

Introdução

O trabalho de Projeto Final de Arquitetura tem como objetivo, através do exercício de projeto e promovendo a reflexão crítica sobre a arquitetura, a cidade e o espaço, apresentar propostas regeneradoras da cidade das Caldas da Rainha. Trata-se de uma cidade rica em património histórico, que cresceu e se desenvolveu - tanto a nível económico como demográfico - em torno da sua atividade termal e da sua tradição cerâmica.

Aldo Rossi oferece algumas pistas para ler a cidade simultaneamente enquanto espaço e entidade. Rossi considera que a cidade é uma entidade dinâmica, já que uma das características da malha urbana é a sua mutabilidade, por diversos fatores, como as guerras e a consequente destruição ou a gentrificação e o abandono, que alteram o carácter e as necessidades do habitante e da própria cidade. O que permanece são os momentos urbanos, os «elementos primários, quais pontos fixos da dinâmica urbana» (Rossi, 2021: 29). A cidade é entendida como um artefacto humano, resultante do sistema urbano e arquitetónico, que tem «consciência e memória de si própria» (Rossi, 2021: 27) como um palimpsesto que vai acumulando as várias alterações desde a sua origem. Assim, a passagem do tempo influencia «os motivos do seu próprio desenvolvimento» (Rossi, 2021: 29) e cria essa mutabilidade no tecido urbano, como é possível verificar no caso das Caldas da Rainha: os diferentes motores do seu desenvolvimento ao longo da história - termalismo, indústria cerâmica - deixaram as suas marcas no espaço da cidade, como é o caso do Hospital Termal, do Parque D. Carlos I ou da Antiga Fábrica Bordallo Pinheiro.

Do ponto de vista humano, é possível afirmar, na linha do sociólogo Louis Wirth, que a cidade é composta por um «núcleo relativamente denso e permanente de indivíduos socialmente heterogéneos» (Wirth, 1956), todos com diferentes necessidades e expectativas que o espaço tem de acomodar. Isso é igualmente visível nas Caldas da

Rainha. Como será demonstrado mais à frente, o núcleo urbano caldense acolheu ao longo do tempo diferentes grupos sociais, alguns deles com necessidades bastante diversas e específicas, como os turistas que frequentavam as termas ou os operários das unidades de produção cerâmica. Hoje essa diversidade permanece, coexistindo na cidade estudantes do ensino superior e criadores artísticos, que apresentam necessidades específicas de habitação e de espaço de trabalho, para além dos habituais trabalhadores do setor dos serviços. Estas premissas da heterogeneidade dos habitantes, da existência de elementos fixos, e da mutabilidade do espaço interessam particularmente para a formulação do percurso de investigação por detrás deste trabalho.

O trabalho divide-se em duas partes, uma primeira realizada em turma onde se propõe uma leitura crítica sobre a cidade e uma segunda parte, individual, de desenvolvimento de projeto. De um prisma metodológico, a consulta de fontes de vários tipos, a realização de diversas visitas à cidade, e a oportunidade de falar com alguns dos habitantes das Caldas da Rainha, foram os elementos que permitiram conhecer melhor a cidade e identificar algumas fragilidades. Alguns pontos nomeados são a falta de espaços verdes, a quantidade de espaços vazios não aproveitados, a diferença de escalas entre edifícios, o excesso de automóveis nas ruas e a falta de habitação. Esta abordagem, alinha-se com Albert Camus, quando afirmava que a melhor maneira «de travar conhecimento com uma cidade é perceber como o seu povo vive: como trabalha, como ama, e como morre» (Camus, 1947: 10).

Assim, a primeira parte do trabalho é dividida em três fases e executadas em grupo. Na primeira fase, é apresentada a evolução histórica da cidade desde a sua origem até à atualidade, com enfoque em aspetos humanos, sociais e culturais. De seguida, abordam-se as questões do território, como a evolução demográfica, a biofísica e a mobili-

dade - interna e interurbana. Numa última fase, apresenta-se a análise feita pela crítica e compreensão da cidade (*SWOT Analysis*), enumerando forças, fragilidades, oportunidades, e ameaças, resultantes da observação da cidade. Paralelamente, são elencados os edifícios de interesse público que fazem parte da história das Caldas da Rainha e que se consideram determinantes para o entendimento da evolução e a dinâmica social atual. Todos estes aspetos e questões ajudam a fazer uma caracterização da cidade de forma a propor soluções coerentes com o edificado, com a história e com a vivência dos seus habitantes.

Na segunda parte, desenha-se uma proposta de uma estratégia geral com aplicações individuais, que se propõe a resolver algumas das fragilidades identificadas e a valorizar as potencialidades da cidade. Os estudantes desenvolvem, individualmente propostas de reabilitação em vários pontos da cidade, nomeadamente em ruínas, espaços vazios e comunicações pedonais relevantes para a cidade. Dentro dessa estratégia geral, e em colaboração direta com as colegas Adriana do Carmo e Maria Inês Vieira, propõe-se um percurso verde e pedonal com o objetivo de melhorar as ligações e regenerar espaços vazios da zona a norte da Praça 25 de Abril. O percurso atravessa os três locais de intervenção – o apresentado neste trabalho e os trabalhados pelas colegas. A escolha do quarteirão a intervir no presente trabalho, em particular, onde estão inseridos os “Prédios Viola”, resulta da consideração de que este apresenta algumas das fragilidades identificadas na análise. Os “Prédios Viola”, dos meados do século XX, são um importante elemento da cidade que está negligenciado e o espaço envolvente apresenta carências como espaços vazios desaproveitados, a prioridade do automóvel e empenas inacabadas. O projeto proposto para o quarteirão, os Edifícios Viola XXI, para além de reabilitar um vazio urbano, incorpora um edifício de habitação coletivo, de uso misto,

com um espaço de convívio, e dois edifícios para espaços de trabalho coletivo. Incorpora-se, portanto, na lógica de mutabilidade do espaço a partir de elementos fixos e pré-existentes que foi atrás referida.

Os aspetos identificados na análise geral refletem-se no local de intervenção e procura-se dar-lhes uma resposta, que resolva ou ajude a mitigar os problemas identificados, através de propostas de espaços verdes de permanência e remate de empenas. Apontam-se, ainda, aspetos que poderão ser melhorados como a pouca habitação na cidade e a falta de espaços de trabalho a norte do centro histórico. Assim, propõe-se novos equipamentos para diferentes tipologias de trabalho e de mais habitação para visitantes e residentes, cerzindo um pequeno pedaço da cidade, com a regeneração do quarteirão através de programas úteis e de um novo espaço verde de qualidade para os habitantes.



Figura 3: Praça da Fruta (Praça da República).
(Joana Leite, 2022).

1.1 Metodologia

Durante a análise, os diversos grupos foram, em primeiro lugar, responsáveis pela recolha de informação, nomeadamente, documentos históricos e cartográficos, dados retirados dos Censos/INE, mapeamento de utilizações ao nível do solo e de estrutura geológica. Entretanto, de modo a preparar a investigação *in situ*, elaborou-se uma planta à escala 1:2000 para a primeira visita à cidade, com a duração de um dia, no final de setembro de 2022. Nessa planta, através de vários *layers*, mapearam-se os espaços vazios (tanto os murados vazios como os em ruína, e os utilizados para estacionamento), espaços públicos e espaços verdes com os quais nos fomos deparando, para assim transmitir a ideia do que é a cidade atualmente. Em paralelo com esta identificação, procurou-se compreender os edifícios e espaços notáveis da cidade. Verificou-se que estes se encontram ao longo de toda a extensão da cidade e que, acompanham e marcam o crescimento do território, predominantemente no lado nascente, tais como a Praça da Fruta, o Parque D. Carlos I, o Hospital Termal, a ESAD (Escola Superior de Arte e Design), a estação de caminhos de ferro, entre outros.

Numa nova visita de três dias em meados de outubro de 2022, realizou-se um processo simultâneo ao anterior. No entanto, dessa vez o objetivo foi o reconhecimento do espaço e de oportunidades existentes e como tal, o conhecimento da cidade através do ato de caminhar. Como defende o arquiteto Francesco Careri, o caminhar é uma arte antepassada, mas é, a partir dessa simples ação, que se desenvolvem as relações mais importantes que o homem estabelece com o território (Careri, 2002: 20).

No fim deste processo, afinando os pormenores e alinhando o pensamento de propostas com a reavaliação de todos os dados recolhidos até ao momento, terminou-se com a Análise SWOT (*SWOT Analysis*). Esta análise propõe-se a enumerar forças, fragilidades, oportunidades e

ameaças resultante da observação da cidade. Percebe-se assim, que a cidade apresenta um conjunto de características relevantes: falta de espaços verdes e de permanência; elevado número de automóveis a ocupar a via pública e passeios; excesso de estacionamento dentro da cidade e discrepância nas cérceas.

Após a finalização da análise geral, faz-se uma reflexão crítica sobre as oportunidades que a cidade tem para explorar os espaços vazios e desaproveitados, apresentando propostas de regeneração de pequenas porções da cidade, individualmente.

No processo individual, tenta perceber-se os locais de maior potencial sobre os quais trabalhar - aí nasceu o interesse pelo quarteirão dos “Prédios Viola”. O primeiro passo foi o estudo da volumetria da proposta e chega-se ao volume final relativamente rápido, através de desenhos e maquetas. Quanto ao interior, houve bastantes tentativas de exploração das plantas e dos espaços. Paralelamente, faz-se um trabalho de pesquisa sobre o local de intervenção no arquivo histórico municipal, à guarda da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha, e sobre os temas teóricos abordados neste trabalho (espaços vazios e verdes, habitação, espaços de trabalho) com apoio de livros, dissertações e artigos.

De modo a concluir o trabalho, realizou-se uma nova planta a 1:2000, com todas as propostas dos estudantes, em conjunto com o intuito de perceber os melhoramentos e as vivências que se criam para a cidade.



Figura 4: A linha ferroviária e os silos.
(Sofia Ferrinho, 2022).

2.1 Biofísica

2.1.1 Mapa de Enquadramento e Linhas de Água

Um dos pontos de análise foram as questões biofísicas da zona oeste do país, com natural incidência da área da cidade das Caldas da Rainha, situada na zona litoral de Portugal continental, no distrito de Leiria. Desta forma, foi particularmente importante perceber os usos do solo através do Plano Diretor Municipal da cidade, com incidência nas linhas de água e nos tipos de solo - com recurso ao programa QGIS e ao Google Earth.

No que toca aos tipos de solos [2.1.2 Carta Geológica (Figuras 7 e 8)], nota-se que se encontram solos maioritariamente do Jurássico, ou seja, Grés e Argilas de diversas cores e, Pliocénico, Brechas Calcárias. Conclui-se que estes aspetos biofísicos configuram as condições necessárias para a evolução da cidade até chegar ao ponto em que se encontra hoje. As linhas de água estão diretamente relacionadas com a atividade termal e a abundância de solos argilosos relacionados com a atividade cerâmica, ambas impulsionadoras do crescimento da cidade.



Figura 5: Mapa de Enquadramento: Portugal Continental.
(Sofia Ferrinho).



Figura 6: Mapa de linhas de água desenvolvido a partir da aplicação QGIS e do Google Earth. (Sofia Ferrinho).

2.1.2 Carta Geológica



Figura 7: Mapa da composição de solos na área de estudo, adaptado de Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Lisboa, 1952. (turma).

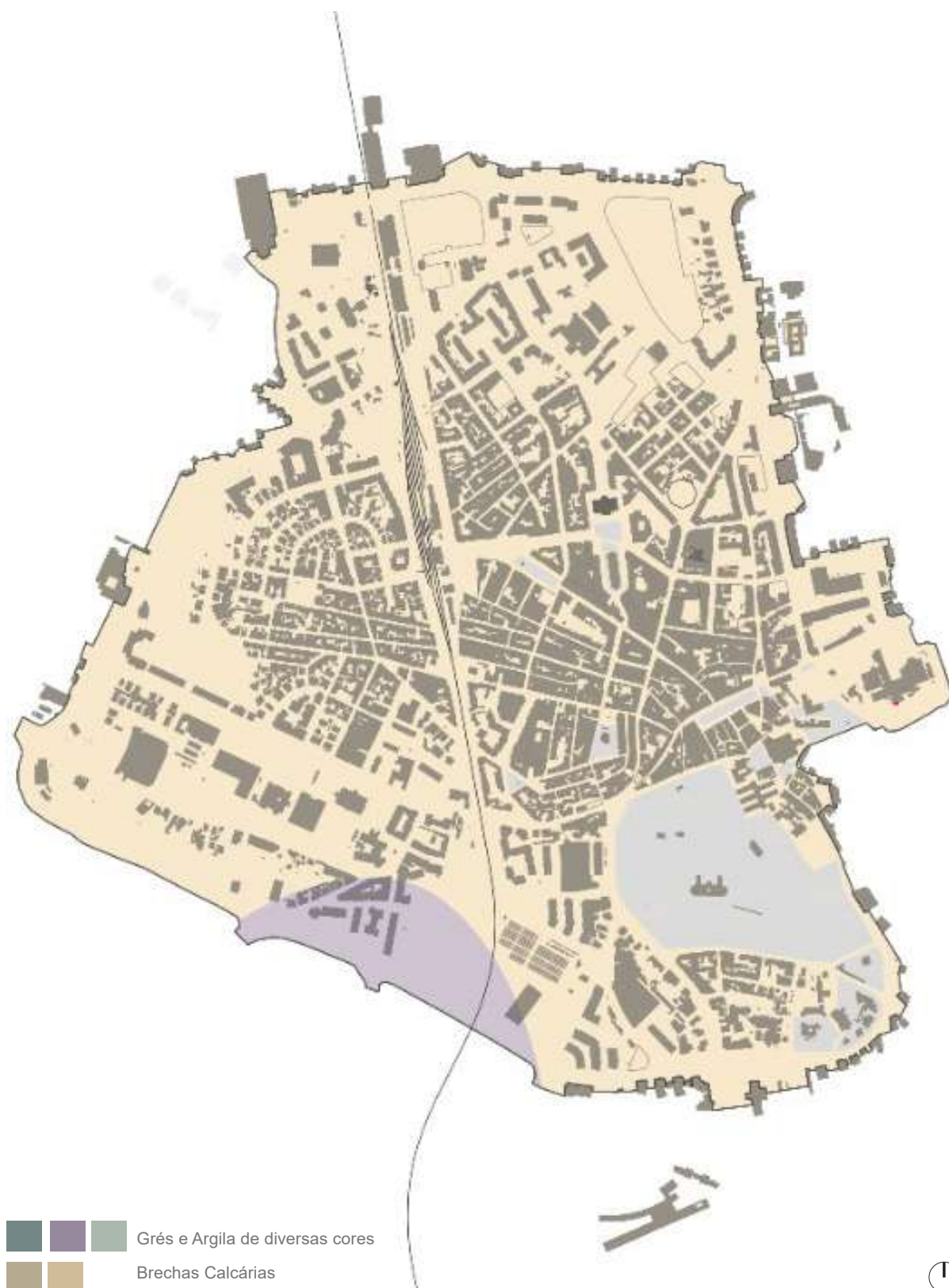


Figura 8: Mapa da composição de solos na cidade das Caldas da Rainha, adaptado de Direcção Geral de Minas e Serviços Geológicos. Lisboa, 1952. (turma).

2.2 Evolução Histórica

Segundo Aldo Rossi, o «método histórico parece ser capaz de nos oferecer a verificação mais segura de qualquer hipótese sobre a cidade (...). As cidades são o texto desta história» (Rossi, 2021). Rossi afirma assim que o uso da história é uma importante ferramenta para analisar a cidade, compreendendo o seu crescimento e a sua evolução, visão partilhada neste trabalho. Estudou-se então a evolução da cidade das Caldas da Rainha com recurso a várias obras como *Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes* de João Bonifácio Serra e outros autores, ou *As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII* de Saúl António Gomes, entre outros documentos como dissertações, documentos de arquivos digitais, e elementos fotográficos.

2.2.1 Origem das Caldas da Rainha

De acordo com Saúl António Gomes, é possível atestar indícios de atividades termais nas imediações de Óbidos nos inícios do século XIII. O sítio em análise era identificado como um local «para permanecer em tratamentos durante alguns dias» (Gomes, 1994: 21), onde mais tarde se supõe ter-se desenvolvido as Caldas da Rainha, na altura não mais do que as «Caldas junto de Óbidos» (Gomes, 1994: 21). Desta utilização das águas nasceria um grupo de equipamentos balneários precários, usados pelos populares que se deslocavam para aí se banharem. Esta utilização terá chamado a atenção da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, que ali encontrou, em 1484, um grupo de pessoas a banhar-se em «poças de água fumantes e mal cheirosas» (Gomes, 1994: 22). O local era então frequentado por leprosos e pessoas mais desfavorecidas que procuravam a cura ou a atenuação dos seus problemas de saúde. Em consequência da popularidade e do grande uso desta zona para banhos termais, tinha surgido um conjunto de recursos e equipamentos balneários de carácter precário, mantidos por estruturas informais de carácter popular (Ortigão, 1975: 85).

Em 1496, a rainha D. Leonor enviou uma missiva ao Papa Alexandre IV em que refere a existência de banhos destruídos e incapazes que a população não podia frequentar, pelo que havia edificado à sua custa banhos e reparado câmaras e casas para a permanência dos enfermos, e ainda uma capela (Gomes, 1994: 22). Assim, foi nos finais do século XV que estas infraestruturas começaram a ter atenção por parte da Casa Real (Ortigão, 1975: 85). Por intermédio da Rainha D. Leonor, «nasceu assim um grande hospital moderno, com o seu corpo clínico permanente, pioneiro», na verdade «o primeiro (e único) hospital termal português» e aí «se principiou a estruturar uma povoação em seu redor» (Serra, 2003: 50).

2.2.2 Crescimento da vila das Caldas

A povoação das Caldas da Rainha foi crescendo demograficamente e logo em 1491 o rei D. João II atribuiu às Caldas o direito de possuir um juiz próprio que regularizasse e ordenasse as decisões fiscais do concelho (Gomes, 1994: 27). Sofreu também uma reorganização administrativa, tornando a localidade das Caldas independente da vila de Óbidos (Serra, 2003: 50). No entanto, só em 1511 foi atribuído o estatuto de vila às Caldas da Rainha, por iniciativa do rei D. Manuel I (Serra, 2003: 50), o que confirma o seu continuado crescimento. O crescimento demográfico levou à expansão da vila, que começou a ocupar vários terrenos de cultivo que existiam à sua volta. No entanto, esta utilização causou problemas com a vizinha vila de Óbidos, dado que a vila das Caldas da Rainha ainda não tinha definido e delimitado o seu território oficial [Figura 9]. Com o intuito de acautelar e resolver os problemas entre as vilas vizinhas, o rei D. Manuel I ordenou a Rui Boto - chanceler da corte do reino - que estabelecesse limites territoriais mais precisos para a vila das Caldas da Rainha, que se estabeleceram a «meia légua em volta do hospital» (Gomes, 1994: 29).

De facto, as termas continuaram a ocupar um lugar central na vida da vila ao longo do tempo, sendo que no primeiro levantamento cartográfico identificado da vila, feito por João Pedro Ludovice em 1742 [Figura 10], é possível observar a permanência da centralidade do Hospital no núcleo urbano e a relevância que tinham os espaços públicos como praças e zonas de comércio .

2.2.3 De vila a cidade: as Caldas da Rainha na época contemporânea

- Termalismo e expansão urbana

O final do século XIX, em particular o período de 1878-1890, assistiu a uma grande expansão da atividade termal, verificando-se um aumento da permanência de pessoas na vila das Caldas e um aumento da população. Segundo Bonifácio Serra, o «factor que mais pesou nesta conjuntura foi o termalismo. As Caldas tornaram-se as termas da moda numa época que fez moda das termas» (Serra, 2003: 55). Tornou-se então necessário reformular o Hospital Termal com a ambição de tornar esta localidade numa estância termal de grande reconhecimento a nível europeu (Serra, 2003: 55). A reformulação do Hospital Termal deveria ser acompanhada da modernização das estruturas urbanas e do reforço das ligações e vias de comunicação da vila das Caldas com a capital do país e o estrangeiro. Foi de particular importância a ação do arquiteto Rodrigo Maria Berquó, enquanto administrador do Hospital Termal (1888-1896) e presidente da câmara das Caldas da Rainha (1890-1896), que orientou um conjunto de infraestruturas e projetos de lazer com a estratégia de aliciar banhistas das classes média e alta até à vila (Serra, 1995: 42-44). Nas palavras de João Bonifácio Serra, «um verdadeiro terramoto se abateu sobre a pacata vila das Caldas durante a gestão de Berquó.» (Serra, 2003: 109)



Figura 9: Limites Aproximados do Termo da Vila das Caldas de 1511.



Figura 10: Planta da Vila das Caldas de 1742. (João Pedro Ludovice).

O arquiteto projetou o Parque D. Carlos I com uma grande densidade de árvores de forma a que a vila disponibilizasse infraestruturas capazes de potenciar a prática desportiva e áreas destinadas ao lazer. Foi da sua iniciativa também a criação de um novo hospital – o Hospital Termal D. Carlos I¹ [Figura 11] – destinado apenas aos internamentos e que tinha como objetivo fazer a divisão entre os balneários e o antigo hospital. Ainda no âmbito deste projeto, Rodrigo Berquó adicionou um terceiro piso ao hospital original [Figura 12]. Ademais, as intervenções e os planos do arquiteto Rodrigo Berquó visavam igualmente o contexto urbano da cidade, com o objetivo de «subordinar a racionalização e modernização urbanística das Caldas às prioridades e critérios do termalismo e do conceito de cidade termal» (Serra, 1998: 175). Os planos não seriam, contudo, finalizados.

Este crescimento da cidade beneficiou igualmente da construção da linha férrea do Oeste (1887-1888) que, fazendo a ligação entre o Cacém e a Figueira da Foz e Alfaias, passava pelas Caldas da Rainha, para além da passagem na vila de uma estrada que fazia a ligação ao norte do país (Saraiva, 2002)².

Para ligar a estação de comboios ao centro da cidade, abriu-se em 1890 uma nova avenida - a Avenida da Independência Nacional - que fazia a ligação entre a estação de comboios e o Rossio³ (Serra, 2003: 55). Foi também neste ambiente cosmopolita e de evolução da cidade potenciada pela influência do termalismo que surgiram e se desenvolveram as indústrias cerâmicas, e novos bairros que expandiram e marcaram o século XIX na vila (Serra, 2003: 55-57). O corolário deste desenvolvimento aconteceu no século XX, em 1927, quando a vila das Caldas da Rainha, na altura com cerca de 7000 habitantes, foi elevada oficialmente a cidade (Serra, 2003: 58).

Mais tarde, o Arquiteto Paulino Montez

«é convidado a elaborar um ‘estudo de urbanização’ da nova cidade (...) [e] esse primeiro instrumento de planeamento propõe como grandes prioridades a urbanização pela Câmara das cercas de Maria Carolina (os actuais bairros onde se situam os edifícios do Montepio e da Rodoviária Nacional) e do Brolão (o conjunto que tem como epicentro a Praça 25 de Abril), vastas áreas de particulares que haviam resistido ao avanço da cidade».

(Serra, 2003: 59)

Assim, o plano «orientou com eficácia o crescimento e disciplinou as áreas antigas» (Serra, 2003: 59) [Figura 13]. Entende-se assim que o plano de urbanização do arquiteto pretendia não só consolidar as malhas urbanas antigas, como também - à semelhança dos bairros e da praça da Igreja N.ª Sr.ª da Conceição, do Tribunal e da Câmara Municipal - dotar a cidade de espaços com funções administrativas e comerciais. (Serra, 2003: 59).

- Indústria cerâmica

No século XIX, por intermédio dos fatores biofísicos evidenciados anteriormente - o barro resultante da existência abundante de água e solos potenciadores - e da natural evolução da cidade, as Caldas da Rainha ganham prestígio e destaque na arte cerâmica a nível nacional (Saraiva, 2002)⁴. Inaugura-se uma Escola de Desenho - para formação de técnicos de cerâmica – bem como indústrias de cerâmica, como a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha [Figura 14], para a qual Rafael Bordallo Pinheiro será nomeado diretor artístico. O seu filho, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, continua o seu trabalho e funda em 1907 a Fábrica de Faianças Bordallo Pinheiro, que ainda hoje se mantém em atividade.

¹Designado, atualmente, como pavilhões do parque D. Carlos I.

² Saraiva, José H. (2002), Caldas, Capital por Conta Própria, minuto 07 '30 de 26' 04s

³Atualmente, designado por Praça da República.

⁴ Saraiva, José H. (2002), Caldas, Capital por Conta Própria, minuto 07 '20 de 26' 04s.



Figura 12: Projeto de Rodrigo Berquó. Hospital antes do 3º piso.



Figura 13: Caldas da Rainha 1925. Mapa com desenho de Fernando Correia (1893-1967).

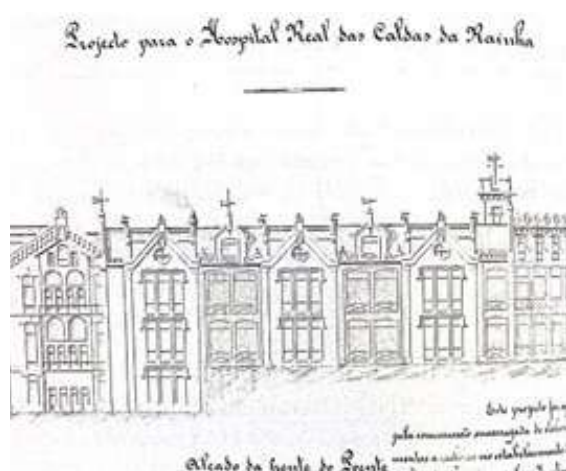


Figura 11: Projeto de Rodrigo Berquó para o Hospital D. Carlos. Alçado Poente.



Figura 14: Fábrica de Faiença das Caldas da Rainha.

A abertura destas unidades de produção de cerâmica levaram vários moradores da cidade das Caldas da Rainha a iniciarem a sua aprendizagem nesta arte. Desta forma, criou-se uma relação mais próxima da cidade com as artes, surgindo pequenos negócios artesanais (Saraiva, 2002)⁵. A fundação da Escola de Desenho, em 1884, e o crescimento da área artística possibilitou que, no século XX, não só se notabilizassem vários artistas caldenses, como também a economia da cidade cresceu, pois, os negócios dependiam, em parte, destes comércios e consumos da própria região (Saraiva, 2002)⁶ [Figura 15]. Este contexto levou ao desenvolvimento de «uma exigência de construção técnica e esteticamente cuidada» nas Caldas da Rainha (Serra, 2003: 58).

Em 1484, a rainha D. Leonor decidiu fundar o Hospital Termal, que utilizava as águas termais para tratar e recuperar os doentes. Esta instituição, que ainda existe atualmente, é considerada a primeira instituição de saúde termal em Portugal e mostrou ser o verdadeiro motor do desenvolvimento das Caldas da Rainha. A partir da fundação do hospital, a vila começou a desenvolver-se e a crescer em torno das suas águas termais. Ao longo dos séculos, tornou-se um destino procurado por doentes em busca dos benefícios das suas águas medicinais.

No final do século XIX, a vila recebeu um impulso significativo com a chegada do comboio [Figura 16], que facilitou a chegada de turistas e promoveu o desenvolvimento de infraestruturas turísticas, como hotéis, termas modernas e um parque, para o que ação de Rodrigo Berquó foi decisiva. A vila tornou-se cada vez mais popular como destino de veraneio para a aristocracia e a burguesia portuguesas e estrangeiras, o que se refletiu na expansão da urbe, sobretudo para Poente, na direção da nova estação de caminhos de ferro. Ao mesmo tempo, a cidade tornou-se um centro importante de produção de cerâmica e de loiça, com destaque para a Fábrica da Bordallo Pinheiro. Tanto a atividade termal como a indústria cerâmica bene-

ficiaram da localização geográfica, pois as Caldas da Rainha situam-se numa área de solos argilosos e onde passam linhas de água em direção à Lagoa de Óbidos.



Figura 15: Interior da loja do Pavilhão de vendas Fábrica de Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro.



Figura 16: Chegada Imaginária do comboio às Caldas da Rainha por Rafael Bordalo Pinheiro (30 de Junho de 1887).

⁵ Ibidem, minuto 09 '00 de 26' 06s.

⁶ Ibidem, minuto 09 '50 de 26' 06s.

2.4 Atualidade





Figura 17: Ortofotomapa da cidade das Caldas da Rainha. Março de 2023. (Google Earth).

2.3.1 Evolução Demográfica e Económica

O principal fator de desenvolvimento histórico da cidade – o termalismo – perdeu atualmente importância, sem que nenhuma outra atividade tenha ocupado este lugar de destaque (Serra, 2003: 48). Mas o lugar na e da história é de mais difícil substituição, pois são ainda existentes os vestígios da relação da cidade com o termalismo como o Hospital Termal e o Parque D. Carlos I. Verifica-se ainda que as Caldas da Rainha continuam a manter algumas tradições e práticas desde a sua origem, nomeadamente «um centro histórico vivo, onde todos os dias se faz e desfaz um mercado de géneros» (Serra, 2003: 49), e aposta – numa vertente diferente da origem – na arte da cerâmica.

Atualmente, o município conta com 50.917 habitantes⁷, distribuídos por 12 freguesias, sendo que o trabalho desenvolvido ao longo deste ano se centra nas duas freguesias da cidade, separadas pela linha férrea: a União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro, e a União de Freguesias da Nossa Sr.^a do Pópulo, Coto e S. Gregório. Para estudar e avaliar a evolução demográfica e económica da cidade recorreu-se aos Censos⁸, através de dados demográficos dos anos de 2001, 2011 e 2021, tanto a nível nacional, como do município das Caldas da Rainha, e das freguesias que constituem a cidade. Analisaram-se, assim, as suas dimensões económicas, populacionais, as condições do alojamento, e as condições do edificado.

Os dados mostram, a nível municipal, um aumento da população na década de 2001 a 2011. Contudo, nos últimos Censos (2021) o aumento é invertido, com uma diminuição populacional de 1,6%. A nível das freguesias que constituem a cidade, verifica-se uma geral estagnação populacional na União de Freguesias de Santo Onofre e Serra do Bouro. Já a União de Freguesias de Nossa Sr.^a do Pópulo, Coto e S. Gregório apresenta um ligeiro aumento de população.

Como tem acontecido com o resto de

Portugal continental, tem aumentado a população estrangeira residente na cidade. Em 2020 registou-se a existência de 3.610 imigrantes no município, perfazendo 6,9% da população à data⁹.

Na mesma linha do que vem acontecendo a nível nacional, as Caldas da Rainha também apresentam sinais de envelhecimento populacional. A última década apresenta um aumento considerável na faixa etária de mais 65, enquanto as faixas etárias anteriores perdem população.

No que diz respeito ao edificado no município, é de salientar as épocas de construção que se destacam pelo aumento de construção de edifícios nas Caldas da Rainha, entre os anos 1960 e 1990, onde se depreende uma evolução e necessidade de crescimento do centro da cidade.

⁷ Censos 2021. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

⁸ Censos 2021. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.

⁹ Dados retirados do Observatório das Migrações – Imigração em Números, Relatório de Estatística Anual, 2021, p. 49.

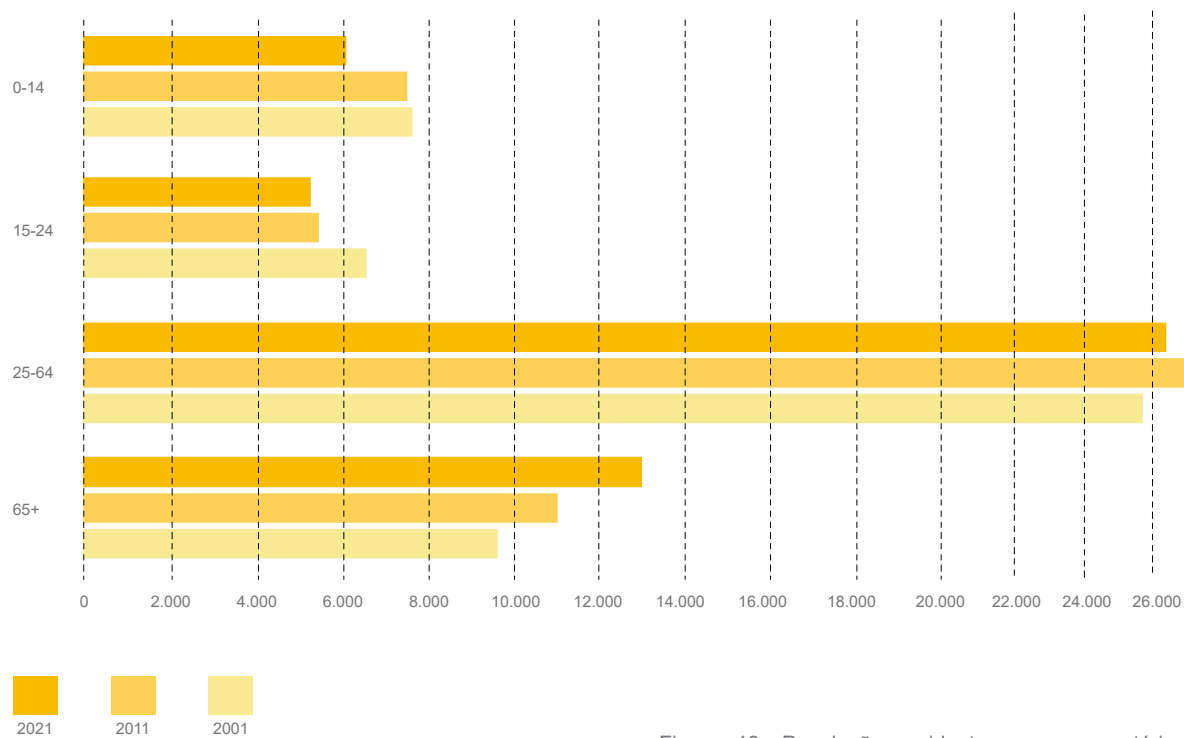


Figura 18: População residente por grupo etário no município. Dados retirados de Censos 2021, 2011 e 2001. Instituto Nacional de Estatística. (turma).

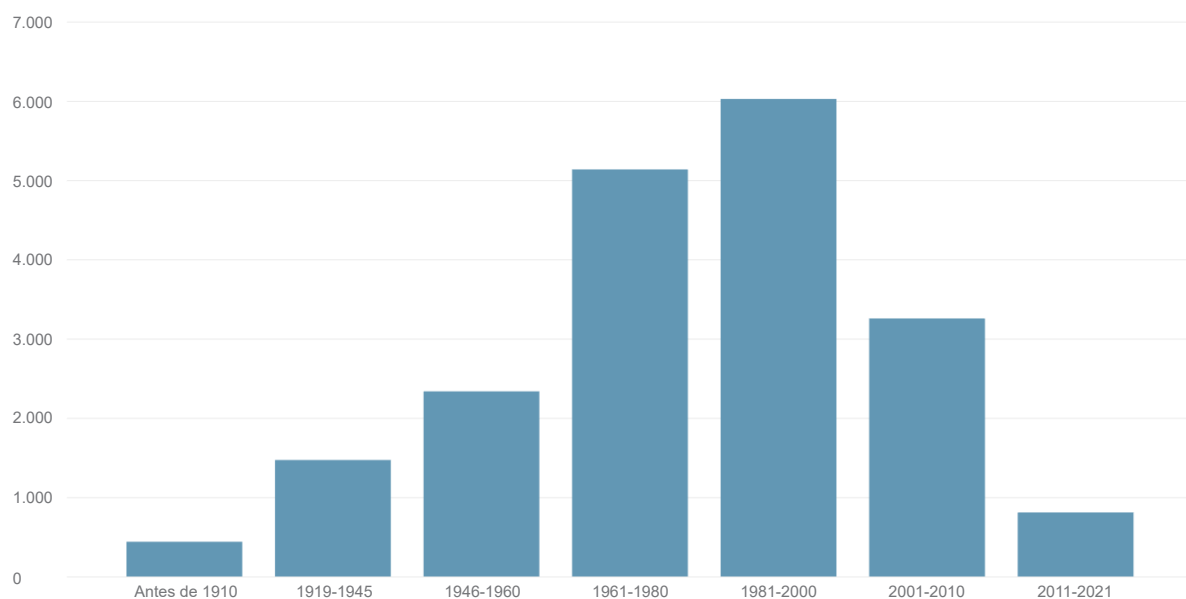


Figura 19: «Edifícios por época de construção no município». Censos 2021, 2011 e 2001. (Instituto Nacional de Estatística).

2.3.2 Mapeamento de usos ao nível do piso térreo

Elaborou-se um mapa de utilidades ao nível do piso térreo, com o objetivo de compreender o modo de vida da cidade, os pontos de encontro e de permanência dos visitantes e residentes. São, assim, mapeados os edifícios relacionados com o desporto, ensino obrigatório, ensino secundário, saúde, pré-escolar, serviços públicos, comércio, indústria, religião e cultura.

Relativamente aos edifícios com funções comerciais, culturais e de atividades relativas à saúde, denota-se uma certa discrepância na sua distribuição. A nascente da linha ferroviária existe uma forte presença de estabelecimentos comerciais, enquanto do lado oposto, a poente, esta presença não se verifica com a mesma intensidade.

Os edifícios de serviços públicos, como o Tribunal e a Câmara Municipal, e os estabelecimentos relacionados com a saúde apresentam a mesma lógica de distribuição anteriormente descrita, agora a nascente.

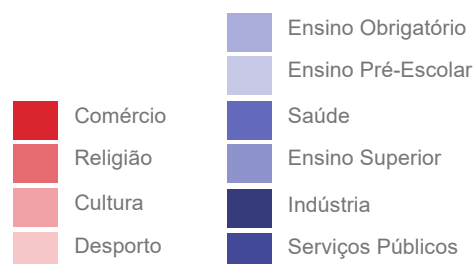
As restantes tipologias mapeadas nesta planta, como igrejas, estabelecimentos culturais e de ensino, estão relativamente bem distribuídas. No entanto, a poente, estes estabelecimentos, com exceção das escolas, estão localizados quase exclusivamente a sudoeste. Depreende-se que esta área é predominantemente residencial, o que poderá explicar a maior presença de escolas nesta parte da cidade.

Infere-se que é exatamente devido à existência em grande número de estabelecimentos comerciais, de serviços públicos, de espaços culturais e históricos, que há uma maior mobilidade a nascente da linha ferroviária.

Assume-se que a cidade parece estar, maioritariamente, dividida, com maior área residencial a poente e outra área, maioritariamente, de usos mistos a nascente da linha de comboio.

Numa perspetiva urbanística, nota-se o impacto das diferentes décadas de construção, quer na escala, quer no estilo. A diferença de escalas do

edificado constitui uma marca da passagem do tempo: nos primeiros tempos, a cidade caracterizava-se por edifícios de pequena escala, consistindo em piso único ou dois pisos. Com o passar dos anos e as obrigações estilísticas do Estado Novo o estilo mudou, e o crescimento demográfico exigiu o crescimento vertical do edificado, passando para os três e os cinco pisos. As décadas seguintes ao período ditatorial foram marcadas pela construção de edifícios de grande escala, com cerca de nove a doze pisos, em contraste com os das épocas anteriores, criando uma grande divergência de escalas de construção. Todas estas marcas do avançar do tempo impactam a leitura e compreensão da cidade, simultaneamente vincando as épocas, a história, e os períodos que definem a cidade atual. Em resultado da sua longa história, a cidade das Caldas da Rainha possui hoje uma série de edifícios de interesse de diferentes períodos.



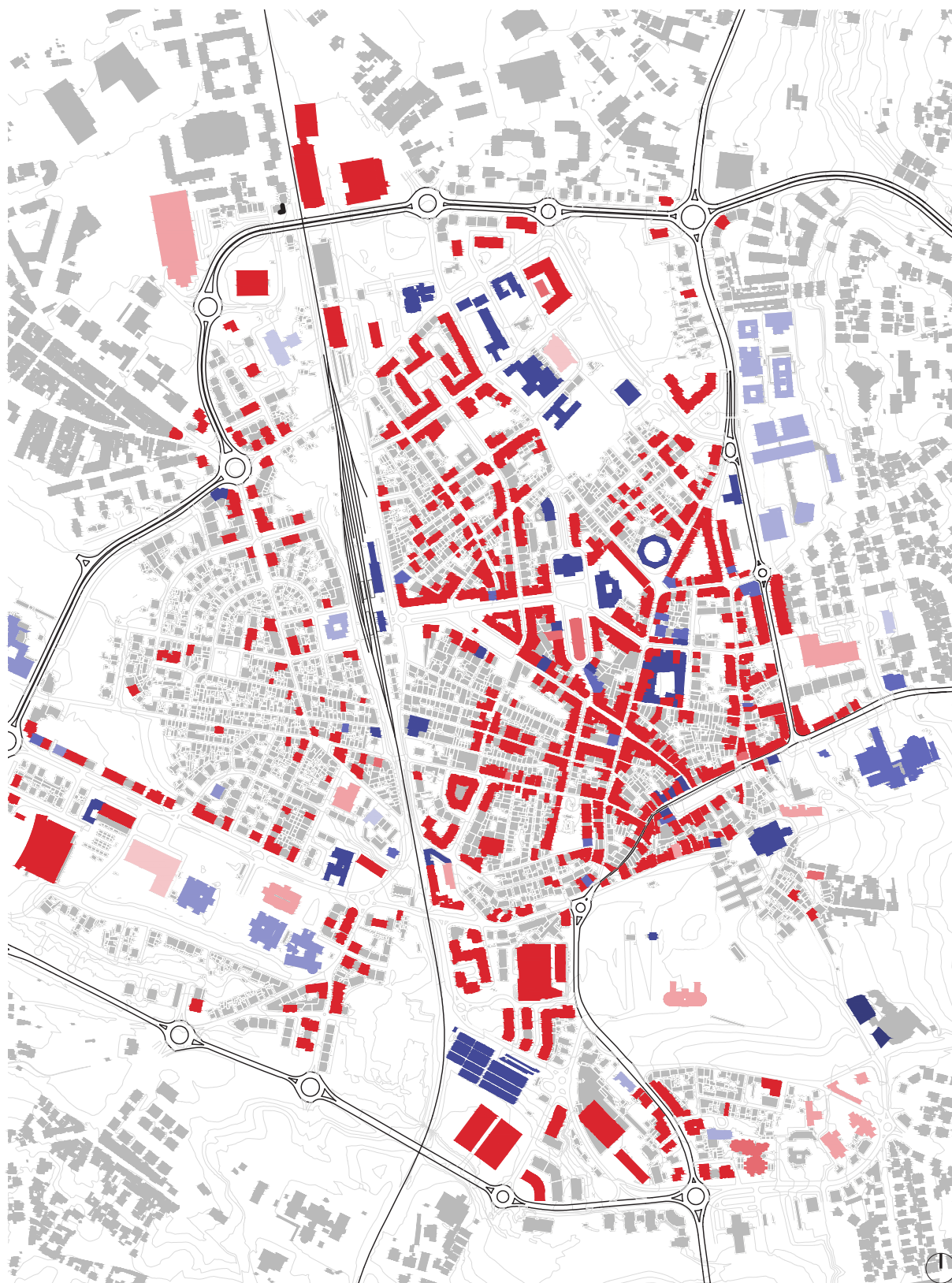


Figura 20: Mapeamento de usos a nível do piso térreo, baseado no Google Earth. (turma).

2.3.3 Mobilidade

- Comunicações Externas

Considerou-se também a questão da mobilidade para a cidade e na cidade. O acesso à cidade das Caldas da Rainha é feito pelas infraestruturas rodoviárias N114, N360, N115 e N8, e pela Autoestrada A8. Após a análise foi verificado que um dos primeiros acessos rodoviários a servir a cidade foi a N8 e que ainda hoje faz a ligação entre Leiria e Lisboa, aparecendo mais tarde a via A8 fazendo o mesmo percurso. Para além destas existem ainda a estrada N114 que liga Peniche a Évora, a estrada N115 que faz a ligação entre as Caldas da Rainha e Lisboa, e a estrada N360 entre a Foz do Arelho e Fátima¹⁰.

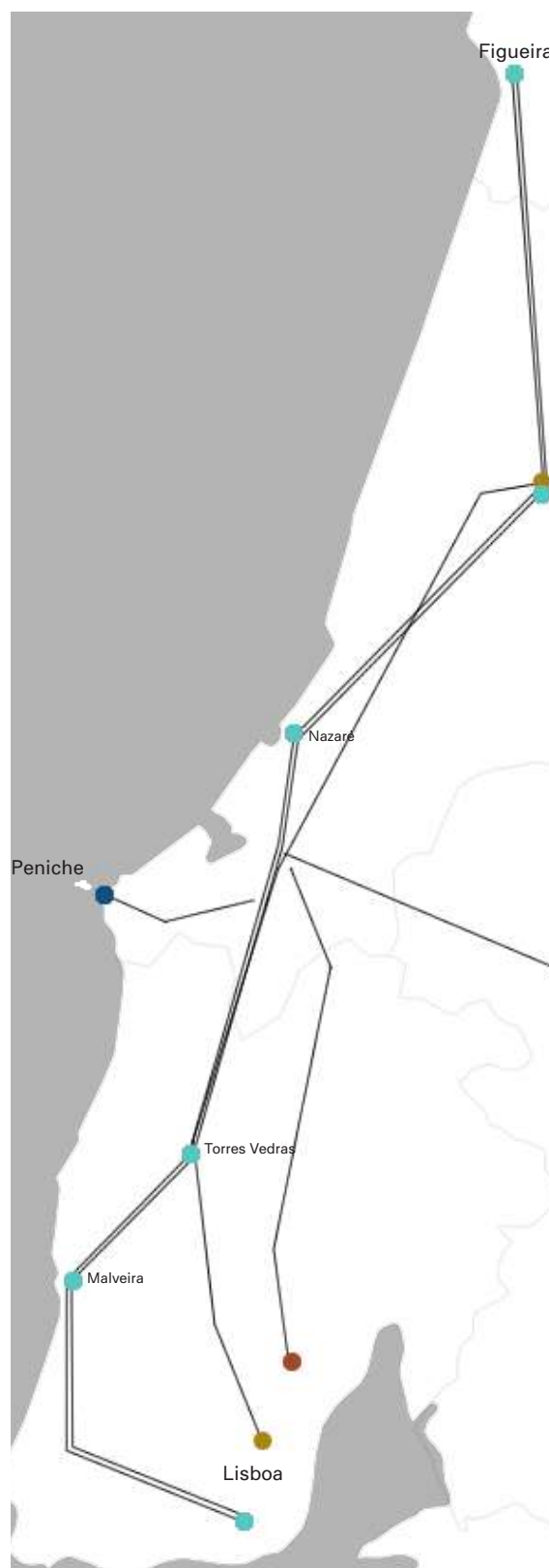


Figura 21: Mapa de transportes públicos (ferroviário e rodoviário) para a cidade. (turma).

¹⁰ Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas Rocaldas. Caldas da Rainha. Rodoviária do Oeste.

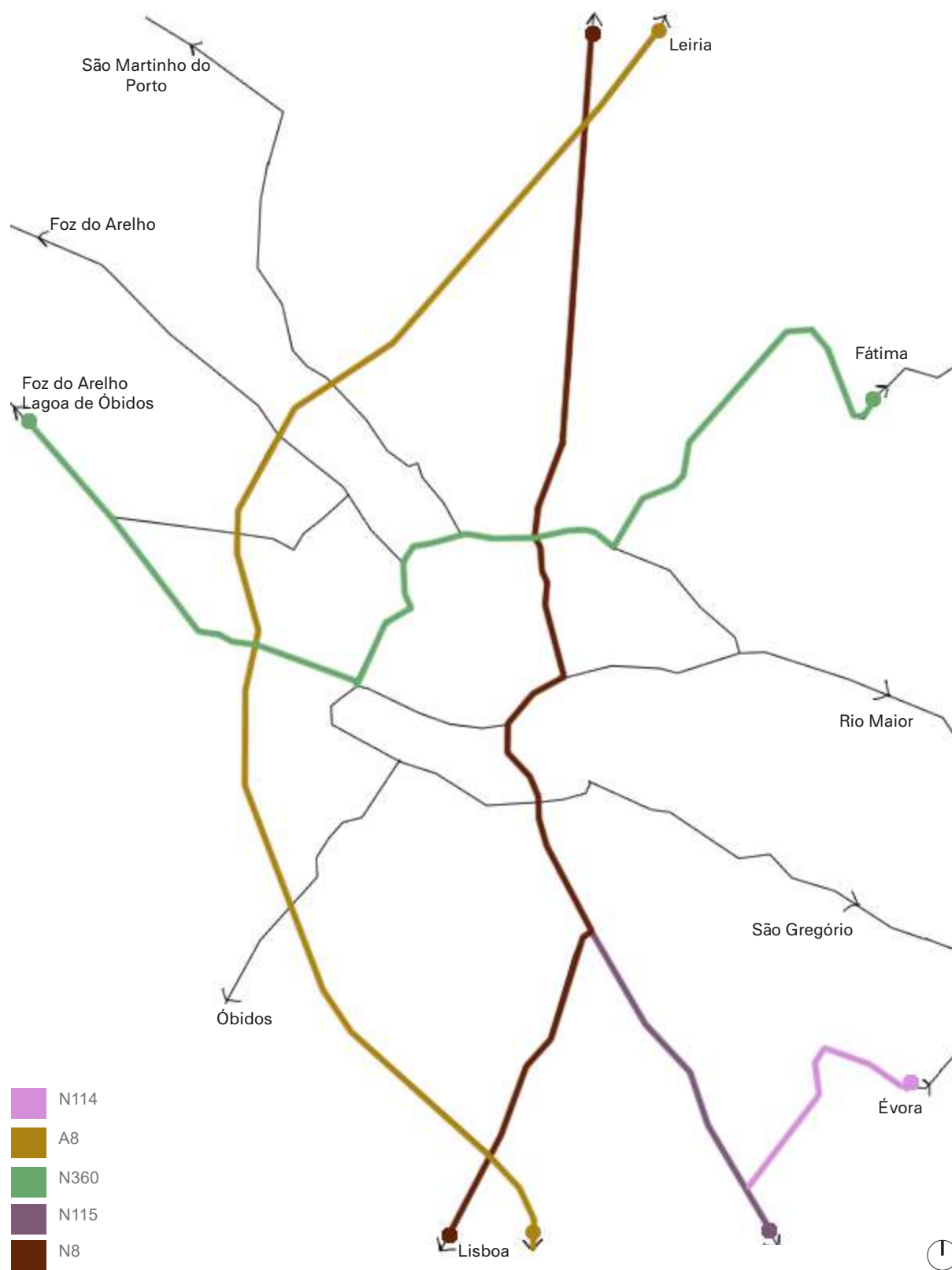


Figura 22: Mapa de ligações rodoviárias da cidade.
(turma).

- Comunicações Internas

Analisando a mobilidade na cidade - recorrendo ao uso de mapeamentos de carreiras interurbanas e de rede de transportes - foi possível entender quais os transportes públicos que permitem o acesso à cidade a nível distrital e que carreiras interurbanas servem o concelho. Constatou-se que a linha férrea do oeste - construída no século XIX - assegura a ligação entre a Figueira da Foz até Lisboa, embora não seja muito utilizada pela população. As carreiras da Rodoviária do Tejo¹¹ são o principal meio de transporte da população (Nunes, 2021), que garantem a ligação entre as Caldas da Rainha e as cidades vizinhas.

Do mesmo modo, teve-se também em consideração a mobilidade interna na cidade, por meio de autocarros da Rede de transportes urbanos (TOMA). Em 2007, a Câmara Municipal das Caldas da Rainha criou o projeto TOMA, com o objetivo de melhorar a mobilidade urbana e, desta forma, diminuir o número de automóveis dentro da cidade. Assim, permite uma maior facilidade nos acessos aos principais pólos geradores de tráfego - o centro da cidade, os estabelecimentos de ensino, terminais de transporte, equipamentos desportivos, hospitais e centros de saúde. Visa, por isso, uma mobilidade verde e um desenvolvimento sustentável. No seu início, o projeto contava com apenas duas linhas – a Linha Laranja e a Linha Verde - e em 2009 foi criada a linha Azul. Em 2014 houve um reforço da Linha Verde com o intuito de facilitar o transbordo diário escolar, nos dias úteis, abrangendo várias zonas da cidade - Cidade Nova, Bairro da Ponte e Bairro das Morenas.¹²



Figura 23: Autocarro da rede de transportes TOMA. (Sofia Ferrinho, 2022).

¹¹ Onde se inserem as Rodoviária do Oeste, Rodoviária do Lis e as carreiras rápidas e as urbanas.

¹² TOMA. Projeto Piloto de Transporte Urbano. Câmara Municipal das Caldas da Rainha.

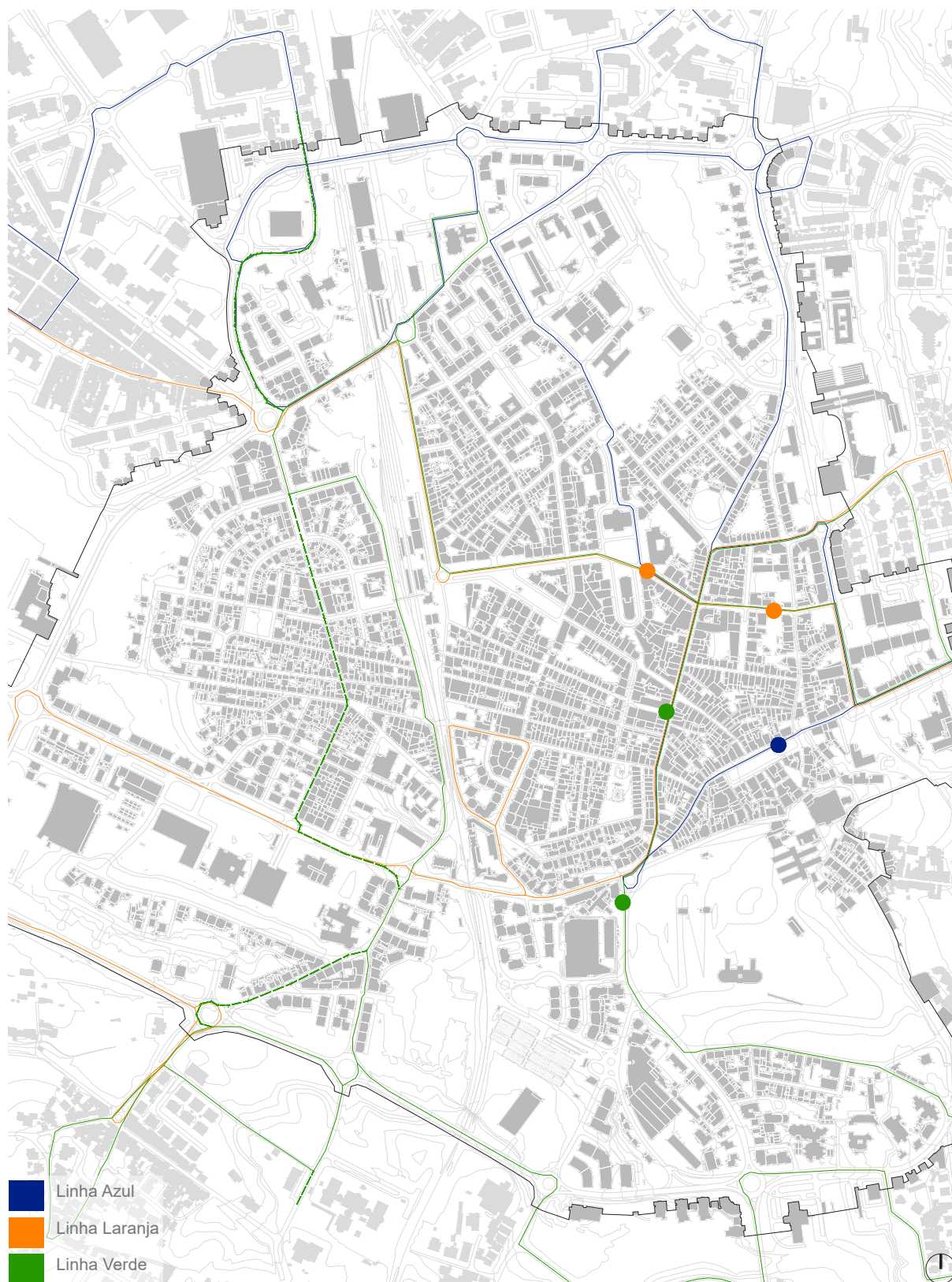


Figura 24: Mapa de percursos do transporte público da cidade, TOMA. (turma).

2.3.4 Análise SWOT

Como forma de sintetizar e compreender a informação recolhida e por intermédio de visitas e de observação da cidade, na última fase de trabalho em grupo elaborou-se uma *SWOT Analysis* (*Strengths/Weaknesses/Opportunities/Threats*) das Caldas da Rainha [Figura 25]. Esta metodologia de análise é utilizada para detetar pontos fortes, fragilidades, oportunidades e ameaças que o objeto de estudo contém. Desta maneira, identificam-se vários elementos úteis para uma proposta de uma estratégia geral de intervenção. O objetivo é pensar espaços cuja transformação se configure relevante para o desenvolvimento da cidade.

Apartir da análise SWOT foram identificados um conjunto de elementos que contribuíram para a estratégia geral, que se revelaram de grande importância para o desenvolvimento das propostas individuais. Percebe-se, assim, algumas fragilidades da cidade, como a falta de espaços verdes e de permanência na cidade, o elevado número de automóveis a ocupar a via pública e passeios, ou a discrepância na construção. Estes tornaram-se os temas e aspetos a considerar no desenvolvimento do trabalho, tendo sido representados num mapa síntese através de vários *layers*, mostrado na página seguinte [2.3.4 Análise SWOT (Figura 27)], realizado pela turma.

De forma a terminar esta análise, com as propostas de cada estudante, trabalhadas num todo, cria-se um mapa onde as propostas vivem em comunidade [2.3.4 Análise SWOT (Figura 28)]. As escolhas passam por reabilitar avenidas e ruas, a estação de caminhos de ferro, alguns espaços em ruína, remate de situações urbanas indefinidas e criação de espaços verdes e de novas ligações entre zonas da cidade. Todas estas propostas são suportadas por alguns pontos de estacionamento comuns, que apoiam a periferia da cidade e retiram os carros do seu interior.

Atualmente, aquela que foi a principal atividade económica das Caldas da Rainha durante séculos – o termalismo – perdeu destaque, tendo os serviços e a produção cerâmica assumido maior relevo. Observa-se um aumento da população no município até 2011, porém, em 2021, registou-se uma diminuição populacional de 1,6%. Quanto ao edificado, verifica-se um aumento na construção de edifícios entre os anos 1960 e 1990, indicando um crescimento do centro da cidade nessa altura.

O mapa de utilidades no piso térreo revela a forma como a cidade foi planeada e feita a distribuição dos serviços básicos e comércio. A presença de estabelecimentos comerciais e dos mais variados serviços é mais evidente a nascente da linha ferroviária, enquanto a oeste a presença é menos intensa. Entretanto, a oeste, esses estabelecimentos são predominantemente localizados a Sudoeste, indicando uma área residencial.

A cidade das Caldas da Rainha é facilmente acessível através de várias infraestruturas rodoviárias, incluindo estradas nacionais e uma autoestrada. A análise da mobilidade na cidade de Caldas da Rainha revela a existência de um sistema de transportes públicos diversificado, com destaque para a Rodoviária do Tejo e o projeto TOMA. Apesar da linha férrea do oeste assegurar a ligação com Lisboa, as carreiras rodoviárias são a principal opção de transporte para a população local.

Identificam-se pontos fortes, como a existência de património histórico e cultural, a presença de instituições de ensino e de saúde, e a existência de uma oferta diversificada de comércio e serviços. Quanto às oportunidades, destaca-se o potencial turístico da cidade, devido à sua localização estratégica e à existência de recursos naturais, como as termas. A análise SWOT permitiu compreender melhor a realidade da cidade e contribuiu para o desenvolvimento de estratégias de intervenção que visam o seu crescimento e desenvolvimento.



Figura 25: Tabela SWOT com base nas ideias de turma.
(Ana Rita Jesus).



Figura 26: Maqueta da cidade das Caldas da Rainha.
(turma).

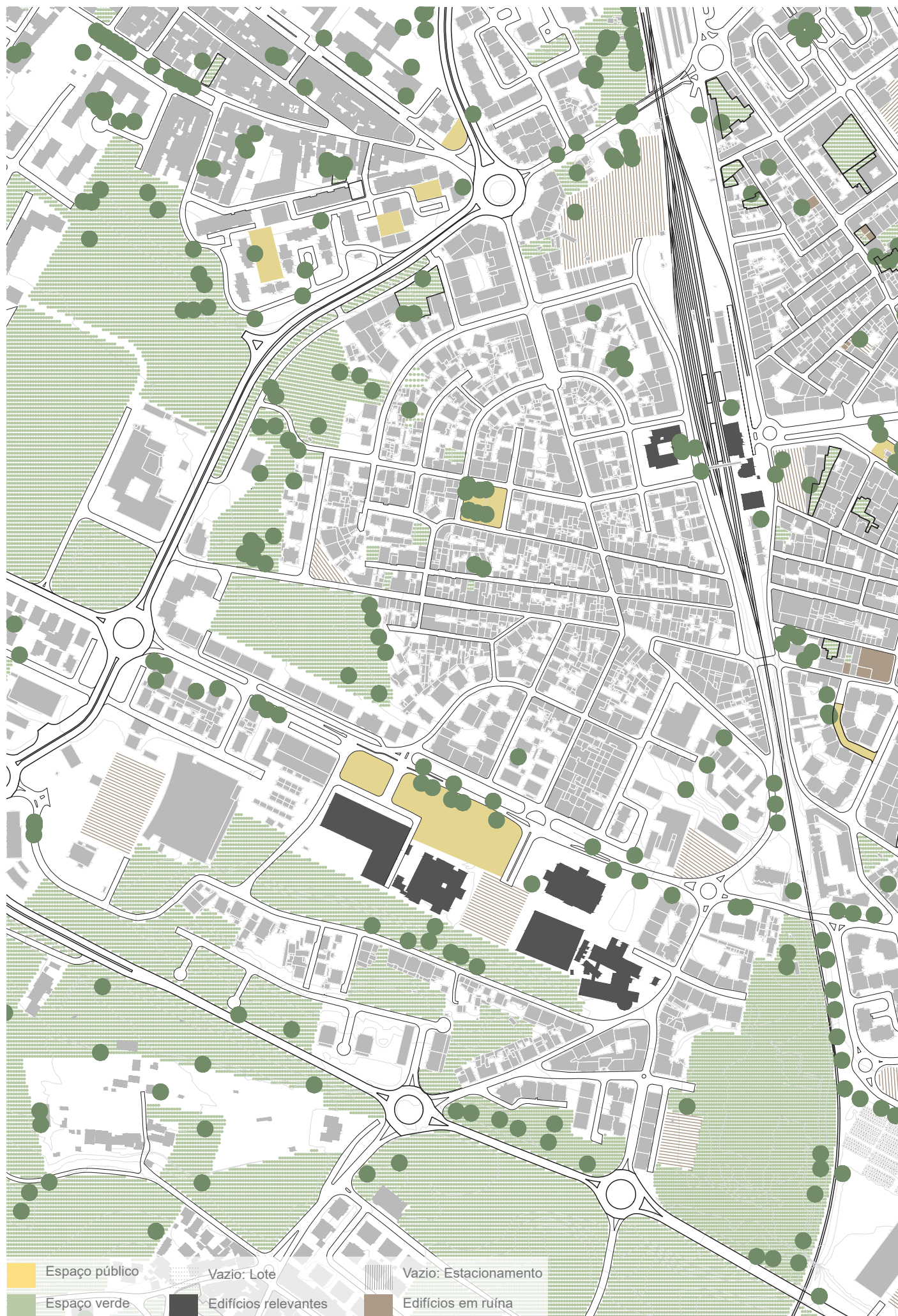




Figura 27: Mapeamento de espaços vazios e edifícios relevantes. Escala 1:5000. (turma).

**Integração da Estação na
Cidade**

Daniela Cristina

Da Margem ao Centro

Ivan Sera

Entre Pontos

Sofia Ferrinho



Edifícios Viola XXI
Ana Rita Jesus

Percorrido pelo Olhar
Maria Inês Vieira

Ponto de Encontro
Bernardo Custódio

Memória e Vazios Urbanos
Capeta
David Serralheiro

Ruínas, Formas de revalorização
Nicolas Monlouis

Figura 28: Planta de implantação das propostas de intervenção de turma. (turma).

2.3.5 Edifícios Relevantes

Durante as visitas à cidade, fez-se um mapeamento de edifícios considerados relevantes, por parte dos estudantes, como a estação de caminhos de ferro, a Praça da Fruta, o Hospital Termal, as fábricas da SECLA e da Bordallo Pinheiro, etc. Os equipamentos mapeados foram escolhidos de acordo com diferentes critérios: alguns deles pela sua importância na evolução histórica e cultural das Caldas da Rainha; outros por serem geradores de dinamismo atual na cidade. Verifica-se que estes se encontram ao longo de toda a cidade e que acompanharam o crescimento da cidade. Da mesma forma, considera-se que todos eles, de uma forma ou outra, podem, diretamente, alimentar e ser alimentados pelo projeto. Este procura regenerar uma antiga área industrial e habitacional da cidade, dotando-a de espaços de trabalho colaborativo para artistas e trabalhadores, com um espaço verde de permanência, com restauração, e ainda habitação. Consideram-se, neste sentido, os seguintes: espaços de criação cultural e artística, como a ESAD, os Silos Contentor Criativo, o CCC (Centro Cultural e de Congressos) e o Museu José Malhoa; espaços que refletem a herança industrial da zona e da tradição cerâmica na cidade, como a antiga Fábrica SECLA e a Antiga Fábrica Bordallo Pinheiro; e espaços que se enquadram no percurso verde criado pelo projeto (que será explicado mais à frente), como a Praça 25 de abril e a estação de caminhos de ferro. Consequentemente, considerou-se relevante juntar elementos sobre cada um deles.

Praça 25 de Abril

Tribunal
Igreja Nossa Sr.^a da Conceição
Câmara Municipal de Caldas da Rainha

Estação de Caminhos de Ferros

Centro Cultural e de Congressos

Praça da República (Praça da Fruta)

Praça 5 de Outubro

Hospital Termal

Silos Contentor Criativo

Fábrica das Faianças de Bordallo Pinheiro

Antiga Fábrica SECLA

Parque D. Carlos I

Museu José Malhoa

Escola Superior de Arte e Design



Figura 29: Mapeamento de edificios relevantes.
Escala: 1:10 000. (David Serralheiro).

Antiga Fábrica Bordallo Pinheiro

A Fábrica das Faianças das Caldas foi fundada em 1884, por Rafael Bordallo Pinheiro (1846-1905) e pelo seu irmão, Feliciano Bordallo Pinheiro. Rafael ficou responsável pelas vertentes técnicas e artísticas da fábrica e também «acompanhou a peculiar conceção arquitetónica das instalações que incluía um espaço destinado a escola de cerâmica, onde se lecionavam vários cursos da especialidade» (A Bordallo Pinheiro, s. d.). O artista também criou personagens portuguesas, em situações do quotidiano, com ousadia e com «um notável sentido crítico» (A Bordallo Pinheiro, s. d.), como a figura do Zé-Povinho (1875), e as caricaturas do jornal «A Paródia». Nos trabalhos de azulejaria, pintou motivos de diversas influências, desde o «Naturalismo ao Renascimento, passando pela Art Nouveau e pelo legado hispano-árabe.» (A Bordallo Pinheiro, s. d.)

A Fábrica Bordallo Pinheiro foi fundada pelo seu filho, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, em 1907. Localiza-se junto do Parque D. Carlos I, nas imediações das antigas instalações da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha. O intuito deste novo espaço seria «continuar o trabalho do seu pai, atividade que a nova fábrica mantém até aos dias de hoje» (Fábrica Bordallo Pinheiro, 2014). Na Fábrica conceberam-se centenas de modelos cerâmicos singulares, assentes em tradições locais, que assumiram a fauna e a flora como maior inspiração, tendo alcançado grande projeção nacional e internacional (A Bordallo Pinheiro, s. d.).

Atualmente, o edifício original alberga a loja da fábrica e um espaço dedicado ao artista, a Casa-Museu de São Rafael, não tendo já nenhuma produção cerâmica no local. A fábrica atual localiza-se na zona industrial das Caldas da Rainha (Fábrica Bordallo Pinheiro, 2014).



Figura 30: «Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha». (Miguel Chaby)



Figura 31: Rã em cerâmica, artigo da loja da Fábrica. (Go Caldas).



Figura 32: Exterior da Fábrica Bordallo Pinheiro, atualmente. (Go Caldas).

Antiga Fábrica SECLA

A SECLA, Sociedade de Exportação e Cerâmica Lda., foi fundada na cidade em 1947, e tornou-se uma das unidades fabris do setor mais importantes, tanto a nível nacional como internacional, «com uma gama de artigos bastante vasta, (...) desde louça de mesa, louça de forno e alguns artigos decorativos» (Duarte, 2011: 22). Chegou a contar com 700 trabalhadores, num total de três fábricas na cidade, e uma taxa de exportação de 95% da sua produção (Duarte, 2011: 22). A SECLA I, considerada a “Antiga Fábrica”, localizada na Rua Fernando Ponte e Sousa, foi a primeira grande unidade fabril, construída para colmatar a grande procura da cerâmica caldense, que já não conseguia ser satisfeita pelas pequenas oficinas originais. A SECLA II, com instalações na Rua São João de Deus, apareceu após a revolução de 25 de Abril, quando «o escudo desvalorizou e os produtos portugueses ficaram mais baratos» (Narciso, 2018) para os compradores estrangeiros, o que consequentemente levou à construção desta nova unidade fabril exclusivamente destinada à produção de peças para exportação (Narciso, 2018). A SECLA III, inaugurada em 1994, estava localizada na zona industrial da cidade. Foi construída com o objetivo de responder aos «grandes clientes» (Narciso, 2018) e contava com uma produção de «12 milhões de peças anualmente» (Romão, 2017: 70).

Em 2008, a globalização e a concorrência com os outros mercados fizeram com que a SECLA fechasse portas (Narciso, 2018). As fábricas deram lugar a novos equipamentos, mas a população manifestou o desejo de preservar o pórtico da fachada da antiga fábrica, com a inscrição “SECLA”. (Gomes, 2018).



Figura 33: «Secla anos 50». (Instituto Politécnico de Leiria).



Figura 34: «Secla». (Instituto Politécnico de Leiria).



Figura 35: Saída da Fábrica. (Gazeta das Caldas).

Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha

O Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha (CCC) foi inaugurado em 2008. Localizado a menos de 500 metros do centro histórico da cidade, este edifício é da autoria do arquiteto Ilídio Pelicano, da ARIPA Arquitectos. Foi resultado de um concurso lançado pelo município devido à demolição do Teatro Pinheiro Chagas, pois este já «não proporcionava as melhores condições para as exigências modernas dos actuais programas culturais.» (História, s. d.(b)).

O edifício, com uma área total de cerca de 22.500 m², é casa de inúmeros eventos. Dispõe de um café-concerto que se volta, simultaneamente, à cidade, ao exterior, e a um pequeno auditório que permite tornar-se um espaço único, possibilitando um contato mais direto entre os artistas e o público. Dispõe ainda de um grande auditório com mais de 600 lugares que alberga eventos como concertos, espetáculos circenses, ou grandes conferências. Verifica-se também a presença de diversas salas multiusos delimitadas por painéis amovíveis, uma sala de exposições e de ensaios, uma praça de animação, entre outros.

De momento, o CCC é o maior espaço cultural da cidade, que visa promover e disponibilizar a possibilidade de uma relação entre a população e a cultura.



Figura 36: Centro Cultural e de Congressos. ARIPA Arquitectos. (Ricardo Gonçalves).



Figura 37: Exterior do CCCR. (Joana Leite, 2022).



Figura 38: Auditório do CCCR. ARIPA Arquitectos. (Ricardo Gonçalves).

Museu José Malhoa

O edifício onde está instalado atualmente o museu José Malhoa foi inaugurado em 1940 e é da autoria dos arquitetos Paulino Montês e Eugénio Correia. (Perdigão, 2000) O edifício encontra-se no Parque D. Carlos I e o terreno para a sua construção foi cedido pelo Hospital Termal (Museu José Malhoa, 2021).

José Malhoa foi um pintor de vertente naturalista nascido nas Caldas da Rainha, em 1855. Iniciou os estudos de pintura na «Escola de Belas-Artes com doze anos» em Lisboa. O seu trabalho foi bem recebido «tanto pelo regime monárquico como sob o regime republicano e o pintor teve numerosas condecorações e honras, em Portugal e no estrangeiro». A sua obra é vasta e conta com temáticas de paisagem da vida rural, os costumes do povo, e também, trabalhos de retrato e de pinturas históricas e religiosas.

Uns anos antes da inauguração do museu, em 1927, cria-se nas Caldas da Rainha a «Liga dos Amigos José Malhoa, entidade através da qual muitas obras são adquiridas» (Perdigão, 2000). O próprio pintor faria doações das suas obras para a causa, que contou ainda com «ajudas financeiras para o desenvolvimento do projeto arquitetónico» (Perdigão, 2000) do museu, que viria a ser criado em 1940.

Este projeto é o primeiro edifício pensado «para fins museológicos» em Portugal e foi alvo de algumas «ampliações e remodelações», em 2006 e 2008 por parte dos arquitetos João Daniel e João Santa-Rita (Museu José Malhoa, 2021). Para além de obras de autor, a coleção, atualmente, alberga trabalhos de Maria Helena Vieira da Silva, Columbano Bordalo Pinheiro, Rafael Bordalo Pinheiro, Delfim Maya e entre outros (Museu José Malhoa, 2021).



Figura 39: «Museu José Malhoa (no parque)». (Miguel Chabby)



Figura 40: «Museu José Malhoa: edifício e jardim». (DGPC/DMCC).



Figura 41: «Museu José Malhoa: exposição». (DGPC/DMCC).

Silos Contentor Criativo

Em 1912, a família Alves de Paiva, de Vendas Novas, inicia a constituição de uma moagem e em 1921 surge a Sociedade Industrial Ceres, em Montemor-o-Novo. Nos anos 40, inicia-se um novo ciclo de modernização e expansão, mas o Alentejo não continha as condições necessárias para deslocação e transporte. Portanto, nos anos 50, a empresa desloca-se para Caldas da Rainha, junto do caminho de ferro, num edifício com um total de área de 7000 m² em oito andares. (Redação, 2021)

Após a adesão de Portugal à CEE, a indústria agrícola entrou em crise (Narciso, 2010) e a fábrica de moagem Ceres foi também vítima disso. Encerra em 2023 «devido a razões concorrenciais» (Redação, 2021).

Atualmente, com um projeto de requalificação, os antigos silos de moagem são «transformados num “viveiro de criatividade” para artistas e designers saídos da Escola Superior de Arte e Design» (Redação, 2010). É um espaço que está em funcionamento desde 2010 e proporciona práticas culturais e criativas, tal como eventos, exposições, e aluguer de espaços de trabalho, nas áreas da Música, Dança, Teatro, Imagem e Audiovisual e Design, entre outros. Este projeto pretende ser um contributo para a radicação dos alunos da ESAD após o término dos estudos. Em outubro de 2020, o responsável do espaço, Nicola Henriques, afirmou que albergava 21 ateliers em funcionamento (Narciso, 2020). Desde a sua abertura, o espaço tem criado parcerias com várias entidades como «a incubadora Partnia, instalada num dos pisos, assim como a ESAD, a Câmara, as Uniões de Freguesias e a Misericórdia» (Narciso, 2020) que ajuda na dinamização da cidade e das suas atividades culturais.

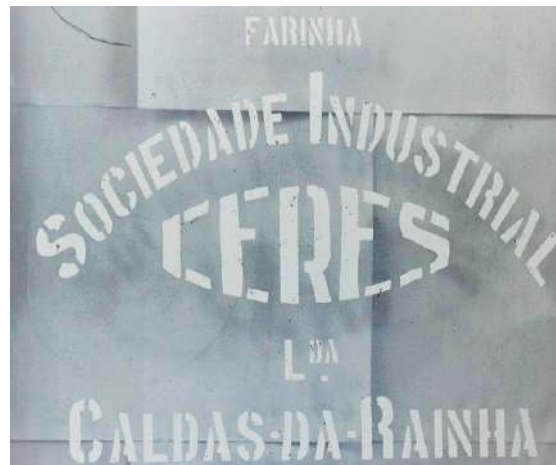


Figura 42: Logótipo Ceres. (Alvorada).



Figura 43: Fábrica de Moagem. (ESCS - Open Source Location Scouting).



Figura 44: Interior dos silos, atual espaço para exposições. (Sofia Ferrinho, 2023).

Escola Superior de Artes e Design (ESAD)

A Escola Superior de Artes e Design é um *campus* que pertence ao Instituto Politécnico de Leiria, mas está localizado na parte sul da cidade das Caldas da Rainha. O edifício foi projetado pelo arquiteto Vítor Figueiredo entre 1993 e 1997. Para além da construção do edifício principal novo, o arquiteto coordenou as obras de adaptação do antigo Hospital de Santo Isidoro a Biblioteca do campus. (Matias, 2009). O projeto «resultou de um concurso público internacional» e é considerado uma obra marcante do arquiteto, a quem foi atribuído o Prémio SECIL de Arquitetura em 1998 (Gomes, 2022).

O edifício possui diversos espaços de trabalho como ateliers, oficinas e um auditório. Para além das exposições e trabalhos dos estudantes, a ESAD alberga muitos eventos de entidades exteriores e *workshops*.

Atualmente, frequentam 1650 estudantes e lecionam mais de 130 docentes, num leque de licenciaturas e mestrados no mundo das artes performativas e plásticas, Design e Audiovisuais, entre outros. (ESAD.CR abre-te o mundo, s. d.)



Figura 45: Exterior da ESAD. (Artes Plásticas na ESAD. CR).



Figura 46: Exterior da ESAD.(Joana Leite, 2022).



Figura 47: «Vista Posterior» do Hospital de Santo Isidoro (atual biblioteca). (DGPC).

Estação de Caminhos de Ferro das Caldas da Rainha

A Estação Ferroviária das Caldas da Rainha foi inaugurada em 1887, no âmbito da construção do lanço entre Torres Vedras e as Caldas da Rainha, da linha oeste. A vila passou a distar cerca de 5h de viagem de Lisboa, melhorando também toda a comunicação das Caldas da Rainha com o litoral do país, e ajudando no desenvolvimento da vila através da indústria da cerâmica e da atividade termal, através do transporte de mercadorias e de passageiros. (Rodrigues, 1993)

Os azulejos existentes nas paredes da estação são da autoria da Fábrica Aleluia de Aveiro, de 1924, e representam marcos da cidade e da região e personalidades notáveis, como a rainha D. Leonor e Rafael Bordalo Pinheiro.

Atualmente, a estação serve dez circulações por dia, em cada sentido, e existem planos para modernizar e eletrificar a linha do oeste, que beneficiará a viagem até às Caldas da Rainha e, numa perspetiva alargada, diminuirá o tempo de ligação entre Lisboa e Porto.



Figura 48: «Estação de Caminhos de ferro». (Miguel Chaby).



Figura 49: Fachada principal da estação. (Sofia Ferrinho, 2022).



Figura 50: Plataformas da estação. (Sofia Ferrinho, 2022).

Praça 25 de abril

A Praça 25 de abril é a maior praça fora da zona histórica da cidade, em zona central entre a Estação dos Caminhos de Ferro e o Terminal Rodoviário, de 1929. Alberga no seu recinto a nova Igreja Matriz da Nossa Senhora da Conceição, da autoria de Vasco Regaleira (História, s. d.(a)), datada de 1950. A igreja apresenta uma planta longitudinal, composta por uma nave e uma capela-mor, contornada por um elemento que forma a sacristia e outras utilidades (Gorjão, 2004). Também em meados do século XX se acrescentou o edifício dos Paços do Concelho, de Raúl Rodrigues Lima, (Câmara Municipal) à praça (S., 1954)¹³, passando a Junta de Freguesia a funcionar no anterior edifício da Câmara situado na Praça da República, e ainda o Tribunal. Considerados de arquitetura nacionalista, estes três equipamentos podem ser interpretados como obras de expressão simbólica do poder do Estado Novo (a justiça, a igreja e o estado). Em 2015, foi criado um espaço público de permanência entre os edifícios existentes, e um estacionamento subterrâneo no centro da praça para diminuir os carros na via pública, numa zona de muito movimento da cidade. (Redação, 2015)



Figura 51: Praça 25 de Abril antes de 2015. (Gazeta das Caldas).



Figura 52: «Praça 25 de Abril», atualmente. (Visitar Portugal).



Figura 53: Igreja Nossa Senhora da Conceição. (Schröder).

¹³ A sua futura construção foi mencionada a 27 de julho de 1954 num artigo da Gazeta das Caldas.

3.1 Enquadramento da cidade nos meados do século XX

Na primeira metade do século XX, Portugal viveu mudanças muito significativas a nível económico e demográfico. A continuação de processos iniciados no final do século anterior, como a industrialização das principais cidades, com a consequente criação de emprego, e a expansão da rede de caminhos de ferro provocou um rápido aumento da população urbana. Milhares de pessoas deixaram o Portugal rural e estabeleceram-se nos centros urbanos, predominantemente localizados no litoral. A cidade das Caldas da Rainha não ficou alheia a esse processo de mudança. A título de exemplo, a freguesia de Nossa Senhora do Pópulo¹⁴ tinha, em 1900, cerca de 4.600 habitantes. Em 1950, essa população mais que duplicou para cerca de 11.800 habitantes, situação repetida noutras freguesias da cidade (Distrito de Leiria Evolução da População entre 1864 e 2011, s. d.).

Desde o final do século XIX, esta mudança demográfica nas cidades tinha vindo a criar a «escassez da habitação e o excessivo preço dela» (Cascão, 2011: 49). Para tentar acomodar o crescimento demográfico surgiram algumas propostas – umas de orientação socialista, outras filantrópicas – visando as famílias de baixo rendimento, muitas vezes operárias, cuja situação era frequentemente deplorável e insalubre. Algumas das iniciativas de privados, por vezes promovidas pelas próprias corporações patronais, consistiram «na construção de pequenos bairros, formados por casas em regime de habitação plurifamiliar, tendo como destinatários os elementos das classes trabalhadoras e os segmentos mais carenciados das classes médias» (Cascão, 2011: 49). Um exemplo pioneiro destas iniciativas de habitação é o Bairro Estrela d'Ouro, localizado na Graça, em Lisboa, de 1908. O edifício é da autoria de Manuel Norte Júnior e foi mandado construir «pelo industrial de confeitaria Agapito Serra Fernandes» (Pereira, 1994: 521) para alojar os seus trabalhadores e respetivas famílias. Trata-se de um bloco habitacional «em for-

ma de U» (Pereira, 1994: 522) com dois pisos e um pátio no interior, acessível através de escadas e galerias exteriores. Este tipo de habitação continha, também, por vezes, serviços ou infraestruturas comunitárias. No caso do Bairro Estrela d'Ouro, existia um cinema.

Estas iniciativas não impediram o agravamento da crise habitacional até ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, dado o baixo investimento do Estado em habitação económica. Esse investimento aumentou nos anos do pós-guerra, sem, no entanto, resolver completamente o problema (Cascão, 2011: 51-54). Os edifícios alvo de estudo foram precisamente construídos no período pós-guerra e poderão ter sido uma tentativa de um particular em responder à falta de habitação. Tem-se em consideração que os edifícios consistiam num número elevado de fogos construídos de uma só vez, numa altura em que existiam poucos prédios e mais moradias na cidade das Caldas da Rainha.

O mapa de evolução da zona norte do centro da cidade das Caldas da Rainha [Figura 54], adaptado de fotografias aéreas de 1957 e 1982, permite constatar o desenvolvimento da malha urbana durante esse período. Em 1957, partindo da estação de caminhos de ferro, é visível a Avenida da Independência Nacional (1887), orientada para o centro histórico, em direção à Praça da Fruta. Só mais tarde, é que foi aberta a Avenida 1º de Maio, que tomou conta do pedaço inicial da Avenida da Independência Nacional, junto à estação, e abriu caminho direto para a atual Praça 25 de Abril, onde se encontram a Igreja Nossa Sr.ª da Conceição, o Tribunal e a Câmara Municipal. Nota-se, em 1982, que a construção foi ficando mais densa nesta zona da cidade, com edifícios mais elevados do que os existentes até à data.

Quando ao quarteirão dos “Prédios Viola”, verifica-se que, em 1957, o conjunto de edifícios de habitação e as oficinas da Sociedade Elétrica do Oeste Limitada (SEOL) (1948) já estavam erguidos,

¹⁴ Freguesia que abarca o centro da cidade, do lado nascente da linha férrea, antes da criação da União de Freguesias de Nossa Senhora do Pópulo, Coto e São Gregório na reorganização administrativa de 2013.

apenas existindo as estradas de divisão de terrenos até lá. Já em 1982, percebe-se como se continuou a desenvolver a malha a norte do centro histórico, com mais edifícios de habitação, o novo edifício do quartel dos bombeiros (1981) e mais ruas. São igualmente perceptíveis as alterações no quarteirão dos “Prédios Viola”, como os novos edifícios de habitação com maior altura e as alterações dentro das oficinas da SEOL, feitas em 1963 (Del-Rio, 1963), no miolo do quarteirão. Atualmente, as oficinas da SEOL já não existem, tendo sido demolidas. No entanto, grande parte da atual malha urbana da cidade corresponde à malha existente em 1982.



Figura 54: Planta executada a partir de fotografias aéreas, 1957 e 1982. Câmara Municipal de Caldas da Rainha. (Ana Rita Jesus)

3.1.1 Local de Intervenção

- O bairro

O bairro está localizado no lado nascente da cidade, na Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva, a cerca de 500m da estação de caminhos de ferro. Em tempos, o bairro, que «ficava num descampado», «era longe do centro da cidade» e marcava o fim dela a noroeste (Cipriano, 2016). No local encontram-se, atualmente, os restos de uma nave, que pertencia à empresa SEOL, fundada em 1948, por três empresas de electricidade¹⁵, para o fornecimento de energia elétrica à região (Cipriano, 2016). Até então, «era a Empresa Mineira do Lena que, a partir da central termoelétrica em Porto de Mós (alimentada a carvão), trazia a electricidade» ao oeste do país (Cipriano, 2016).

Os edifícios de habitação do bairro, construídos para a população, datam desse mesmo ano. O proprietário do terreno e do «edifício social para as famílias modestas de operários da SEOL» (Tibério, 2003) era Augusto Maria Viola (Ver Anexos), que deu origem ao nome dos edifícios pelo qual são atualmente conhecidos: os “Prédios Viola” [Figura 55]. Na Gazeta das Caldas, o antigo trabalhador da SEOL Alberto Cortez lembra que, em 1948, o seu «local de trabalho era num rés-do-chão do Bairro Viola na rua Mestre Francisco Elias» (Cipriano, 2016).

Após a concretização dos primeiros blocos de habitação do bairro, foi aprovado, em 1953, pela Direção Geral dos Serviços de Urbanização, um Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha, da autoria do arquiteto Paulino Montez. Este plano apresenta uma proposta para a restante parte do bairro, que compreende duas réplicas do edifício “quadrado” e a extensão da linha de edifícios do lado da Rua Fonte do Pinheiro, criando no centro um espaço verde [Figura 56]. Apenas esta última fileira de edifícios propostos foi construída.

Em 1978, as companhias elétricas do país foram nacionalizadas e a SEOL comprada pela EDP (Cipriano, 2016). As oficinas do bairro dos

“Prédios Viola” caíram no esquecimento, como aconteceu com inúmeras zonas fabris, onde a desindustrialização deixou «espaços residuais permanentes que influenciam directamente nas vivências sociais e na organização física e espacial da cidade» (Araújo, 2016).

Em 2003, a nova proprietária do terreno da SEOL e dos edifícios de habitação, Seguradoras Unidas, S.A.¹⁶, estudou planos para reabilitar o interior do bairro, que foram reportados no jornal Gazeta das Caldas, mas que nunca chegaram a ser concretizados. O plano incluiria a reabilitação dos “Prédios Viola” e «a construção, no terreno contíguo, de um novo prédio» (Tibério, 2003). O novo projeto contava com inúmeros novos fogos «nos dois edifícios ligados por uma praça central, com comércio e zonas verdes, destinada apenas para trânsito pedonal» (Tibério, 2003). O projeto ambicionava que «os elementos arquitectónicos empregues possam ser ‘sentidos’ pelos utentes e onde as marcas reais existentes – o ‘Prédio do Viola’ – e o novo edifício sejam valorizados como pontos de interesse ou, mesmo, referências da própria cidade das Caldas da Rainha» (Tibério, 2003).

Atualmente, o bairro encontra-se negligenciado pela cidade e pelos proprietários, e apresenta uma prioridade acentuada do automóvel observada através do separador central da Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva. Para além deste bairro, existem pela cidade inúmeros outros lotes vazios abandonados e subaproveitados, uns servindo como parques de estacionamento desregulados, outros sendo apenas espaços vagos. No bairro existe uma discrepância entre escalas de edifícios contíguos, dadas as suas diferentes épocas de construção, dos anos 1940 dos “Prédios Viola” aos anos 1980 dos outros edifícios. Os primeiros edifícios têm quatro pisos e os últimos apresentam o dobro. Estes edifícios mais recentes estão em melhor estado e habitáveis.

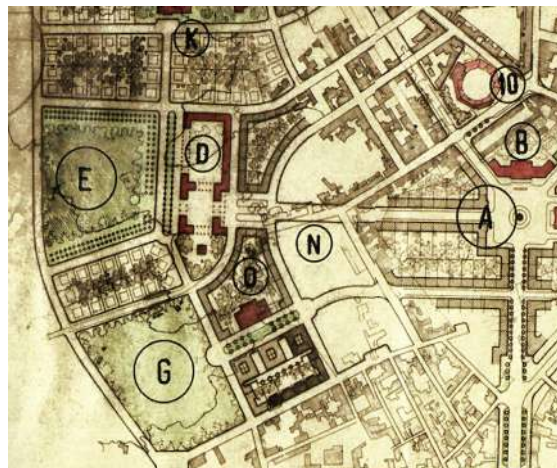


Figura 56: Excerto do Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha, de Paulino Montez, aprovado em 1953. (DGOTDU).



Figura 57: "Prédios Viola" e oficinas SEOL. (Gazeta das Caldas).



Figura 55: "Prédios Viola" na década de 40. (Gazeta das Caldas).



Figura 58: Interior do quarteirão, jul. 2021. (Júlio Ferreira).

¹⁵ Companhia das Beiras, a Hidroelétrica do Alto Alentejo, e as Companhias Reunidas de Gás e Eletricidade de Lisboa.

¹⁶ Seguradoras Unidas, S.A. é uma companhia de seguros resultante da fusão da Companhia de Seguros Tranquilidade, S.A.; a T-Vida, Companhia de Seguros, S.A.; a Seguros LOGO, S.A. e a Açoreana Seguros, S.A..

- Os “Prédios Viola”

Atualmente, o conjunto dos “Prédios Viola” conta apenas com quatro fogos ocupados em dois dos blocos do edifício “quadrado”. Os restantes edifícios encontram-se encerrados e trancados. O edifício “quadrado” [Figura 60] está dividido em dois blocos distintos (A e B), com um pátio interior/saguão comum. Ambos são simétricos entre si, à exceção de uma divisão no canto nordeste do Bloco A. A distribuição vertical é feita por um núcleo central, do lado do pátio, que divide o bloco em dois, ficando com dois fogos para cada lado e um em frente ao núcleo de escadas, num total de cinco fogos por piso. A exceção é o piso térreo, onde a entrada divide o piso em dois e fica com três fogos de cada lado, num total de seis fogos. O núcleo de escadas dá acesso ao pátio interior através do piso térreo. O Bloco C apresenta dois fogos por piso, com um núcleo de distribuição central. São apenas simétricos nos primeiro e segundo pisos, pois a partir do terceiro um dos fogos já inclui a parte de cima do túnel de passagem para o logradouro. Esta passagem contribui para a permeabilidade do quarteirão, e é aproveitada para o projeto proposto no trabalho. Os restantes edifícios apresentam dois fogos por piso com um núcleo de distribuição vertical central e outro nas traseiras do edifício. No total, os prédios teriam cerca de 110 fogos. Todos os fogos estão equipados com uma cozinha e uma casa de banho, e mudam de tipologia consoante o número de divisões adicionais, que variam entre uma e quatro. Constatase que todos os fogos têm uma boa exposição solar e estão bem ventilados, através da existência de um pátio interior e de janelas em todas as divisões, inclusive no núcleo de escadas.

É importante observar as características dos edifícios à luz dos princípios da habitação no final dos anos 1940, época da construção. Já em 1883, o *Manual de Hygiene*, de David Corazzi, estipulava que a quantidade de compartimentos que um fogo continha podia ser visto como uma «manifestação de luxo ou da abastança» (Cascão, 2011: 25) e que

era importante terem «um pátio ou um terraço – onde principalmente as crianças possam tomar ar e luz, e correr.» (Cascão, 2011: 25). Essas preocupações com a salubridade das habitações permaneceram ao longo das décadas seguintes. E de facto, olhando para os “Prédios Viola”, vê-se que tais padrões de qualidade e higiene foram respeitados na sua construção. Isso é demonstrado pela existência de uma casa de banho por fogo, o que na época era sobretudo uma característica de «moradias em blocos de qualidade elevada», não existindo casas de banho partilhadas. Da mesma forma, em relação ao «revestimento dos pavimentos, [era] conveniente optar por madeiras duras, em vez dos tapetes, pouco higiénicos, por causa da acumulação de pó» (Cascão, 2011: 26), o que também acontecia no interior dos “Prédios Viola” [Figura 61].

Apesar do valor histórico local do quarteirão, grande parte dos “Prédios Viola” encontra-se numa situação degradada e devoluta. Esta questão tem sido tema recorrente na vida política local. Em 2013, existiu uma chamada de atenção por parte do deputado municipal Lino Romão, em que considerou estes edifícios «uma ameaça à segurança pública e [que] deveriam ser aproveitados para habitação social ou residências criativas para fixação de estudantes da ESAD» (Gazeta das Caldas, 2013). Esta ideia de abandono continuou a ganhar força em 2017, com o então candidato à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, José Carlos Faria, que descreveu, numa entrevista ao Jornal das Caldas, os prédios como estando «vandalizados e cheios de lixo» e constituindo «um perigo para a saúde pública» (Sousa, 2017).

A industrialização das principais cidades e a expansão da rede de caminhos de ferro entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX resultaram num rápido aumento da população urbana. Muitas pessoas deixaram as áreas rurais e se estabeleceram nos centros urbanos, principalmente localizados no litoral do país. Devido ao aumento da

população, construíram-se pequenos bairros com habitações multifamiliares destinadas às classes trabalhadoras e às camadas mais desfavorecidas.

O local de intervenção está localizado a nordeste da estação de caminhos de ferro da cidade das Caldas da Rainha. Lá encontram-se os vestígios [Figura 62] de uma nave que pertencia à empresa SEOL, de 1948, para fornecer energia elétrica à região, e os respetivos edifícios de habitação para a população e pessoal trabalhador. Os edifícios foram construídos seguindo os princípios de higiene e qualidade habitacional da época, portanto destacam-se pelo seu pátio interior e pelo seu logradouro e contam com 110 fogos, todos equipados com instalação sanitária e cozinha e todas as divisões com janelas para ventilação e iluminação natural. Em 1978, a SEOL foi comprada pela EDP e saiu do local. Atualmente, o conjunto de “Prédios Viola” está abandonado e quase sem moradores, com apenas dois deles ocupados.

Para além de se reaproveitar o interior vazio do quarteirão para a proposta apresentada, também se pretende reabilitar todo o conjunto dos “Prédios Viola”.



Figura 60: Planta do piso térreo dos “Prédios Viola” adaptada de «Planta de implantação». Câmara Municipal das Caldas da Rainha. (Ana Rita Jesus)

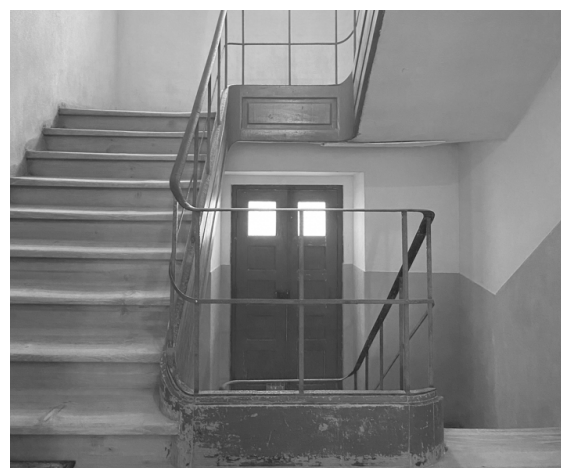


Figura 61: Distribuição vertical do bloco A. (Joana Leite, 2022).



Figura 59: Fachada principal do “Prédio Viola” na Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva. (Ana Rita Jesus, 2022).



Figura 62: Interior do quarteirão vazio. (Ana Rita Jesus, 2022).

3.2 Estratégia geral de intervenção

Após a investigação sobre a cidade das Caldas da Rainha, apresentou-se uma proposta de turma [2.3.4 Análise SWOT (Figura 28)], ao qual cada estudante adicionou programas pertinentes para a cidade, nomeadamente, espaços verdes, percursos, habitação, equipamentos públicos, entre outros. Estes programas são resultado da identificação de algumas fragilidades na cidade [2.3.4 Análise SWOT (Figura 27)].

A proposta individual debruça-se sobre um quarteirão – o dos “Prédios Viola” - a nordeste da cidade, onde esses problemas são notórios. Algumas situações identificadas são a falta de espaços verdes e de permanência, os espaços vazios desaproveitados, a diferença acentuada de escalas entre os edifícios de diferentes épocas, e o excesso de automóveis na via pública. A intervenção propõe solucionar estas fragilidades de modo a regenerar uma pequena parte da cidade e proporcionar aos cidadãos um espaço público de qualidade, com novos equipamentos para diferentes tipologias de trabalho e de habitação. O projeto deste quarteirão está inserido num percurso pedonal e verde, feito em parceria com duas colegas, que propõe dar aos habitantes espaços verdes, convívio e descanso, apoiado por um parque de estacionamento subterrâneo mais a norte.

Para manter uma coerência com o cariz artístico e histórico da cidade e a existência da ESAD (Escola Superior de Artes e Design), um equipamento relevante no panorama nacional, o projeto propõe um novo espaço de trabalho para visitantes, estudantes e residentes. No mapeamento realizado de espaços artísticos e de trabalho existentes na cidade, identificou-se uma falha nos espaços de trabalho, apesar de existirem abundantes locais para exposições artísticas, principalmente no centro histórico. Os atuais espaços dedicados a essas atividades são os seguintes: Silos Contentor Criativo, Pimpões, Origami Produções, TELA – Espaço de Criação Artística, CCC (Centro Cultural e

Congressos), Expoeste, e ainda a ESAD e Centro de Artes das Caldas da Rainha. O leque de atividades nestes locais varia entre exposições e eventos, workshops, ateliers, desde as áreas do desporto até à música e teatro, passando pela gastronomia, entre outros.

Tendo em conta esta constatação, a proposta dos Edifícios Viola XXI pretende proporcionar espaços de trabalho para diversas áreas e para diferentes tipos de trabalhadores, a norte do centro histórico da cidade. A chegada de novas pessoas ou a permanência dos atuais residentes, em condições melhoradas, implica novos tipos de habitação, temporária ou permanente, que também são considerados neste quarteirão. A proposta de um edifício de 8 andares, para além de ser parte integrante da solução para o problema habitacional, ainda remata a empena existente no local, harmonizando as escalas.

A reabilitação deste quarteirão cria um microcosmos, pois apesar das suas 3 entradas/passagens, o espaço tem potencial para viver para dentro de si mesmo, dispondo de espaço público verde, habitação, espaço de trabalho e de um espaço de restauração. Devido ao estado de degradação dos “Prédios Viola”, a proposta passa também pela possibilidade de reabilitação de todos os edifícios existentes no conjunto. A conjugação destes elementos proporcionará aos habitantes uma melhor qualidade de vida neste pedaço da cidade. Tendo em conta a proposta a apresentar, foram estudados temas como os vazios urbanos e espaços verdes, a habitação e o espaço de trabalho coletivo de forma a criar uma base teórica sólida que a sustentasse.



Figura 63: Separador central com estacionamento, na Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva. (Ana Rita Jesus, 2022).



Figura 64: Discrepância de alturas. (Joana Leite, 2022).

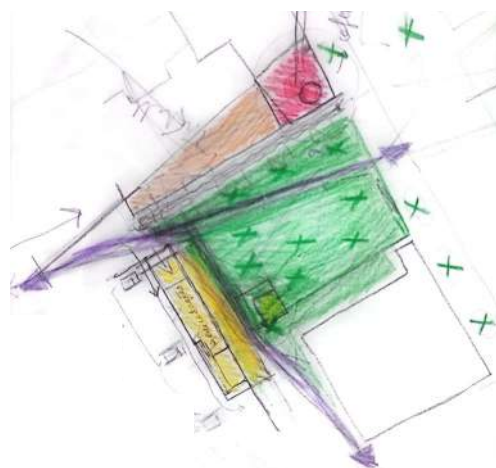


Figura 65: Esboço de proposta de distribuição e de atravessamento do quarteirão. (Ana Rita Jesus).

Proposta de intervenção

Origami Produções

Pimpões

Silos Contentor Criativo



Figura 66: Mapeamento de espaços de trabalho. Escala: 1:5 000. (Ana Rita Jesus).

3.2.1 Vazios Urbanos e Espaço verde

Durante a análise, em turma, da cidade, mencionaram-se “espaços vazios”, tanto na análise SWOT como na parte do mapeamento da cidade, onde se identificaram os vários tipos de vazios – ruína, estacionamento, terreno baldio, etc. Este conceito foi desenvolvido por alguns académicos e cientistas incluindo geógrafos alemães como Wolfgang Hartke e K. Ruppert, que usaram o termo *die sozialbrache* (vazio social), em 1952, para determinar terras cultivadas deixadas sem uso por razões económicas e sociais (Mendonça, 2001). Outra definição apresentada foi a do geógrafo francês Jean Labasse, em 1966, a partir do termo *friches industrielles* (baldios industriais), para caracterizar «um espaço, construído ou não, desocupado ou sem muita utilização; antes ocupado por actividades industriais ou outras actividades ligadas à indústria.» (Mendonça, 2001). Estes espaços vazios atualmente identificam-se como “vazios urbanos” e são definidos por áreas vagas ou inúteis dentro do tecido da cidade.

Estes vazios podem assumir várias formas, incluindo edifícios abandonados ou em ruínas, terrenos baldios, ou espaço público negligenciado. Os “vazios urbanos” podem surgir devido a vários motivos, sejam económicos, sociais, a falhas no planeamento urbano, ou até a desastres naturais. Geralmente estes vazios apresentam desafios tanto para políticos como para urbanistas, pois podem influenciar negativamente a funcionalidade da cidade. No entanto, a ativista Jane Jacobs defende que esses mesmos vazios são essenciais para a vitalidade e diversidade de uma cidade e que os espaços em questão podem também oferecer oportunidades para diversas atividades e interações, contribuindo para o tecido social (Jacobs, 1961). Esses vazios urbanos podem ser uma oportunidade de regeneração do tecido urbano, de cerzir a cidade.

Ao “vazio urbano” referido anteriormente, um local previamente utilizado pelas oficinas da SEOL, pretende-se dar uma regeneração ao incorpo-

rá-lo na proposta de intervenção. O espaço pode ser caracterizado como um *grayfield*, uma forma de propriedade urbana composta por edifícios em ruínas ou obsoletos, situados em terrenos não necessariamente contaminados (Kibert, 2016: 241). Para além de constituírem «um problema social, de mau aproveitamento do capital investido e de desprezo do património construído» (Meneguello, 2009: 130), causam também problemas ambientais por significarem o fim do uso de «uma infra-estrutura projectada e calculada para a sua utilização, fazendo a cidade buscar novos terrenos» (Meneguello, 2009: 130).

Em parceria com as colegas Maria Inês Vieira e Adriana do Carmo criou-se um pequeno percurso de espaços verdes [Figura 68], tanto de permanência como de passagem, de maneira a intervir a diferentes escalas e facilitar o acesso a árvores, plantas e espaços verdes para todos (Blanchar, 2022). Denota-se uma evidente falta de espaços verdes e/ou de permanência na cidade, à exceção da zona histórica, onde existem os “pulmões” da Mata da Rainha e do Parque D. Carlos I. Assim, este novo percurso irá desde a Praça 25 de Abril, passando pelo quartel da PSP e pelo quartel dos bombeiros (junto aos locais de intervenção das colegas), atravessando o quarteirão dos “Prédios Viola” e seguindo para a linha férrea, até à estação de caminhos de ferro. Outra constatação permitida pela análise *in situ* foi a da inexistência de um lugar público para sentar, descansar ou permanecer, no percurso entre a praça e a estação de caminhos de ferro. Verifica-se ainda, ao longo da cidade, como em tantas outras cidades nacionais e europeias, uma necessidade urgente de desenterrar asfalto e plantar mais árvores que, para além de sombra para descanso, também reduz o efeito das ilhas de calor urbano (Blanchar, 2022).

Este percurso de espaços verdes e de permanência encontra referências no Corredor Verde de Monsanto e no Jardim Fernando Pessa

[Figura 67], no Areeiro, em Lisboa. Há uma ideia de ligação e de permanência: o Corredor Verde pretende comunicar com a cidade num todo, criando um percurso aprazível. Já o Jardim é um espaço de permanência, no interior de um quarteirão, trazendo um espaço verde para o centro da cidade. Ambos os espaços não se excluem da cidade, apesar de se pretender que sejam espaços de refúgio da vida citadina. Assim, têm passagem para várias artérias e vias da cidade e são parte integrante dos vários percursos urbanos possíveis.

Os problemas do deficiente estacionamento e do excesso de automóveis a circular na cidade são tidos em conta, pois, para além da cidade ter uma dimensão relativamente pequena e ser facilmente percorrida a pé, criam-se algumas bolsas de estacionamento, nomeadamente perto da circular periférica e da estação de caminhos de ferro. O parque de estacionamento diretamente relacionado com esta proposta é subterrâneo e localiza-se a norte da mesma. Estes novos estacionamentos ajudam a retirar os automóveis das ruas e a devolvê-las aos cidadãos, ao mesmo tempo que promovem o conceito de “15-minute-city”, pensado por Carlos Moreno. Este urbanista defende bairros onde as pessoas possam atender à maioria das suas necessidades básicas numa curta caminhada ou num passeio de bicicleta, que tem como consequências não só a melhoria da saúde da população, mas também a promoção da economia local e benefícios ambientais duradouros (Moreno, 2020). As bolsas de estacionamento permitem retirar grande parte dos automóveis da Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva: deixando apenas uma fileira de estacionamento em espinha, acrescentando um caminho de árvores no separador central. O mesmo acontece na Rua 31 de Janeiro, onde se criam alguns lugares de estacionamento imediatamente à frente do quartel dos bombeiros e plantam-se árvores na restante parte do passeio. Esta proposta de organização do estacionamento



Figura 67: Vista do quarteirão do Jardim Fernando Pessa, em Lisboa. (Google Earth Pro).

Proposta de Adriana do Carmo

Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva

Proposta de Ana Rita Jesus

Rua 31 de Janeiro

Proposta de Maria Inês Vieira



Figura 68: Axonometria de proposta do percurso verde, em parceria com colegas. Escala 1:1000. (Ana Rita Jesus).





Figura 69: Planta de implantação da proposta de percurso verde, em parceria com as colegas. Escala 1:1000. (Ana Rita Jesus).

permitirá um reforço da aplicação deste conceito na cidade das Caldas da Rainha, e assim melhorar a qualidade de vida dos habitantes.

A intervenção verde e pedonal é uma proposta feita na sequência de alguns princípios comprovados para a melhoria das condições de vida da população e para o meio ambiente, como um bom planeamento urbano para ciclistas, pedestres, e trânsito, e a implementação de espaços verdes e arbóreos.

Os Edifícios Viola XXI devolvem à cidade o lote vazio e inacessível que existe nos dias de hoje, como um novo ecossistema produtivo (Kibert, 2016: 249), através da mínima construção possível. E, portanto, uma grande percentagem da sua área dá lugar a um espaço público verde, de maneira a mitigar alguns dos problemas que têm sido referidos. Uma referência tida em consideração é o edifício FPM 41, nas Picoas, em Lisboa, da autoria de Barbas Lopes Arquitectos [Figura 70], um exemplo claro da coexistência de espaço público e espaço privado. A opção de conceber o edifício num canto da área de implantação foi motivada pela escolha dos arquitetos de libertar espaço para uso público, num terreno e num edifício que são privados (Barbas, 2018: 163). Essa convivência foi criada de maneira que a barreira entre o espaço público e o espaço privado não fosse definida com precisão, mas que correspondesse na missão de responder aos interesses privados, e às expressões públicas e privadas do edifício e da cidade (Barbas, 2018: 164). Para a arquiteta Patrícia Barbas, os edifícios de escritórios de larga escala, apesar de privados enquanto missão, têm uma expressão pública forte, que impactam tanto os ambientes físicos e sociais da cidade (Barbas, 2018: 163). Assim, abrir parte deste edifício à cidade responderia à monumentalidade da construção de larga escala e da zona envolvente. A opção para o espaço público recaiu sob uma praça e um jardim, privilegiando a microcentralidade e a mobilidade verde.

Para além de todos os benefícios de trazer espaços verdes para a cidade, a mera existência de espaços públicos é benéfica para o ser humano, não só em termos da sua saúde, mas também pela sua promoção a nível social e urbano, pois estes espaços servem para a população se reunir e criar um sentido de comunidade, como defende Jane Jacobs, no seu livro *The Death and Life of Great American Cities* (Jacobs, 1961).

Já na origem do espaço público na sociabilidade ocidental, a ágora da Grécia Clássica era o «local de reunião, situado no coração da cidade» (Martin, 1996: 203), onde «os cidadãos se reuniam para tratar dos negócios públicos» (Rachet, 1992: 18). Era o ponto nevralgico da cidade, o centro artístico, desportivo, comercial, social, político e espiritual (Rachet, 1992: 18-19). A relevância da ágora helénica era tal que passou a designar tanto a assembleia de pessoas que se reunia para tais atividades, como o lugar onde tal acontecia. Será, talvez, a simbiose perfeita e metafórica daquilo que constitui a cidade: as pessoas e o lugar.

Recentemente, a existência do espaço público ganhou ainda maior importância com a pandemia Covid-19, quando fomos sujeitos a quarentenas e isolamentos, dando mais força à ideia de Stefano Moroni, de que o espaço público é um lugar onde os indivíduos podem se unir para superar o efeito incapacitante do isolamento, não sendo somente um local de lazer ou de recreação (Moroni, 2014: 52).

Na análise da cidade das Caldas da Rainha, foram identificados vários tipos de espaços vazios, como ruínas, estacionamento e terrenos baldios. Esses espaços são conhecidos como “vazios urbanos” e podem apresentar dificuldades, mas também podem oferecer oportunidades para diversas atividades e interações, contribuindo para um novo tecido da cidade.

Em parceria com duas colegas, foi desenvolvido um

percurso de espaços verdes [Figura 71] que pretende combater alguns desses espaços vazios. O percurso passará pela Praça 25 de Abril, atravessando os três locais de intervenção, até à estação de caminhos de ferro. Esse percurso é inspirado no Corredor Verde de Monsanto e no Jardim Fernando Pessa, em Lisboa, pois têm a ideia de comunicação e permanência, integrados na cidade. Foram também criadas bolsas de estacionamento próximas da circular periférica e da estação de caminhos de ferro, que visam retirar os carros das ruas, promovendo o conceito de “15-minute-city” e melhorar a qualidade de vida dos habitantes. A proposta principal do quarteirão dos “Prédios Viola” é transformar um lote vazio e inacessível num novo espaço para viver e trabalhar, com ênfase na criação de espaços públicos e verdes que trazem diversos benefícios para a saúde e promovem a integração social e urbana.



Figura 70: FPM41. (Idealista).



Figura 71: Colagem de um excerto do percurso verde proposto - Rua 31 de Janeiro. (Maria Inês Vieira).

3.2.2 Habitação

Le Corbusier desenvolveu o conceito “La Ville Radieuse” (Cidade Radiante) (1933) que defendia um plano urbano ideal que visava enfrentar os desafios das grandes cidades. O plano continha os seguintes princípios: a construção de edifícios de habitação coletiva altos, que maximizariam o uso do espaço, reduzindo a planta, e criariam uma comunidade vertical com a presença de outras comodidades como lojas, escolas, jardins nas coberturas, etc; e a criação de espaços verdes amplos para proporcionar o acesso direto à natureza. (Le Corbusier, 1969) Um exemplo que pôs em prática esta ideia é o seu projeto de Unité d’Habitation (Le Corbusier, 2000: 168) em Marselha, França: «Le Corbusier distingue a Unité como um ícone da habitação e da “Cidade-Jardim Vertical”, como ideal para que possa ser auto-sustentável» (Miguel, 2012: 20) Muitos dos princípios de “La Ville Radieuse” podem ser aplicados em várias escalas, como no caso das Caldas da Rainha.

A habitação coletiva pode assumir uma variedade de formas e estruturas. Algumas pessoas optam por este tipo de habitação para economizar custos pois «a renda e as despesas são divididas por todos os utilizadores» (Correia, 2017: 50), enquanto outras são atraídas pelos benefícios sociais e ambientais da vida em comunidade e pelo «sentido de pertença» (Baptista, 2022). Pode, também, assumir vários tipos de temporalidade: desde o surgimento dos nómadas digitais, passando pelos estudantes, famílias que alteraram momentaneamente as suas circunstâncias ou investigadores que viajam. A estas realidades, cada vez mais frequentes, pretende-se dar uma resposta que passe pela habitação coletiva temporária.

A habitação temporária prende-se a acomodações destinadas a serem usadas por um curto período, que varia entre alguns dias a vários meses. Há inúmeras razões pelas quais alguém pode precisar de uma residência temporária, «seja a trabalho ou estudo, ou por motivos de força maior

que constitua uma saída forçada para outro local» (Correia, 2017: 50). Pretende-se que o carácter temporário que se possibilita à habitação proposta, se aplique também nos espaços de trabalho, devido às novas realidades do trabalho remoto que, por vezes, permitem aos trabalhadores viver onde querem e durante o tempo que querem.

Como referência de habitação, pelo seu carácter coletivo, com a existência de serviços e valorização das artes, mobiliza-se o Bloco das Águas Livres, na zona do Rato, em Lisboa [Figura 73]. É um bloco habitacional, com cerca de um terço do seu espaço dedicado a áreas comuns como lavandaria, sala de condomínio e arrecadações. É uma referência pertinente para o projeto pelo seu uso misto, de habitação e serviços, mas também pela valorização que dá às artes plásticas, com a inclusão de obras de importantes artistas portugueses, e pela existência de espaços verdes. Também a planta dos fogos deste bloco habitacional [Figura 74] foi alvo de estudo e referência. Por um lado, pela localização da varanda no “fim” da habitação, tanto junto à zona de estar como ao espaço de descanso privado (quarto). Por outro lado, pela acumulação de serviços (instalações sanitárias e cozinhas) num núcleo apenas, de maneira a libertar as zonas de estar e tornar o espaço o mais livre possível.

Os edifícios de uso misto são vistos como catalisadores de revitalização urbana. Jane Jacobs argumenta que os bairros deveriam ter uma mistura de funções residenciais, comerciais e culturais. Esta diversidade de usos cria um ambiente dinâmico onde as pessoas vivem, trabalham e socializam, num curto espaço físico (Jacobs, 1961). Este tipo de utilização de edificado pode reduzir a necessidade de longas deslocações e contribuir para as metas de sustentabilidade, diminuindo a utilização do automóvel e promovendo a “15-min city”.

Da mesma forma, os Edifícios Viola XXI pretendem ser valorizados pelo seu uso misto (habitação, espaço de trabalho, espaço de restaura-

ção) [Figura 72], pela relação com as artes, e pelos espaços verdes de qualidade.

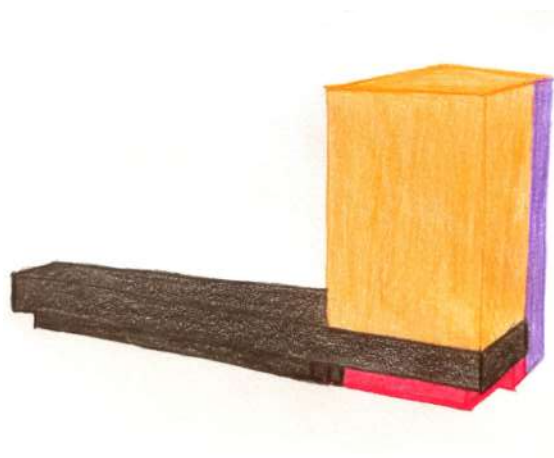


Figura 72: Esboço de programas propostos: uso misto com habitação, zonas de trabalho e serviço. (Ana Rita Jesus).



Figura 73: «Bloco das Águas Livres, 1956, Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Cabral». (Artecapital).

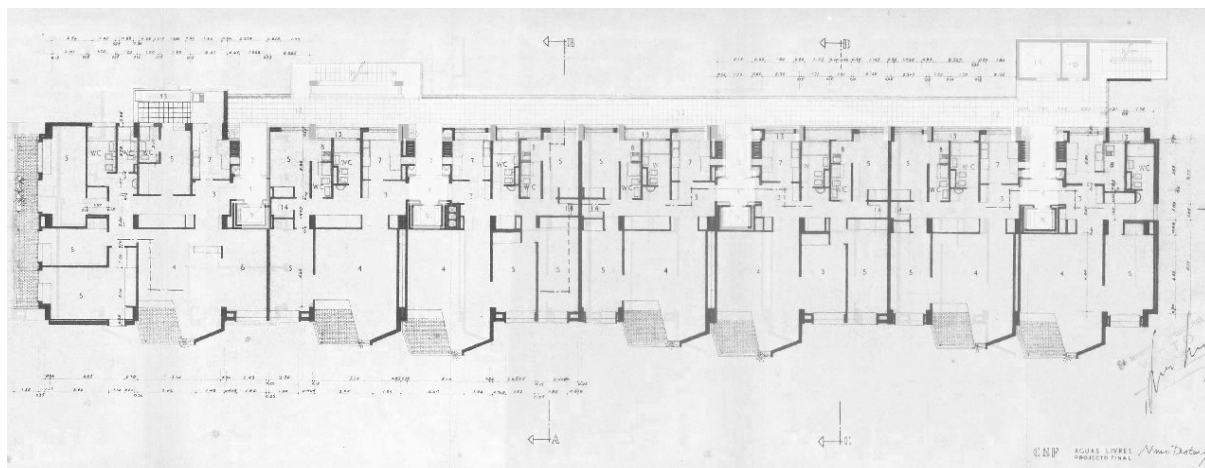


Figura 74: «Planta dos andares (4º ao 11º piso)» do Bloco das Águas Livres, em Lisboa. (RM Arquitectura).

3.2.3 Espaço de Trabalho Coletivo/Co-working

Mais do que nunca, vivemos numa sociedade de espaços híbridos e multifuncionais, versáteis. O *home-office* (teletrabalho) ganhou uma relevância durante e após a pandemia de Covid-19, graças à tecnologia e aos vários trabalhadores que deslocalizaram o seu trabalho. Primeiro deslocaram-se para casa, depois para espaços como cafés ou bibliotecas, longe do tradicional escritório. Muitos trabalhadores já não fazem distinção entre espaços – trabalham onde vivem, vivem onde trabalham.

De acordo com o estudo de maio de 2022, realizado pelo Banco Central Europeu, sobre a vontade de trabalhar a partir de casa, 40% dos entrevistados preferem não ir para o trabalho pelo menos duas vezes por semana. Neste estudo são reportadas algumas vantagens em trabalhar em casa, tais como o aumento da qualidade de vida derivado da poupança de tempo e dinheiro, tanto nas deslocações como na alimentação (Silva, [et. al.], 2023).

O espaço de trabalho padrão como o conhecemos até agora perde importância. Uma nova tendência é “trabalhar sozinhos, juntos”, onde indivíduos e equipas de diferentes áreas e empresas podem trabalhar independentemente, mas partilham um espaço em comunidade (Howell, 2021: 1). O facto de permitir conhecer novas pessoas fora do âmbito profissional pode aumentar as oportunidades para troca de conhecimento e, consequentemente, a probabilidade de gerar novas ideias (Bergal-Mirabent, 2021: 1), promovendo a produtividade e a motivação do trabalhador¹⁷.

Embora este conceito de trabalho coletivo seja recente, a arquitetura de Frank Lloyd Wright continha um princípio que está a ser utilizado hoje nestes espaços, como a planta livre. Em 1902, Lloyd Wright projetou The Larkin Building [Figura 75], com um espaço amplo inovador para todos os trabalhadores em conjunto, sem escritórios privados ou espaços isolados (Edifício Larkin, 1995). O arquiteto acreditava na ideia de projetar espaços

que atendessem às necessidades dos ocupantes, promovessem a unidade e a interação, e derrubassem as hierarquias corporativas.

Um exemplo - e referência atual - de trabalho coletivo é o Office Pillar Grove [Figura 76], nos arredores de Nagoya, Japão, que foi construído para ser um espaço de trabalho que permitisse uma comunicação rica entre os trabalhadores. É uma referência para o projeto porquanto se pretende criar um espaço dinâmico e com diversos usos, que permita a comunicação dos trabalhadores e a confluência de pessoas de várias áreas e de várias artes.

Um dos grandes fatores de impulso do crescimento deste tipo de espaços tem sido o surgimento de uma nova geração de trabalhadores – principalmente pequenos empreendedores e *freelancers*. Eles pretendem afastar-se da forma tradicional de como e onde trabalham, redefinindo normas sociais e, cada vez mais, testando novas práticas de trabalho (Bergal-Mirabent, 2021: 1). Assim criam-se novos espaços que estão munidos de equipamentos de escritório e de oficinas, áreas comuns como cafés, espaços de leitura ou outros serviços direcionados para a comunidade local (Howell, 2021: 1).

Os centros das cidades pretendem atrair esta nova geração de trabalhadores, mas o aumento do custo das rendas é um grande impedimento, pelo que os espaços de *co-working* são apelativos, pois representam uma alternativa para divisão de despesas para as empresas (Bergal-Mirabent, 2021: 2).

Os espaços de *co-working*, onde indivíduos e equipas partilham um espaço de trabalho em comunidade, estão a ganhar popularidade. Esses espaços oferecem equipamentos de escritório, oficinas e áreas comuns, como cafés e espaços de leitura, para atender às necessidades dos utilizadores. Embora os custos de aluguer nas áreas centrais das cidades sejam altos, os espaços de tra-

¹⁷ No entanto, Travis Howell apresenta a desvantagem de que, por vezes, estes espaços podem tornar-se demasiado ruidosos e de fácil distração, diminuindo a satisfação e produtividade dos trabalhadores (Howell, 2021: 9), o que mostra que o tema não é inteiramente consensual.

balho coletivo são atraentes porque permitem que as empresas partilhem despesas. Para além disso, permite conhecer novas pessoas fora do âmbito profissional e aumentar as oportunidades de troca de conhecimento e experiências.

Os espaços de trabalho dos Edifícios Viola XXI tentam agrupar estes ideais de partilha de espaço, numa planta livre, apenas com os serviços essenciais, como espaço de refeições e instalações sanitárias. Todo o espaço livre existente pode ser utilizado segundo a vontade dos utilizadores, seja para trabalho individual ou de grupo.



Figura 75: «Interior Open Office Atrium with Skylights». (The Buffalo History Gazette).



Figura 76: Interior do Office Pillar Grove. (Toshiyuki Yano).

3.3 Proposta

Como resultado da análise feita em conjunto e tendo em mente o programa (espaço verde, habitação, espaço de trabalho) a propor, a principal intenção seria criar um espaço circulável com espaços verdes e com a menor construção possível, apenas rematando as empenas. O primeiro passo foi o estudo da volumetria, com base nas estruturas existentes: muros e empenas vizinhos, alinhamentos de edifícios próximos do local. Quanto à distribuição de programas inicial, fazia sentido colocar o bloco habitacional proposto junto ao bloco vertical já existente onde seria possível criar mais habitação, em altura, e resolver a questão da empena. A escolha de duas tipologias diferentes contribui para a diversidade de residentes. No piso térreo, no canto da Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva, como ponto estratégico de visibilidade, cria-se um serviço para convidar os transeuntes para o quarteirão. Junto aos muros vizinhos, de dimensão horizontal, criam-se espaços compridos e amplos para rematar a maior parte desses muros cegos, virando-os para o centro do quarteirão, para o espaço verde. Demoliu-se um pedaço de um dos muros e umas arrecadações, de modo a criar uma passagem que atravessasse o quarteirão. A escolha para as plantas livres dos espaços de trabalho parte da vontade de oferecer espaços de trabalho que dê para todo o tipo de trabalhos e para todo o tipo de pessoas. A opção por vidro em todo o piso térreo foi feita para a comunicação direta com o espaço verde central, enquanto nos restantes pisos, a comunicação é mais pontual.

Proposta para a Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva

Proposta de serviço e entrada para o edifício de habitação

Proposta de espaço de trabalho

Proposta de espaço verde

Proposta de espaço de trabalho

“Prédios Viola” (existente)

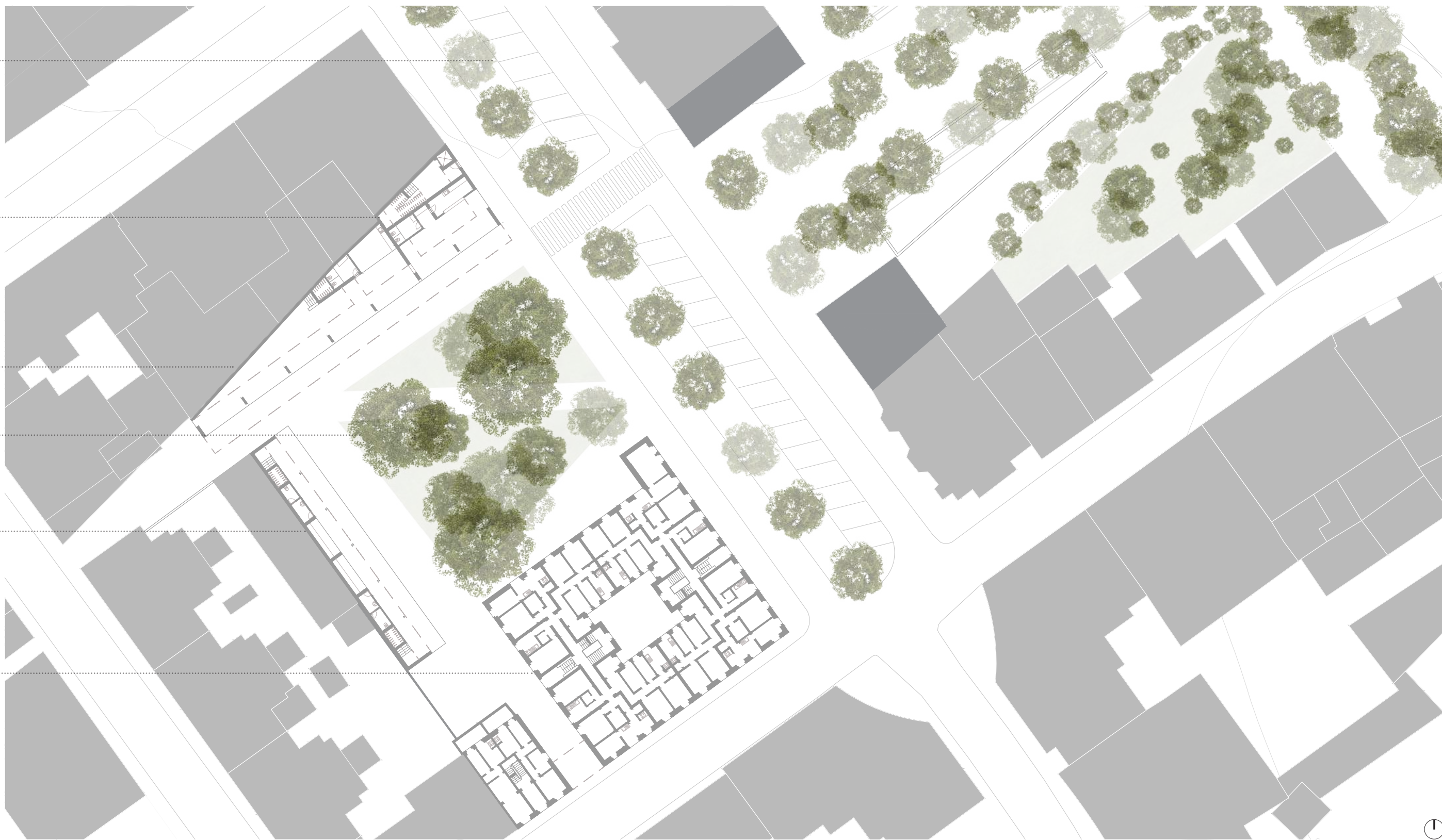


Figura 77: Planta de piso térreo do edificado. Escala 1:500.
(Ana Rita Jesus).



O edifício existente, de oito pisos, é colmatado pelo bloco habitacional proposto, e os muros existentes, ambos com cerca de 4 metros, são acompanhados pelos dois blocos para espaços de trabalho propostos. O interior do quarteirão cria um espaço verde de permanência, aberto para a Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva, e circulável, através de atravessamentos, pelo o pórtico dos edifícios existentes e por uma nova abertura, do lado poente, na Rua Fonte do Pinheiro.

O edifício de habitação tem uma estrutura de betão armado, com uma métrica de pilares de 6 metros. O programa desenvolve-se por 6 pisos com 2 tipologias diferentes. Uma de 2 quartos (1 fogo por piso) e outra de 1 quarto (2 fogos por piso), de maneira a receber vários tipos de dinâmicas familiares e de habitação. Todos os fogos estão munidos de varandas, viradas para sudeste, para o jardim (zona central do quarteirão) de forma a terem uma boa exposição solar e ventilação. As distribuições de águas e canalizações estão localizadas no núcleo central do edifício. No fogo de 2 quartos, este núcleo situa-se no centro, e o espaço social vive livremente à volta dele, virado a sul, deixando os quartos para nordeste. Nos fogos de 1 quarto, todas as divisões são colocadas do mesmo lado (cozinha, instalação sanitária e quarto), de modo a dar primazia ao espaço social livre.

O piso térreo oferece um restaurante, tanto para residentes como para trabalhadores e visitantes, na esquina do quarteirão. Os residentes do bloco de habitação fazem a entrada por uma porta na Rua Dr. Carlos Manuel Saudade e Silva, que leva diretamente à distribuição vertical (escadas e elevador). O vão de escadas é encostado à empena vizinha, com o intuito de aproveitá-la e abrir um corredor desafogado de distribuição para os fogos. Nessa distribuição vertical, alguns patamares (alternadamente) recebem luz e ventilação naturais diretas através de aberturas nas paredes exteriores, dos lados nordeste e sudoeste. De maneira a forne-

cer alguma iluminação e ventilação nos restantes pisos, existem umas brechas nas lajes para ajudar na sua distribuição.

As tipologias de habitação foram colocadas alternadamente para ajudar a criar alçados harmoniosos e padronizados, do lado nordeste e sudoeste. As varandas e os vários vãos – com e sem vidro – potenciam a ideia de vazio, contrastando com o esquema de cheio do betão. Do lado sudeste, destaque para a simetria da fachada, com esquema alternado de varandas – completas e de canto – e janelas de tamanhos diferentes. As fachadas, apesar de diferentes, têm elementos em comum que dão uma ideia de continuidade e de harmonia. A exceção é o piso 1 que acompanha o edifício do lado pois a ele pertence, apesar de estar ligado ao edifício de habitação, e o piso 0, com vidro em toda a extensão sudeste.

No edifício adjacente ao de habitação, existe um bloco de espaço de trabalho bastante comprido de forma “afunilada”, que acompanha o atravessamento pedonal pelo quarteirão e o muro existente. O seu espaço interior é amplo e de livre circulação e uso. Na parte mais larga, existem os serviços (escadas, instalação sanitária, zona de refeições) juntos ao muro existente, para libertar o resto do espaço. O edifício tem dois pisos que comunicam entre si através de três aberturas na laje (pé-direito duplo) e da iluminação natural vinda de diferentes pontos. De modo a maximizar o espaço sem pegada no solo, o piso superior encontra-se parcialmente em consola. A estrutura principal é à base de betão armado com pilares a cada 6,8 metros, e a consola e a cobertura são de estrutura metálica que se encaixam no betão para se suportar. A sua materialidade é de gesso acartonado. No segundo piso do bloco habitacional, que pertence a este bloco de espaço de trabalho, está localizado o espaço de refeições exclusivamente para trabalhadores do mesmo, não havendo acesso a este espaço através da distribuição vertical do edifício de habitação.

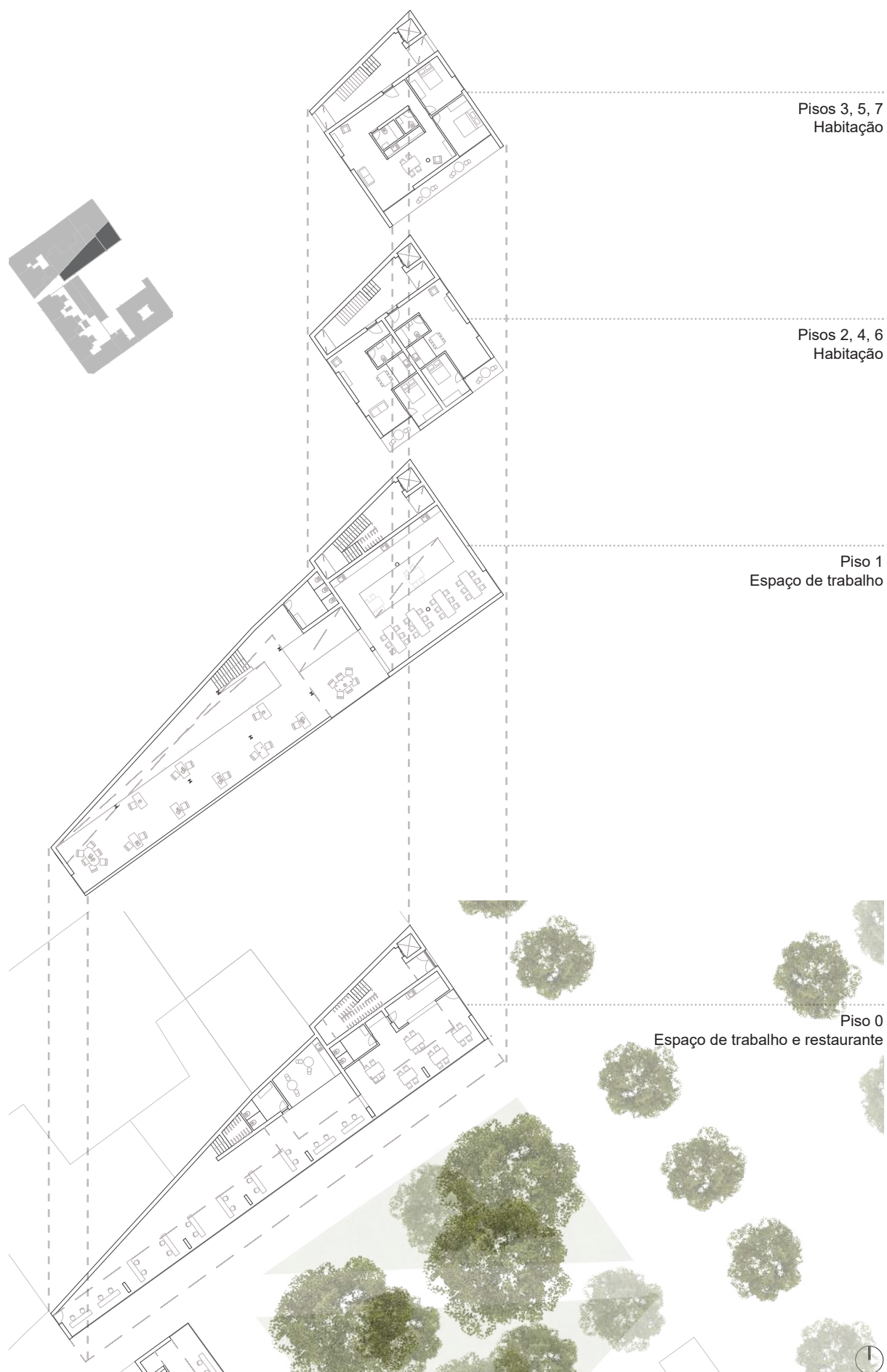


Figura 78: Plantas dos pisos de habitação e do bloco de trabalho maior. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

O outro espaço de trabalho, separado do restante, segue a mesma linguagem do bloco apresentado anterior, desde os pontos de luz natural, a comunicação interior dos dois pisos através de *mezzanine*, os serviços encostados ao muro existente para libertar o espaço e a estrutura.

O objetivo destes espaços de trabalho é abraçar todo o tipo de trabalhadores e artistas para poderem desenvolver e expor os seus trabalhos ou passar algum tempo de lazer, num ambiente de troca de ideias e experiências. Ambos estão munidos de instalações sanitárias acessíveis e de espaços de refeição, armários/despensas, e diversas zonas de trabalho.

A materialidade escolhida para os Edifícios Viola XXI pretende inspirar-se na história do local e no seu legado operário e industrial, recorrendo ao uso de materiais “crus” como o betão armado exposto, a madeira e o ferro, sem trabalho de ornamentação e na sua vertente mais “natural”.

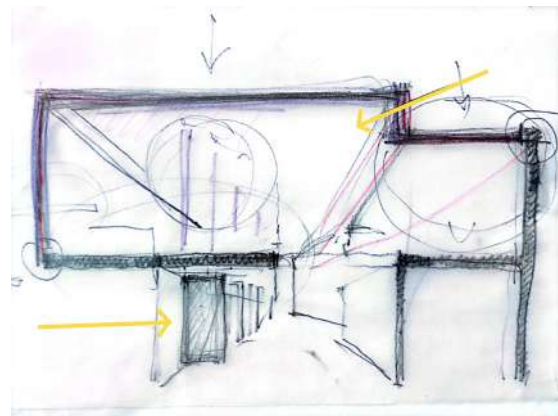


Figura 79: Esquema de estrutura e iluminação: consola de estrutura metálica e lajes de betão armado.

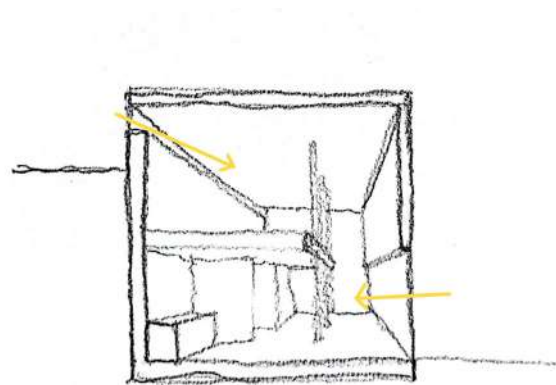


Figura 80: Esboço de perspetiva interior do bloco menor de trabalho com esquema de luz. (Ana Rita Jesus).

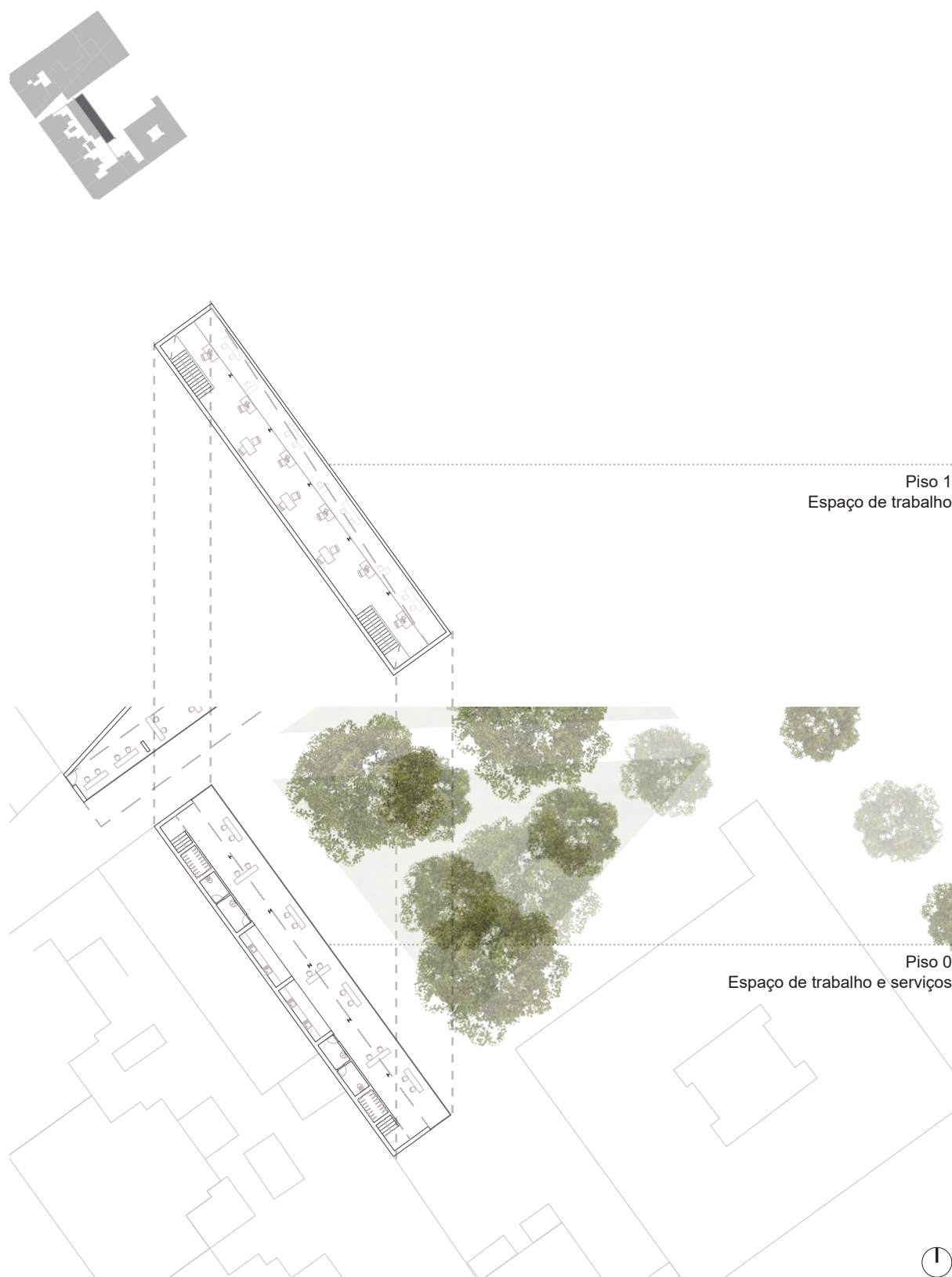
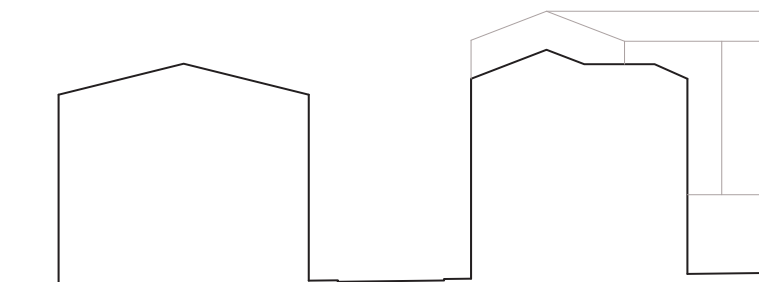
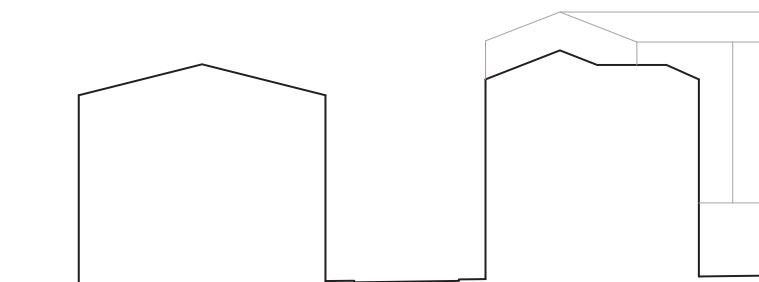
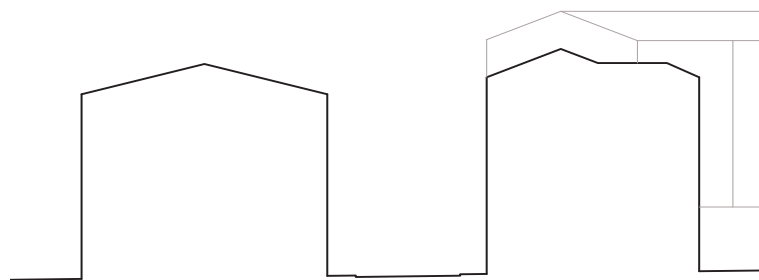


Figura 81: Plantas do bloco de trabalho mais pequeno.
Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).



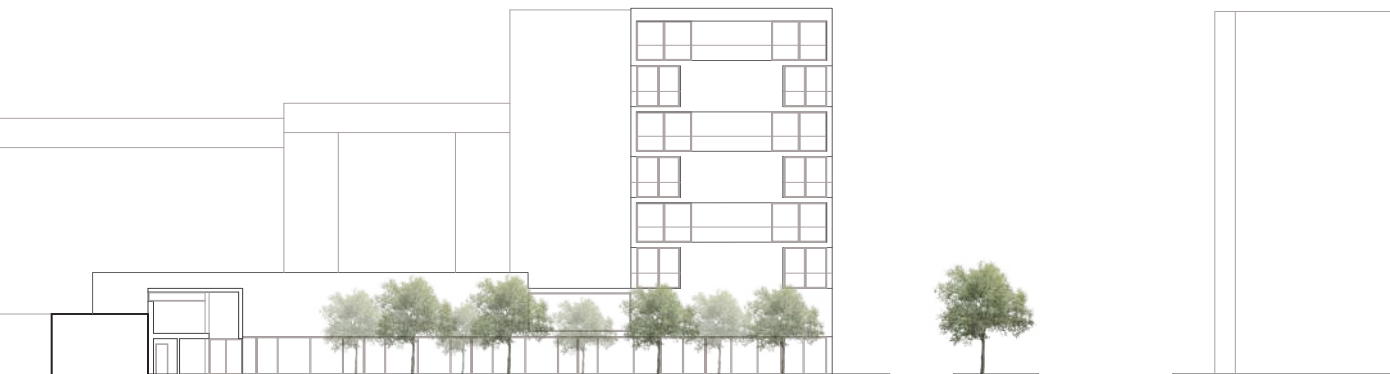


Figura 82: Corte transversal, pelo bloco de trabalho mais pequeno. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).

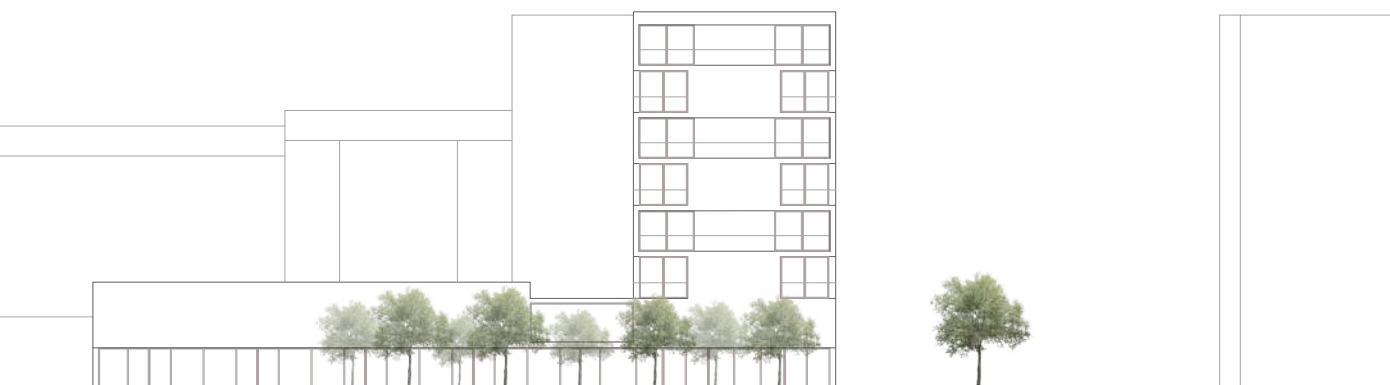


Figura 83: Alçado sudeste. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).



Figura 84: Corte longitudinal, pelo bloco de trabalho maior e pelo edifício de habitação. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).





Figura 85: Colagem com materialidades do alçado sudeste e perspectiva do espaço verde. (Ana Rita Jesus).

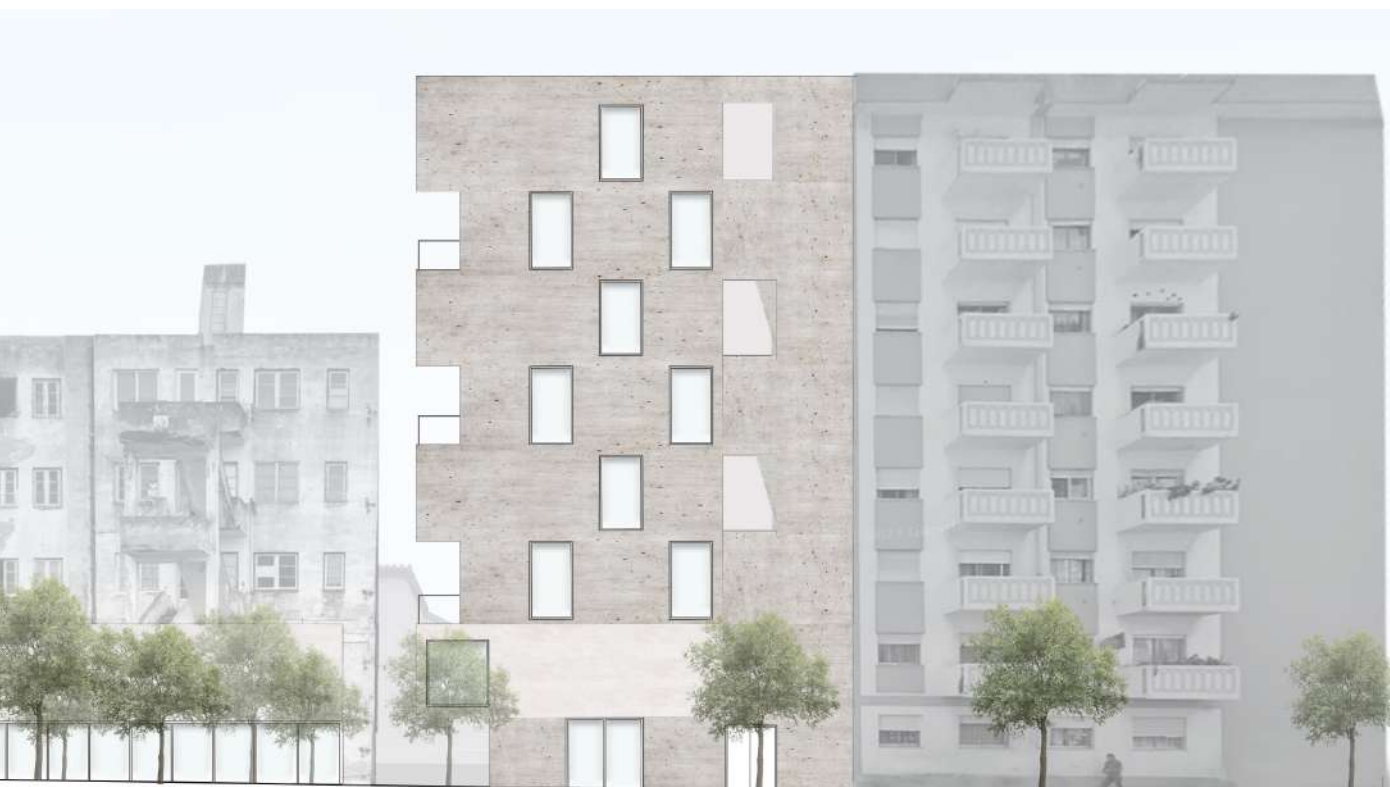


Figura 86: Colagem com materialidades do alçado nordeste. (Ana Rita Jesus).

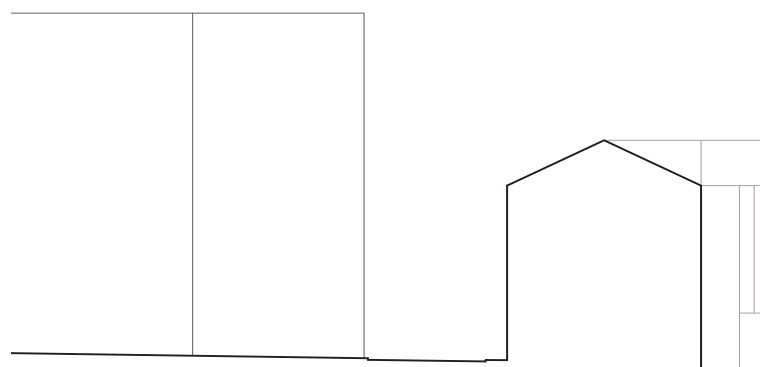




Figura 87: Corte transversal, pelo bloco de trabalho mais pequeno. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).



Figura 88: Alçado nordeste. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).



Figura 89: Corte longitudinal, pelo bloco de trabalho menor e corte transversal pelo maior. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).





Figura 90: Axonometria isométrica do bairro com a proposta verde e construída. Escala 1:500. (Ana Rita Jesus).





Figura 91: Perspetiva interior do espaço de trabalho maior com materialidades. Escala 1:50. (Ana Rita Jesus).

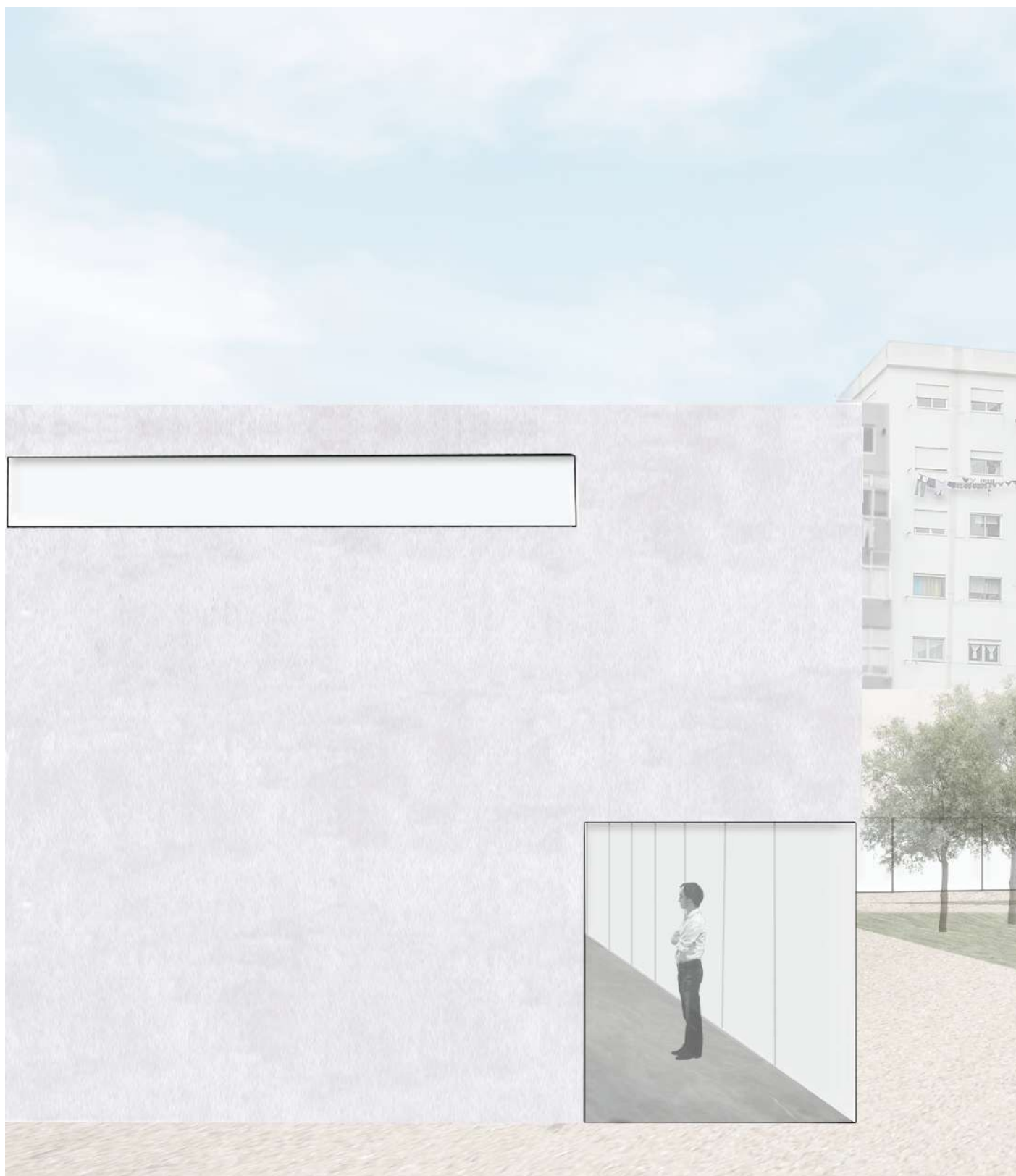




Figura 92: Perspetiva da entrada pelo pórtico, para dentro do quarteirão. (Ana Rita Jesus).





Figura 93: Perspetiva do ambiente do espaço verde, dentro do quarteirão. (Ana Rita Jesus).

4

Conclusão

Conclusão

A proposta dos Edifícios Viola XXI foi desenhada a pensar no combate a diferentes problemas. Em primeiro lugar, o problema urbanístico, caracterizado pela falta de espaços verdes, a existência de vazios urbanos, as grandes diferenças entre cêrceas e o excesso de automóveis nas ruas. O quarteirão dos “Prédios Viola” encontra-se degradado, contém um vasto espaço vazio desaproveitado e os ditos prédios estão praticamente desabitados. Assim, os Edifícios Viola XXI está inserido num programa de regeneração total do quarteirão. Ele pretende revalorizar o património histórico das Caldas da Rainha através da reabilitação dos “Prédios Viola”, memória de um investimento em habitação popular e operária dos anos 1940. A proposta visa igualmente valorizar e devolver um espaço abandonado à cidade, através da criação de um espaço verde aberto ao público – de facto, a permeabilidade do quarteirão foi considerada fundamental. As três entradas propostas (em vez da única entrada existente) permitem o acesso da cidade ao quarteirão, ao mesmo tempo encurtando distâncias. Igualmente, procurou-se dar uma nova frente à cidade, ao rematar as três empenas cegas existentes, em parte vestígios das antigas oficinas da SEOL desativadas nos anos 1970. Esta questão do remate das empenas foi, ainda assim, resolvida com o mínimo de construção possível de forma a não saturar uma zona da cidade onde a construção é já muito densa.

Em segundo lugar, os Edifícios Viola XXI, enquanto edifício, colmatam lacunas em termos de habitação e espaços de trabalho disponíveis. A proposta aumenta a habitação disponível nas Caldas da Rainha através da reabilitação dos “Prédios Viola” e da construção de novos fogos – as diferentes tipologias dos fogos existentes e a construir permite o alojamento de diferentes configurações de agregado (pessoas sozinhas, famílias, casas partilhadas). A criação de espaços de trabalho e de lazer (restaurante) aumentam a oferta deste tipo de

equipamentos, na realidade bastante escassos na zona da cidade em questão. Os espaços de trabalho propostos são amplos e de circulação livre. Estes novos espaços são híbridos e multifuncionais, onde diferentes pessoas podem trabalhar independentemente, mas num espaço comum, aumentando as oportunidades de troca de conhecimentos. Ademais, os espaços construídos permitem o seu uso misto de uma forma que acompanha o ciclo do dia, através das suas diferentes valências e utilizações, o que valoriza ainda mais o quarteirão e o bairro envolvente – as pessoas podem viver, trabalhar e descansar no mesmo espaço, aproveitando mais as ofertas e os serviços do bairro.

A resposta aos problemas identificados passou por propostas capazes de os solucionar, mas que estivesse em harmonia com a cidade existente. Ou seja, ao procurar resolver problemas, a proposta levou em conta o legado histórico e patrimonial das Caldas da Rainha. As Caldas da Rainha têm uma longa história iniciada na Idade Média, o que deu origem a uma cidade dotada de património relevante. Assim, dentre o património existente, fez-se o mapeamento de estruturas e equipamentos que de uma forma ou outra interagem e se articulam com os Edifícios Viola XXI e o quarteirão revitalizado.

Como porta de entrada na cidade, selecionou-se a Estação dos Caminhos de Ferro, que permite a ligação da cidade à capital e a diferentes pontos da costa ocidental do país. A estação articula-se com a Praça 25 de Abril que lhe fica próxima, marca do urbanismo do Estado Novo na cidade, onde os poderes públicos e religiosos estão sedeados ou representados. Os restantes edifícios selecionados estão ligados à história artística da cidade. Em primeiro lugar, o Museu José Malhoa, também ele uma criação estado-novista, um equipamento cultural e de lazer em funcionamento. Em seguida, um conjunto de espaços ligados à produção e criação artística, todos eles em funciona-

mento – a Fábrica das Faianças, o CCC, Silos Contentor Criativo e a ESAD. Por último, seleccionou-se um exemplo de património histórico estático – os vestígios das antigas fábricas de cerâmica SECLA. Se a Estação de Caminhos de Ferro e a Praça de 25 de Abril são testemunhos da expansão da cidade entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, os restantes edifícios apontados relevam diretamente da longa tradição artística das Caldas da Rainha. Para além do seu valor histórico e arquitetónico, estes espaços e edifícios foram escolhidos pela sua possível articulação com os Edifícios Viola XXI.

Efetivamente, os criadores, funcionários e utilizadores dos equipamentos seleccionados dedicados à criação artística – desde as artes plásticas e visuais às artes performativas – podem beneficiar dos espaços providenciados pelos Edifícios Viola XXI, sejam os de habitação, os de trabalho, ou os de descanso. De facto, os espaços de trabalho já existentes na cidade situam-se maioritariamente no centro histórico, pelo que o projeto cria espaços mais a norte, aumentando o leque de alternativas.

Por outro lado, a estação ferroviária e a Praça 25 de Abril são pontos de chegada e de passagem para os habitantes e utilizadores dos Edifícios Viola XXI. Esta articulação ganha um maior impacto com a proposta de um percurso verde que começa ou termina na Estação, passando pela Praça. Ou seja, o bairro em questão está inserido numa estratégia de percurso verde e pedonal que visa melhorar a qualidade de vida dos habitantes reduzindo o efeito da ilha de calor urbano na cidade. Potenciam-se as deslocações em transportes coletivos (comboio) e a pé, reduzindo a utilização do automóvel e os consequentes problemas ligados ao excesso de estacionamento na cidade.

A proposta de regeneração do bairro dos “Prédios Viola” apresenta várias valências. Faz parte de um percurso urbano que reabilita a

envolvente e devolve um local histórico à cidade. Trata-se de um projeto que se foca em resolver a uma escala localizada problemas identificados à escala da cidade e que, por isso e através de um volume coerente, devolve a cidade às pessoas através de espaços verdes. O projeto cria um novo ponto de interesse na cidade com um conjunto que oferece habitação, áreas de trabalho e um espaço público. É uma nova vida para o bairro, que responde às necessidades particulares da zona e contribui para o alívio das necessidades gerais da cidade, respeitando o seu carácter histórico, de influência industrial e artística das Caldas da Rainha.

5

Referências

Mapa de Referências



Figura 94: Praça do Museu da Cultura, Basileia, Suíça. Herzog & de Meuron, 2010. ArchDaily.



Figura 97: Unité d'Habitation, Le Corbusier, 1952. (Gili Merin, s. d.).



Figura 95: «Escola Superior de Música do Instituto Politécnico de Lisboa». Carrilho da Graça Arquitectos, 2008. (FG+SG fotografia de arquitectura, s. d.).



Figura 98: Walden 7, Barcelona, Espanha. Ricardo Bofill, 1975.

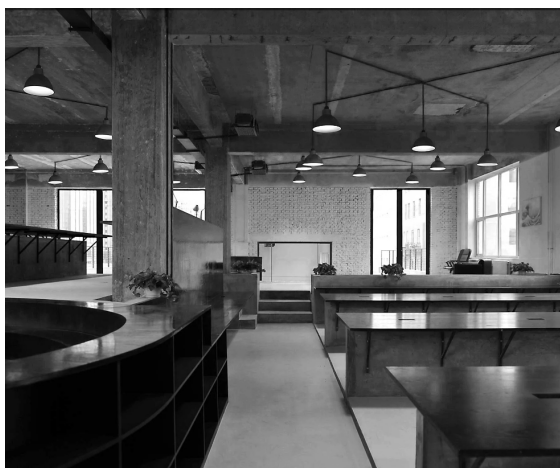


Figura 96: UP Co-working Factory, Beijing, China. DL Atelier, 2014. Architizer.



Figura 99: Entrance Lobby, looking outside at the alley of holly trees». Kimbell Art Museum, Texas, EUA. Louis Kahn, 1972. Appietecture.

Referências

CORREDOR VERDE
GONÇALO RIBEIRO TELLES
2012
LISBOA, PORTUGAL

O Corredor Verde de Monsanto é um projeto desenvolvido pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles durante a década de 70, mas só concluído em 2012. O projecto era consolidar um percurso, de cerca de 6 km, que ligasse o centro da cidade de Lisboa, desde o Parque Eduardo VII, ao Parque Florestal de Monsanto. O percurso passa pelo Jardim Amália Rodrigues, pelo Tribunal de Lisboa, pela Universidade Nova e atravessa a Avenida Calouste Gulbenkian, segue pelo Jardim da Amnistia Internacional, vai pela Quinta do Zé Pinto, em Campolide, e termina numa extremidade do Monsanto, no Parque do Calhau. Essa ligação é feita por meios de vias pedonais e cicláveis, e através de diversos tipos de espaços verdes como jardins, parques e hortas. Inclui zonas recreativas como *skateparks* e aparelhos de exercício físico, e espaços de permanência e contemplação como cafés com esplanada e miradouros. (Espaço de Arquitetura, 2012) O arquiteto salientou, numa entrevista à Antena 1, que o percurso pretendeu «respeitar todos os conceitos de organização da vida nesse corredor, de zonas de mato, zonas de arvoredo, zonas de relvado, zonas de horticultura.» (Henriques, 2012).



Figura 100: Troço do corredor verde. (Diogo Lopes, s. d.).

JARDIM FERNANDO PESSA
GONÇALO RIBEIRO TELLES
1962
LISBOA, PORTUGAL

O Jardim Fernando Pessa está inserido num interior de um quarteirão na freguesia do Areeiro em Lisboa, com uma área total de 1,7 hectares. O jardim foi inicialmente projetado em 1962, pelo arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles (Camara, 2008) e intitulado como homenagem ao jornalista Fernando Pessa. Existe apenas uma entrada para viaturas diretamente para a Avenida de Roma, com as restantes a passarem por túneis debaixo dos edifícios de habitação.

Mais de metade da área é ocupada por espaços verdes. Com planta em L, circunda o Fórum Lisboa - onde está colocada uma zona de estadia e um conjunto de várias esculturas que representam cenas quotidianas - e inclui um parque infantil e um campo polidesportivo. O caminho central é de percurso irregular, com calçada portuguesa. Tem ainda um quiosque com esplanada e um espaço para cães (Reis, 2018: 42).



Figura 101: «Envolvente - Jardim Fernando Pessa». Assembleia Municipal de Lisboa

OFFICE PILLAR GROVE
MAMIYA SHINICHI DESIGN STUDIO
2013
NAGOYA, JAPÃO

O projeto Office Pillar Grove localiza-se nos arredores de Nagoya, Japão, e é da autoria da Mamiya Shinichi Design Studio. Foi construído para ser o escritório e estúdio da própria, em 2013. A principal ideia do projeto foi criar um espaço de trabalho que incentivasse uma comunicação rica entre os colaboradores.

A estrutura em madeira permite a criação de um espaço sem paredes estruturais no interior, mais dinâmico, e a disposição livre das lajes gera várias diferenças de altura permitindo aos trabalhadores escolher os seus próprios espaços dentro do escritório. Quanto ao exterior, tem aberturas iguais nas quatro paredes. Alguns pormenores como as janelas cortadas por lajes, janelas colocadas em locais inacessíveis e escadas que surgem entre as lajes contribuem para um espaço rico e incomum. (Mamiya Shinichi Design Studio, 2015)



Figura 103: Interior do edifício de escritórios.
(Toshiyuki Yano, s. d.).

BLOCO DAS ÁGUAS LIVRES
NUNO TEOTÓNIO PEREIRA + BARTOLOMEU
COSTA CABRAL
1956
LISBOA, PORTUGAL

O Bloco das Águas Livres, em Lisboa, foi concebido por Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral de 1956. É um «programa de habitação, serviços e comércio» (Paulo, 2021: 30), que «valoriza as artes plásticas com obras de Almada Negreiros, Manuel Cargaleiro» (Paulo, 2021: 30) entre outros, e os seus espaços verdes são da autoria de Gonçalo Ribeiro Telles. (O bloco, s.d.).

Do ponto de vista arquitectónico, «a fachada principal, a Nascente, [é] marcada pela força das cores e texturas, vãos variados, varandas inclinadas, e a fachada Poente marcada pela horizontalidade das galerias e torre de acessos verticais» (Paulo, 2021: 30). O edifício tem o total de 12 pisos, com 8 pertencentes a habitação, com fogos «versáteis e com carácter funcional, existindo 4 tipos onde alteram as dimensões dos espaços e organização.» (Paulo, 2021: 30). Os restantes pisos são para as áreas comuns destinadas aos residentes, como lavandaria, sala de condomínio, e arrecadações.



Figura 104: Vista exterior do edifício.
 Fundación Docomomo Ibérico

6

Referências Bibliográficas

- Araújo, Catarina (2016). *Marvila: Habitar Através dos Vazios Urbanos*. Projecto Final de Mestrado elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- Barbas, Patrícia (2018). Sharing Public Spaces: Strangely Familiar. *Brick 18: Outstanding International Brick Architecture*. Alemanha: Park Books.
- Berbegall-Mirabent, Jasmina (2021). What Do We Know about Co-Working Spaces? Trends and Challenges Ahead. *Sustainability* 2021, 13 (1416). Disponível em WWW: <https://www.researchgate.net/publication/348891292_What_Do_We_Know_about_Co-Working_Spaces_Trends_and_Challenges_Ahead>.
- Camus, Albert (1947). *A Peste*. Paris: Gallimard.
- Careri, Francesco (2002). *Walkscapes: El Andar Como Práctica Estética*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.
- Cascão, Rui (2011). Modos de habitar. In Irene Vaquinhas (coord.), *História da Vida Privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Cipriano, Carlos (2016, 4 março). Re-encontro: Alberto Cortez - da Lousã para as Caldas da Rainha para trabalhar na SEOL. *Gazeta das Caldas*. a. XC, nº 5111. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/opinio/alberto-cortez-da-lousa-para-as-caldas-da-rainha-para-trabalhar-na-seol/>>.
- Correia, Maria A. (2013) *Modos de habitar – habitação temporária*. Dissertação Mestrado Integrado Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa.
- Del-Rio, Domingos (1963). 1963 crónica de um ano. *Gazeta das Caldas*, a. XXXIX, nº 1704, p. 5. 31 dez. 1963. Arquivo Histórico da Biblioteca da Câmara Municipal das Caldas da Rainha. Disponível em WWW: <http://bibliotecas.mcr.pt/BiblioNET/Upload/BMCR/ri_hist_local/efemerides/1704_31dez1963.pdf>.
- Fleming, Sean (2021). Sweden says goodbye to parking spaces, hello to meeting places. *World Economic Forum*. 18 fevereiro 2021.
- Duarte, Bruno (2011). *Reabilitação da Fábrica de Cerâmica “SECLA” em Caldas da Rainha*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior.
- Fonseca, João (2005). *Forma e Estrutura no Bloco de Habitação, Património Moderno em Portugal*. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Metodologias da Intervenção no Património Arquitectónico, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Gomes, Saúl A. (1994). *As Cidades Têm uma História: Caldas da Rainha das Origens ao Século XVIII*. 1ª ed. Caldas da Rainha: PH – Estudos e Documentos.
- Howell, Travis (2021). Coworking spaces: An overview and research agenda. *Elsevier*, 13 dezembro 2021.
- Jacobs, Jane (1961). *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House Inc.
- Kibert, Charles (2016). *Sustainable Construction, Green Building Design and Delivery*. 4ª Ed. USA: Wiley.
- Le Corbusier (2000). *The Modulor*. Paris: Foundation Le Corbusier.
- Le Corbusier (1969). *Maneira de pensar o urbanismo*. Maia: Publicações Europa-América.
- Martin, Thomas R. (2006) *Breve História da Grécia Clássica*. Lisboa: Editorial Presença.
- Medrano, Leandro (2005). Habitação coletiva, verticalidade e cidade. Modernidade sem estilo. *Arquiteturarevista*, vol. 1, nº2. Brasil: Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Meneguello, Cristina (2009). Espaços e Vazios Urbano. *Plural da Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, Coimbra: Edições Almedina.
- Miguel, Elisário (2012). *Cidades Verticais, A reinvenção da Unité d’Habitation à Marseille de Le Corbusier como tipologia habitacional contemporânea*. Dissertação de obtenção de Grau de Mestre em Arquitectura. Universidade da Beira Interior.
- Moroni, Stefano, Chiodelli, Francesco (2014). Public Spaces, Private Spaces, and the Right to the City. *International Journal of E-Planning Research*, 3 (1). Milão: IGI Global. [Consult. 11 fev. 2023]. Disponível em WWW: <https://www.researchgate.net/publication/275998332_Public_Spaces_Private_Spaces_and_the_Right_to_the_City>.
- Oliveira, Filipa (2016). *Os Espaços Públicos das Caldas da Rainha: Regeneração Urbana e Identidade*. Dissertação

- de Mestrado. Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa.
- Ortigão, Ramalho (1975). *Banhos das Caldas e Águas Minerais*. Porto: Livraria Universal.
- Paulo, Alexandra (2021). *Tipologias de Habitação Contemporânea: Experiências em Portugal no século XXI*. Dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Pereira, Nuno T. (1994). Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário. *Análise Social*, vol. XXIX (127), 3.º. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em WWW: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223376980G9tRH8gg4Lc58CZ0.pdf>>
- Rachet, Guy (1992). *Dicionário Temático Larousse Civilização Grega*, Rio de Mouro: Círculo de Leitores. Ed. 4207.
- Reis, Cláudia (2018). *A eficiência térmica no potencial de arrefecimento de dois espaços verdes em Lisboa*. Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa.
- Romão, João (2017). *A Regeneração urbana através da reconversão de antigos espaços industriais. Uma intervenção na antiga fábrica da SECLA nas Caldas da Rainha*. Proposta de Projecto Final para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- Rossi, Aldo (2021). *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Serra, João B. (2003). *21 anos, pela História, Caldas da Rainha*. s. l.: PH – Estudos e Documentos.
- Serra, João B. [et. al.] (1998). *Linha do Oeste: Óbidos e Momentos Artísticos Circundantes*. s. l.: Assírio & Alvim.
- S. (1954). 4 mil contos para o Palácio da Justiça. *Gazeta das Caldas*, a. XXIX, nº 1152, p. 1, 4. 27 jul. 1954. Arquivo Histórico da Biblioteca da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.
- Tibério, Rui (2003). “Prédio do Viola” recuperado e inserido em empreendimento de 92 apartamentos. *Gazeta das Caldas*. 11 abril 2003, p. 8. Arquivo Histórico da Biblioteca da Câmara Municipal das Caldas da Rainha.
- Wirth, Louis (1956). *Urbanism as a Way of Life. Community life and social policy*. Chicago: University of Chicago Press.

Webgrafia

- A Bordallo Pinheiro, s. d.. [Consult. 01 set. 2023] Disponível em WWW: <<https://pt.bordallopinheiro.com/bordallopinheiro>>.
- Baptista, Sofia C. (2022, 8 agosto). Viver em comunidade e manter a independência: as chaves da habitação colaborativa. *Jornal Expresso*. Disponível em WWW: <<https://expresso.pt/longevidade/2022-08-08-Viver-em-comunidade-e-manter-a-independencia-as-chaves-da-habitacao-colaborativa-04fed17>>.
- Blanchar, Clara (2022, 12 dezembro). Los beneficios para la salud mental de poder ver tres árboles desde casa. *El País*. [Consult. 05 jan. 2023]. Disponível em WWW: <<https://elpais.com/clima-y-medio-ambiente/2022-12-12/los-beneficios-para-la-salud-mental-de-poder-ver-tres-arboles-desde-casa.html?mid=DM159109&bid=1399822658>>.
- Camara, Teresa (2008). Jardim Fernando Pessa. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Direção-Geral do Património Cultural. [Consult. 21 ago. 2023]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=26711>.
- Censos (2021). Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. [Consult. 08 out. 2022]. Disponível em WWW: <https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html>.
- Distrito de Leiria Evolução da População entre 1864 e 2011, s. d.. [Consult. 16 jun. 2023]. Disponível em WWW: <<https://populacaodistritodeleiria.jimdofree.com/>>.
- Edifício Larkin (1995, julho/agosto). Larkin Company Administration Building, Buffalo. *Arquitetura Viva*, Monografias nº 54, p. 36. [Consult. 22 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://arquiteturaviva.com/works/edificio-larkin-buffalo>>.
- ESAD.CR abre-te o mundo, s. d.. I.P. Leiria [Consult. 01 set. 2021]. Disponível em WWW: <<https://www.ipleiria.pt/>>

esadcr/escola/>.

Espaço de Arquitetura (2012, 17 dezembro). Ribeiro Telles viu hoje nascer o corredor verde que idealizou há 36 anos. *Espaço de Arquitetura*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://espacodearquitetura.com/noticias/ribeiro-telles-viu-hoje-nascer-o-corredor-verde-que-idealizou-ha-36-anos/>>.

Fábrica Bordallo Pinheiro (2014). Go Caldas. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gocaldas.com/fabrica-bordallo-pinheiro/>>.

Gomes, Francisco (2022, 2 setembro). Edifício da ESAD.CR é monumento de interesse público. *Jornal das Caldas*. [Consult. 16 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://jornaldascaldas.pt/2022/09/02/edificio-da-esad-cr-e-monumento-de-interesse-publico/>>.

Gomes, Francisco (2018, 29 novembro). Mil assinaturas entregues na Assembleia Municipal contra demolição da Secla. *Jornal das Caldas*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://jornaldascaldas.pt/2018/11/29/mil-assinaturas-entregues-na-assembleia-municipal-contrademolicao-da-secla/>>.

Gorjão, Sérgio (2004). Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Direção-Geral do Património Cultural. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23477>.

Henriques, Sandra (2012, 13 dezembro). Gonçalo Ribeiro Telles afirma que corredor verde de Lisboa foi ideia sua mas é obra comum. *RTP*. [Consult. 03 set. 2023]. Disponível em WWW: <https://www.rtp.pt/noticias/ambiente/goncalo-ribeiro-telles-afirma-que-corredor-verde-de-lisboa-foi-ideia-sua-mas-e-obra-comum_a611338>.

História, s. d.(a). Paróquia de Nossa Senhora do Pópulo Caldas da Rainha. [Consult. 01 set. 2021]. Disponível em WWW: <<http://www.paroquia-caldasdarainha.pt/sobre/>>.

História, s. d.(b). Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://ccc.com.pt/ccc/historia-valores-missao/20-historia-valores-missao>>.

Mamiya Shinichi Design Studio (2015, 3 novembro). Pillar Grove. ARQA. [Consult. 03 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://arqa.com/en/architecture/pillar-grove.html>>.

Matias, Cecília (2009). Hospital de Santo Isidoro/Escola Superior de Artes e Design (ESAD) das Caldas da Rainha. Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Direção-Geral do Património Cultural. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=28094>.

Mendonça, Adalton M. (2001, julho). Vazios e ruínas industriais, Ensaio sobre friches urbanas. *Vitruvius*. 014.06. ano 02. [Consult. 03 mar. 2023]. Disponível WWW: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/869>>.

Midões, Miguel (2021, 30 julho). Depois de anos sem “dar cavaco” à ferrovia, Portugal quer voltar a apanhar comboio do investimento ferroviário. *TSF*. [Consult. 16 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/anos-depois-sem-dar-cavaco-a-ferrovia-portugal-quer-voltar-a-apanhar-comboio-do-investimento-ferroviario-13993176.html>>.

Moreno, Carlos (2020, outubro). The 15-minute city. *TED Talks*. [Consult. 20 abr. 2023]. Disponível em WWW: <https://www.ted.com/talks/carlos_moreno_the_15_minute_city>.

Museu José Malhoa (2021). DGPC/DMCC. [Consult. 18 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-jose-malhoa/>>.

Narciso, Natacha, JLAS (2018, 26 janeiro). Recordar a Secla que, se existisse, teria 70 anos. *Gazeta das Caldas*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/sociedade/recordar-secla-existisse-teria-70-anos/>>.

Narciso, Natacha (2020, 8 outubro). Silos, a cativar criativos há 10 anos e a querer expandir para novos espaços. *Gazeta das Caldas*. [Consult. 05 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/cultura/silos-a-cativar-criativos-ha-10-anos-e-a-querer-expandir-para-novos-espacos/>>.

Narciso, Natacha (2010, 23 julho). Silos da Ceres vão ser pólo de produção e animação cultural e de lazer. *Gazeta das Caldas*. [Consult. 01 set. 2023].

Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/sociedade/silos-da-ceres-vaio-transformar-se/>>.

Nunes, Diogo F. (2021, 26 dezembro). Linha do Oeste à espera dos comboios elétricos para recuperar. *Dinheiro Vivo*. [Consult. 06 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://www.dinheirovivo.pt/empresas/linha-do-oeste-a-espera-dos-comboios-eletricos-para-recuperar-14438733.html>>.

O Bloco, s. d.. Bloco das Águas Livres. [Consult. 22 ago. 2023]. Disponível em WWW: <<https://blocoaguaslivres.pt/>>.

Observatório das Migrações (2021). Imigração em Números. *Relatório de Estatística Anual 2021*, p. 49. Alto Comissariado para as Migrações. [Consult. 28 fev. 2023]. Disponível em WWW: <<https://ec.europa.eu/migrant-integration/system/files/2021-12/Relat%C3%B3rio%20Estat%C3%ADstico%20Anual%202021.pdf>>.

Redação (2013, 19 setembro). BE questiona sobre edifícios abandonados e inacabados na cidade das Caldas da Rainha. *Gazeta das Caldas*. [Consult. 01 abr. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/diversos/be-questiona-sobre-edificios-abandonados-e-inacabados-na-cidade-das-caldas-da-rainha/>>.

Redação (2021, 4 maio). Moagem centenária acolhe projetos empreendedores. *Jornal das Caldas*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://jornaldascaldas.pt/2021/05/04/moagem-centenaria-acolhe-projetos-empreendedores/>>.

Redação (2012, 13 fevereiro). Parque subterrâneo será inaugurado a 28 de Fevereiro. *Gazeta das Caldas*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://gazetadascaldas.pt/sociedade/parque-subterraneo-sera-inaugurado-a-28-de-fevereiro/>>.

Redação (2010, 26 agosto). Silos de moagem transformados em viveiro de criatividade. *Jornal das Caldas*. [Consult. 01 set. 2023]. Disponível em WWW: <<https://jornaldascaldas.pt/2010/08/26/silos-de-moagem-transformados-em-viveiro-de-criatividade/>>.

Rede de Transportes. Carreiras Interurbanas. Caldas da Rainha. Rodoviária do Oeste. [Consult. 30 set. 2023]. Disponível em WWW: <<http://www.rodoviariadooeste.pt/interurbanas/>>.

Saraiva, José H. (2002, 11 maio). Caldas, Capital por Conta Própria. *Horizontes da Memória IX*. RTP 2. [Consult. 27 dez. 2022]. Disponível em WWW: <<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/caldas-capital-por-counta-propria/>>.

Silva, António D., [et. al.] (2023). How people want to work – preferences for remote work after the pandemic. *ECB Economic Bulletin*. Issue 1/2023. European Central Bank. [Consult. 5 maio 2023]. Disponível em WWW: <https://www.ecb.europa.eu/pub/economic-bulletin/focus/2023/html/ecb.ebbox202301_04~1b73ef4872.en.html>.

Sousa, Marlene (2017, 31 março). CDU acusa Câmara das Caldas de não resolver o problema dos prédios abandonados na cidade. *Jornal das Caldas*. [Consult. 21 abr. 2023]. Disponível em WWW: <<https://jornaldascaldas.pt/2017/05/31/cdu-acusa-camara-das-caldas-de-nao-resolver-o-problema-dos-predios-abandonados-na-cidade/>>.

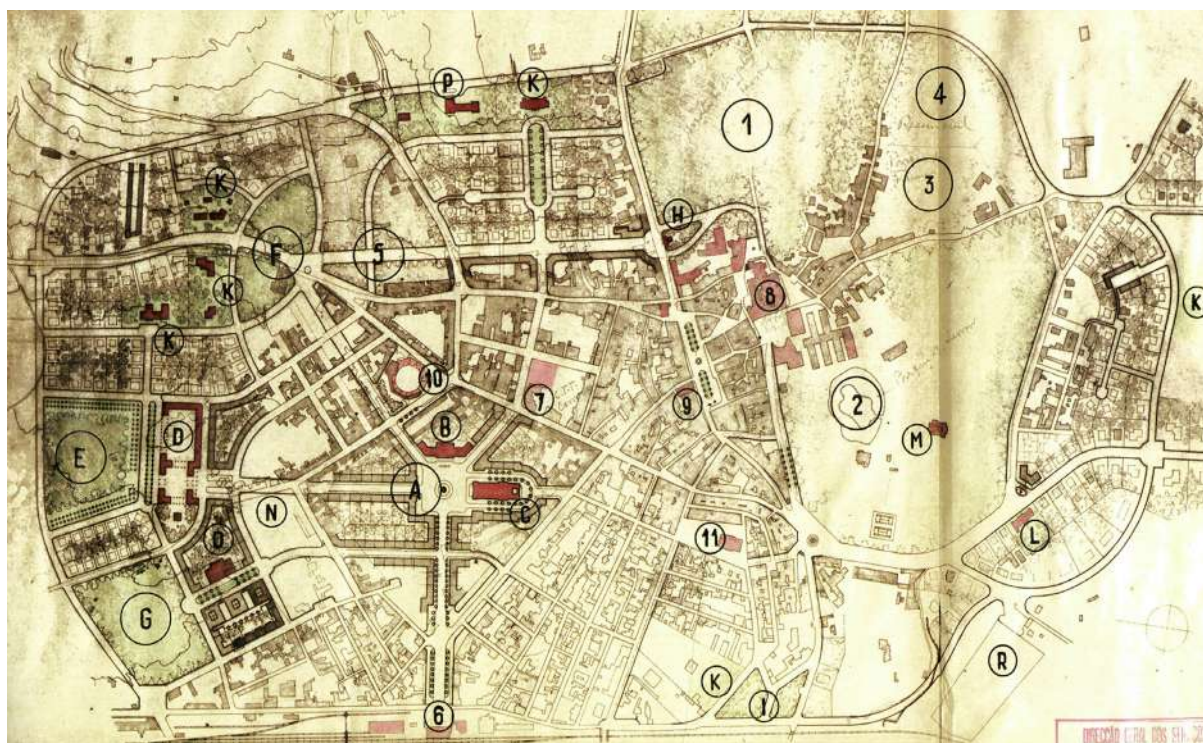
TOMA, Projeto Piloto de Transporte Urbano (30 setembro). Rodoviária do Oeste. Câmara Municipal das Caldas da Rainha. [Consult. 26 set. 2022]. Disponível em WWW: <<http://rodoviariadooeste.pt/novo-servico-rdo-toma/>>.



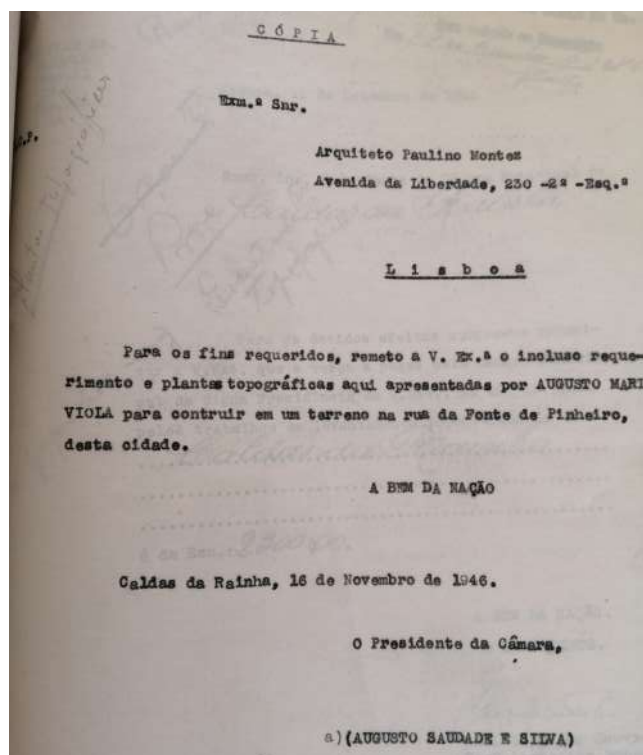
«Caldas da Rainha - 1957». Fotografia aérea. Instituto Geográfico Português. Câmara Municipal das Caldas da Rainha



Fotografia analógica das Caldas da Rainha, 1982. Série da cobertura aerofotométrica de Portugal Continental. Escala: 1: 15 000. Caldas da Rainha.



Plano de Urbanização da Cidade das Caldas da Rainha, de Paulino Montez, aprovado em 1953. Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.



Cópia de ofício do Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Augusto Saudade e Silva, ao arquiteto Paulino Montez. 16/11/1946. Plantas topográficas e planos de urbanização. Arquivo Histórico da Biblioteca da Câmara Municipal do Concelho das Caldas da Rainha.